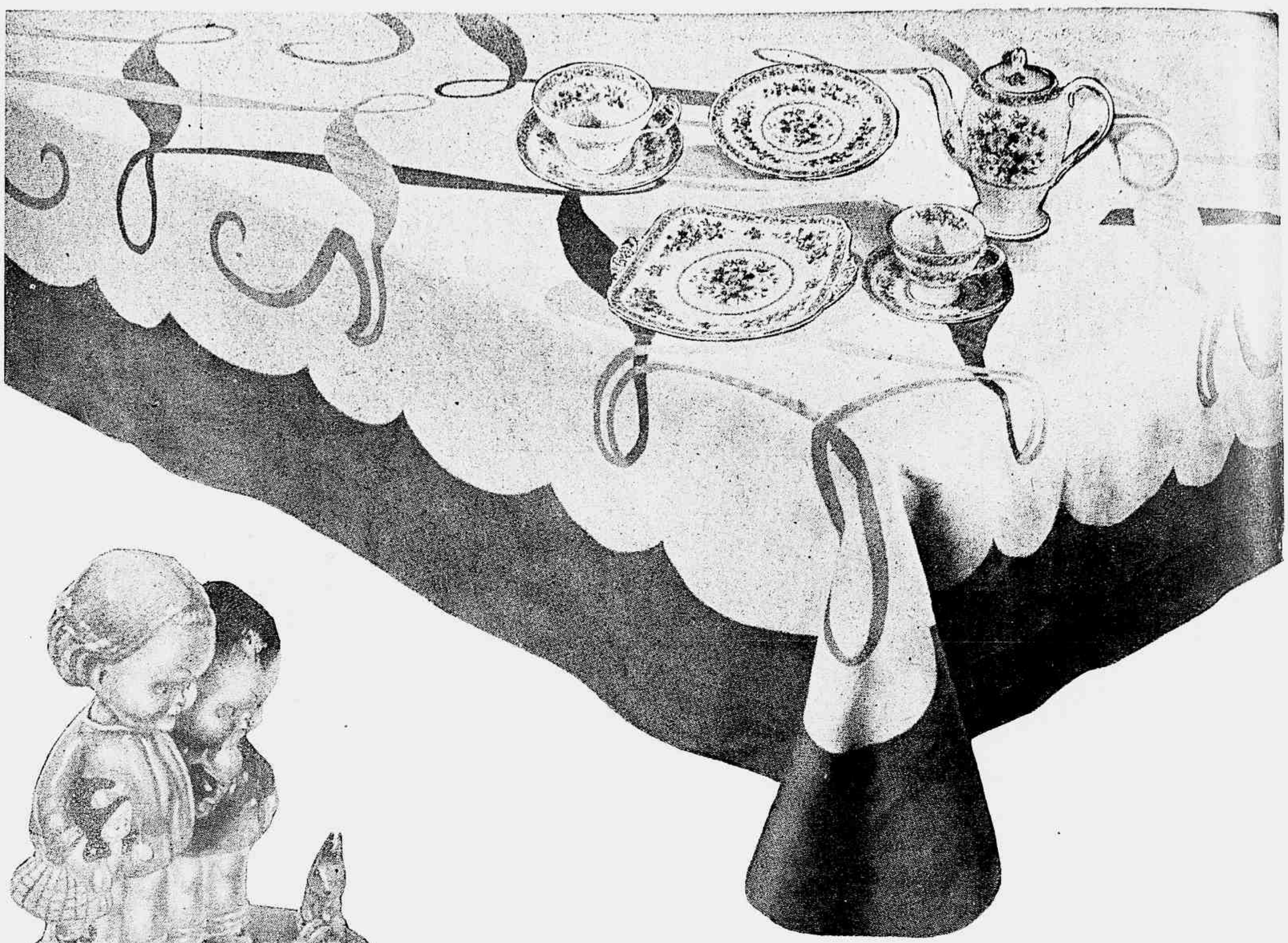
REVISTA DA SEMANA

N.º 43 Cr$ 3,00 em todo o Brasil 23-10-48

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



AÇUCAR PEROLA

★ ★

Produto econômico, de grande pureza, sêco, dissolvendo-se inteiramente, dando maior rendimento que qualquer outro.

FÁBRICA

RUA PEDRO ALVES, 319

TEL. 43-4830

RIO DE JANEIRO

CAIXA POSTAL 1224

COMPANHIA USINAS NACIONAIS

JATOBÁ

A História está repleta de exemplos de homens que dedicaram toda a sua vida em benefício de uma causa; homens abnegados que esqueceram, por muitas vêzes, que o tempo é implacável em sua marcha, e se embrenharam pelo seu ideal, cometendo injustiças, muitas vêzes, justamente devido a essa mesma abnegação, deixando de cuidar dos seus interêsses de chefe de família e de membro de uma sociedade.

Nesses instantes o homem torna-se como que um iluminado. Não existe de forma alguma sacrifício que êle não possa fazer. Especialmente porque se torna, em verdade, um perfeito discípulo de Sartre na escolha da norma a seguir. Que interessa o que se possa pensar dele? Cremos firmemente que essa espécie de idealistas está ligando muito pouco a opinião alheia. Mesmo porque só os sem objetivo recebem sugestões e as aceitam. Aquêles que traçaram uma linha de conduta são fortes a ponto de levá-la até o fim; a posteridade se encarregará de julgá-los. Os críticos do presente estão por demais amesquinhados pelas paixões momentâneas; daí a deturpação das suas críticas que estão sempre beirando o exagêro. A não ser que creiamos como Baudelaire quando dizia que a melhor crítica é a crítica apaixonada.

Lembramos Wolfgang Amadeus Mozart, "o mais musical de todos os músicos", que, devido justamente à sua carreira tão ingrata naquela época, aplacava a fome e o frio valsando com sua mulher ao redor da sala...

E quantos, quantos exemplos!

★

Um telegrama da cidade do Salvador nos põe ao corrente de um doloroso acontecimento: o falecimento do maestro baiano Pedro Irineu Jatobá, uma vida dedicada à sublime causa da música. Êsse homem foi dos tais que jamais conheceram descanso. Em todos os instantes de sua vida teve o espírito voltado para a divulgação da "Divina Arte", para usarmos a designação de Jaime Pahissa. Formado em farmácia, sabia muito bem que não estava aí a sua verdadeira vocação (lembramos Rimsky-Korsakoff como médico do exército russo...), daí ter-se dedicado, a partir de 1934, ao desenvolvimento da cultura musical na Bahia.

Jatobá criou um Curso de Música Sacra no Instituto Feminino da Bahia, que, historicamente, foi o primeiro a ser inaugurado ali. Tempos depois ingressou, após notável concurso, no Instituto de Música daquele Estado, donde se afastou para, juntamente com alguns companheiros, fundar a Escola de Música. Organizou e dirigiu, ainda, o "Coral Palestrina", considerado como uma das mais perfeitas organizações corais do País.

E' claro que surgiram sempre dificuldades a todas as suas emprêsas. No entanto, como Jatobá não conhecia o cansaço nem o desânimo, e como se encontrava enquadrado no rol dos idealistas de que falamos acima, só movimentava os seus passos para a frente, em demanda da positivação do grande ideal. Teria mesmo um objetivo certo? Sim e não. Porque o seu objetivo êle bem sabia que não lograria alcançar, tarefa que caberia à geração dos seus sucessores, porquanto o trabalho da divulgação e aprimoramento artístico de nossa gente não é serviço para um só homem, mas para muitas gerações de homens abnegados como Irineu Jatobá.

Foi, até a morte, organista do Mosteiro de São Bento, tendo dirigido durante muitos anos a parte musical das novenas do Bonfim e da Conceição da Penha. Era organista, violinista, tocando, ainda, outros instrumentos. Muitas vêzes apresentou-se como regente de côro e orquestras, conduzindo-se sempre com brilhantismo, quando menos sem decepcionar os espectadores. Promoveu festivais comemorativos dos centenários de Carlos Gomes, Johan Sebastian Bach e Richard Wagner.

O maestro Jatobá ouviu, também, o chamado da terra e da gente. Vivendo num Estado onde o povo é essencialmente poético, terra de Jorge Amado e Dorival Caymmi, não poderia deixar de apaixonar-se pelos temas vivos que brotam do coração da gente baiana, as cantigas dos homens dos saveiros, o ritmo bárbaro do candomblé dos terreiros dos pais de santo...

Tanto assim que nestes últimos tempos o maestro dedicara-se ao estudo do folclore nacional e baiano, pelo que vinha empreendendo longas viagens de observações a todos os recantos da Bahia, donde colhia a matéria-prima para o seu trabalho.

Não bastasse, porém, aí a fôlha de serviços (que já não é pequena) do maestro Jatobá. Há pouco iniciara um movimento para trazer a público a obra de compositores baianos do passado, tendo, para tanto, inaugurado uma galeria de músicos desaparecidos da Bahia e promovido uma série de festivais das obras dêsses compositores.

Mas estava escrito que Jatobá desapareceria no fulgor de sua existência de grande obreiro. Deus chamou-o a si no instante em que êle se tornava mais necessário à sua terra. Assim, Jatobá ficará inesquecível para a veneração das gerações porvindouras, as gerações dos discípulos e dos seus filhos, que, no grande mundo de amanhã, haverão de venerar a todos aquêles que foram os pioneiros da grande causa da cultura.

PÉRICLES LEAL

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

LITERATURA

Livros Novos (João Luso) 43
Vida Literária (Herman Lima) 49

MÚSICA E RÁDIO

Broadcast (Armando Miguéis) 20
Cláudio Santoro (Roberto Lyra Filho) 51

BIOGRAFIA

A vida de Émile Zola (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 46

ARTES PLÁSTICAS

A pintura de J. D. Kirszenbaum (Angelus Ravel) 48

REPORTAGENS

A ressurreição da vista 6/11
A sublime côrte de Iemanjá (Jorge Alberto) 15/18
Miss Brasil-Miss Universo (Sílvia Augusta) 30/31

CONTOS

A doença do André (Guy de Maupassant) 19
Consultório de psicanálise (Alduino Campos) 42

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max) .. 52

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) 53

CARICATURA

Bom humor 14

FOLHETIM

Drago 57/58

SEÇÕES PERMANENTES

Jatobá (Péricles Leal) 3
A semana em revista 4
A personalidade da semana 4
O mundo marcha 5

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos 21
Noites elegantes 22/23
Últimas criações 24/25
Requintes 26/27
Alta costura 28/29
A beleza dos olhos 32
Detalhes e novidades 32/33
Modelos esportivos 34/35
Mães e filhos 36
Em prol da beleza das linhas 37
"Week-end" na cozinha 38
Blusas 39
Para a praia 40/41

ILUSTRAÇÕES

Ana Zagorska
Sybilla

NOSSA CAPA

Ava Gardner tornou-se conhecida de todo o público cinematográfico por ocasião do seu casamento com Mickey Rooney, que foi o seu introdutor na Meca do cinema. Depois, com o seu próprio talento, adquiriu a situação privilegiada que hoje desfruta. Atualmente está ocupada na película da Universal "Vênus, Deusa do Amor", na qual faz o papel-título.

SOFRE a cênica universal a perda de um dos seus expoentes máximos com o falecimento, aos 91 anos de idade, de Ermete Zacconi, segundo nos informa um telegrama procedente de Roma.

Ator de invulgar talento, Zacconi teve toda a sua vida dedicada ao teatro, pois ainda criança já trabalhava no palco em companhia do seu pai, que também era ator. Em 1881 já era a primeira figura da Companhia "Dondini-Dominici", tendo, a seguir, trabalhado em diversas outras companhias teatrais, galgando, sempre, em cada novo ano que passava, posição mais elevada.

Acima de tudo um ator dramático, as suas "performances" arrancaram os aplausos mais frenéticos da crítica e do público de todo o mundo. Foi um artista consciencioso, honesto e seguro em suas interpretações.

Há dez anos passados esteve entre nós, sendo inesquecível a impressão que deixou a todos aquêles que tiveram a ventura de vê-lo no palco, com os seus gestos largos, a sua voz grave, a sua máscara magnífica.

Em 1894 atingiu o ponto mais alto de sua carreira, interpretando, diferentemente, Shakespeare, Dumas, Ibsen, Strindberg, Hauptmann, Beaumarchais, Thurybenieff, Rovetta, Bracco, Giacometti, Gabriel D'Annunzio e outros autores famosos, na Itália e em diversos países.

O trabalho do admirável Zacconi jamais deu margem a qualquer restrição dos comentaristas. O seu papel no "Rei Lear", de Shakespeare, quanto em "Os espectros", de Heinrich Ibsen, são dos mais louvados, isto não querendo significar que os seus demais papéis sejam de menor importância.

Aliás, a propósito do "Cardeal Labartini", um dos seus mais importantes desempenhos, há a seguinte história: ninguém na Itália lograva interpretar o "Cardeal", em respeito ao glorioso ator. De certa feita, porém, Zacconi entrou em cena com as vestes cardinalícias do protagonista e, pouco depois de iniciada a peça, passou-as a Gino Cervi, considerado o seu sucessor no teatro italiano, que prosseguiu na representação.

Assim foi Zacconi. Grande, generoso, despido de qualquer egoísmo e qualquer pretensão: e um gigante da expressão trágica do teatro de todos os tempos.

a Semana EM REVISTA

NOMES EXÓTICOS

Se não nos enganamos, há uma lei que proíbe sejam dados a crianças certos nomes estapafúrdios. Até pouco tempo isso fazia parte do direito pessoal de ter liberdade de cometer tolices sem prévia consulta às **vítimas**. Por êsse motivo, em 1930 um casal residente em Cascadura deu à filha recém-nascida o então festivo nome de **Aliança Liberal do Brasil**. Tudo em homenagem à revolução que depusera Washington Luís. Foi padrinho da portadora de nome tão esquisito e barulhento o sr. Batista Luzardo. Se estiver viva nos dias que correm, a senhorita (ou já madame) deve estar profundamente aborrecida com o azar seu de ter vindo ao mundo justamente naquele ano da campanha da Aliança Liberal. Poderá mudá-lo? Também não, em face da lei. Quando houve a guerra entre a Itália e a Abissínia, apareceram nos jornais meninos que eram levados à pia batismal ou ao registro civil para receber o nome de Selassié. Que será feito hoje dêsses pobres e inocentes que nenhuma culpa tiveram do descobrimento do Brasil? Há vários **Mussolinis**, alguns **Hitlers**, como certo rapaz de Matias Barbosa, em Minas, que, durante a guerra, em 1944, já nem mais podia sair de casa, pois era agredido, vaiado, criticado pelos outros seus colegas de estudos ou de cinema. Propôs seu pai a mudança do nome dêsse pobre Hitler mineiro, sem bigodinho e sem descanso. Mas dessa vez o juiz achou que se lhe despachasse o requerimento favoravelmente, já era de mais para um jovem que não podia levar por toda a sua vida o pesado êrro de um pai exaltado pela propaganda alemã. Agora, outra criança ia correndo o risco de receber um nome incrível, **Patrulhina**, simplesmente por ter nascido, acidentalmente, num dos carros da Rádio-Patrulha. Se a moda pegasse, menino que nascesse num trem seria **trenzino**; num ônibus, **onibuzino**; num cinema, **cinematografino, pulguino, abacaxizino**... Felizmente o bom senso venceu, e a menina receberá o belo nome de Clarice, em homenagem à casa de saúde onde foi recolhida d. Almerinda, mãe da linda garotinha, que por um triz não ficaria marcada, durante toda a vida, por um nome que afugentaria qualquer moço daqui ou do estrangeiro. Patrulhina! Ora vejam só!

★

HISTÓRIAS DE PAPAGAIO

E' muito fértil a imaginação do carioca para inventar certas piadas ou anedotas políticas ou de outro qualquer gênero. Quando ocorre alguma agitação no País, o Rio de Janeiro se converte em vastíssimo e movimentado laboratório de "bolas", piadas e anedotas ou piruadas, como passaram recentemente a chamar a tais torneios pitorescos. Durante o Estado Novo, eram inúmeras as anedotas que fabricavam e nas quais sempre aparecia Getúlio, outras figuras nacionais ou internacionais e o imprescindível papagaio. Foi tão marcante êsse prestígio da ave falante que até o cinema a aproveitou, como vemos nos "cartoons" elaborados pelo estúdio de Disney, de onde surgiu o Zé Carioca em suas farras ao lado do Pato Donald. Mas não é somente o carioca, êsse irreverente filho de todos os Estados do Brasil, que se refugia no anedotário como um recurso espiritual para vingar-se de dirigentes políticos. Em Paris, em Londres, em Berlim, há o mesmo espírito **carioca** a produzir histórias engraçadas e pitorescas. E' uma das facetas mais interessantes do homem do povo, do indivíduo humano que sofre restrições na sua liberdade ou não está satisfeito com a direção das coisas públicas. Como não lhe é possível mudar pela violência a situação política, então surge a anedota que fere como seta envenenada ou corta como a lâmina de um punhal. E' a êsse meio que muitos também recorrem para livrar-se de certas responsabilidades. Assim sucedeu com aquêle recruta nordestino numa das cidades ocupadas pelas fôrças legais na revolução de 1932. O comandante proibira, até sob ameaças de fuzilamento, qualquer ato de furto ou roubo. Na mesma hora foi conduzido à sua presença um soldado baixote, mal amanhado, detido quando furtava um papagaio de certa casa de família. Ao ser interrogado e severamente repreendido, justificou seu ato com estas palavras: "Mas seu comandante, êste danado tava medonho falando má do gunvêrno". Agora, em Berlim correu mundo uma anedota de papagaio. Dizem que um habitante de uma das zonas em que se divide a capital alemã, mas sem partidarismo, tendo chegado a sua casa e dado por falta do seu papagaio de estimação, correu à polícia e comunicou o infausto acontecimento, pedindo às autoridades que o ajudassem a encontrá-lo. — O papagaio fala? — indagou a autoridade. — Sim, — respondeu o dono, — mas quero que fique bem claro o seguinte: qualquer opinião política que êle emitir corre por sua inteira responsabilidade...

★

AS CLASSES E O POVO

Reparem bem e vejam quanto tem sido danosa ao Brasil, isto é, à coletividade, ao povo em geral, a organização da nossa sociedade em classes, estimulada pelo período ditatorial. Porque entre nós o espírito de classe sugere a noção dos deveres para com a coletividade, cada qual por seu próprio interêsse sem perguntar se êste não fere o da maioria: a classe dos açougueiros, como a do fabricante de um produto, ou, ainda, a dos revendedores de batatas ou coisa semelhante; as chamadas classes altas e as modestas — todas elas agem neste sentido. Agora mesmo estamos diante de um exemplo: automóvel de praça nos últimos tempos deu dinheiro de mais. Um motorista, no pôrto, era um rei, e o passageiro, explorado, um miserável pedinte. E o lucro extraordinário da boléia passou a alimentar o lucro sem limites de outra classe: a dos garagistas e anexos. Terminou a guerra, procurou-se pôr têrmo à inflação e a vida vai retomando o seu curso normal. Já não se pede pelo amor de Deus uma corrida de auto e o velocímetro já registra o tempo e o preço. Mas, como as oficinas teimam em ganhar de mais, querem os motoristas cobrir a diferença à custa do povo. Assim, em vez de reiniciarem a batalha — justa e legítima — contra a faculdade que os autos particulares têm de fazer o comércio de transporte, pedem aumento de preço. Aquela faculdade foi, sim, um recurso de emergência adotado em favor da população. Que cesse dagora por diante, está certo. Porque não é plausível que a classe dos automóveis particulares interfira, permanentemente, nos legítimos interêsses da outra. O que porém é fundamental é que todos se convençam de que a loucura decorrente da guerra passou, de que a vida há de voltar ao seu ritmo normal, assim para o gordo açougueiro, como para o fabricante de cimento, o proprietário de carro comercial, etc. Se os serviços e as utilidades não voltarem aos terrenos humanos e eternos da oferta e da procura, não cessará jamais a angústia social decorrente dos interêsses de classe mal compreendidos.

A ORELHA DE FERREIRA LIMA

A história e as crônicas registram nomes de certas personagens dêste mundo e as imortalizaram em face de inesquecíveis particularidades do corpo físico de tão famosas criaturas. Assim, todo mundo fala no imortal nariz de Cleopatra, nas sublimes pernas de Mistinguette, nos chifres do Moisés de Miguel Ângelo (êstes por um êrro de tradução do hebraico), etc. Pois agora, na capital do Ceará, existe um cidadão que faz jus às atenções dos historiógrafos indígenas, devendo seu nome passar à posteridade. Dos seus atributos físicos o que lhe valerá a fama por todo o futuro é uma das orelhas. Não sabemos se a direita ou a esquerda. Mas isso ainda mais aguça a curiosidade dos investigadores do porvir. Chama-se êle Pedro Ferreira Lima, residente no bairro de Aldeiota. Como todo brasileiro, tem lá seus motivos para tomar uns dedos da **jiribita**, que serve para tudo. E pela manhã, antes de entrar no batente, foi ao botequim e virou o **oitavado**. O gôsto da branquinha, porém, não lhe agradou. Aquela cachaça parecia estar com maleita. Que diabo! Até ela andava falsificada, dificultando a felicidade do homem neste mundo. Fez careta, repugnado, mas já a bicha estava lá por dentro. O mau sabor, embrulhando o estômago, não saía do seu paladar aprimorado de conhecedor de **moça branca**. Assim não era possível trabalhar. Que fazer? Com surpresa de todos, puxou de afiado canivete, cortou uma de suas orelhas e mandou assá-la na cozinha do bar. Como o artigo era dele mesmo, o cozinheiro não pôde antepor nenhum argumento, e aquelas nervuras retorcidas chiaram nas brasas do fogão. Logo que estava bem passada, mestre-cuca entregou êste novo e exótico petisco ao seu legítimo dono e ficou a olhar como se devorava uma orelha humana assada. Pedro Ferreira Lima, sem exibição nem cerimônias, meteu-a na bôca, mastigou bem e a engoliu com satisfação. Ao lhe perguntarem por que fizera isso, êle respondeu, a olhar fixamente para o dono do bar: "Para tirar o mau gôsto da cachaça"... O proprietário do boteco, por precaução, deve pedir prêmio a uma companhia de seguros para orelhas de gente, incluindo empregados e crianças...

★

UM GANSO NA CÂMARA

A atitude do vereador carioca Osório Borba protestando com veemência, da tribuna da Câmara Municipal do Distrito Federal, contra condenável emenda **votada às escuras** naquele legislativo e que cria **apenas** mais 25 (vinte e cinco!) cargos na Secretaria da mesma Câmara, merece os aplausos de todos que sentem as necessidades do Distrito Federal e sabem que o ocorrido encerra grave êrro por parte dos que cometeram a imprudência. Ninguém ignora que a Secretaria do Legislativo Municipal está superlotada de gente. Mas se fosse preciso, a bem do serviço, nomear mais duas dúzias de funcionários, que se fizessem as nomeações, porém sem que viessem a ser comprometidos o decôro da Câmara e o seu regimento interno, isto é, mediante concurso ou aproveitamento dos aprovados. Nada desmoraliza tanto uma instituição pública como a denúncia de faltas graves e comprovadas por parte de seus responsáveis. Osório Borba, cuja compostura moral, quer na vida de imprensa, quer na política, é penhor dos mais firmes com que conta o povo carioca na defesa de seus interêsses, deu o brado de alerta e verberou o a que êle chama de "uma emboscada", ao atacar de rijo a emenda de uma vereadora que permitia tantas nomeações exclusivamente para dar emprêgo a protegido de vários vereadores. Mas com o que não concordou, sobretudo, o sr. Osório Borba, foi com o processo de que lançou mão a Mesa para ser aprovada a emenda criticada severamente. Ao classificar o assunto de **imoralidade**, os ânimos se exaltaram, mas o vereador Osório Borba não diminuiu de intensidade e entrou a analisar a atitude da Mesa, terminando por declarar que "o que enxovalha esta casa, no particular, não é o que se diz dela; é, sobretudo, o que ela está fazendo". E que está fazendo a Câmara Municipal do Rio? Não cumpre ela o regimento? Vota resoluções que encobrem apenas uma "façanha de criminosos emboscados com imoralidades"? E' lamentável que o Legislativo Municipal tenha chegado a tal situação de desprestígio público. Mas é necessário que homens como Osório Borba permaneçam lá dentro para continuar na defesa moral de nossos costumes políticos e não venha a desiludir-se ou desesperar e deixe seu pôsto, como erradamente já fizeram alguns daquela mesma casa. Sempre serão indispensáveis os gansos do Capitólio. E na Câmara também...

ANO XLVII — REVISTA DA SEMANA — N.º 43 — 23-10-48

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO
PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples — Um ano ..... Cr$ 140,00 Seis meses ..... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ..... Cr$ 170,00 Seis meses ..... Cr$ 85,00
ASSINATURAS PARA O EXTERIOR
Registrada — Um ano ..... Cr$ 270,00 Seis meses ..... Cr$ 140,00
O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro
Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corresp. - na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo - Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N.Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa" — Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires.
O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação.
Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados
Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

O líder conservador britânico, sr. Winston Churchill, declarou que se os Estados Unidos destruirem os seus "stocks" de bombas atômicas "serão culpados de assassínio da liberdade humana e de suicídio de si mesmos". Os choferes de taxi pleiteiam aumento no preço das corridas. Assaltada a residência do conselheiro da Embaixada dos Estados Unidos. O cientista Alexei Efimov publica um livro em Moscou no qual declara que foram os russos os descobridores da América. Refugia-se na Embaixada brasileira em Lima o senador aprista Manoel Soerame Por-Lima. O Brasil adquire, dos Estados Unidos, peças de motores de avião no valor de 1.132.040 dólares; peças para metralhadoras, carros blindados, graxas e óleos no valor de 9.609.011 dólares, e capacetes de aço no total de 7.450 dólares, esclarecendo-se que o preço pago por todo êsse material foi apenas uma fração do seu custo original. O sr. Thomas Dewey reitera o seu apoio aos esforços em prol da paz, atacando a política do presidente Harry Truman em relação aos trabalhadores americanos. O govêrno do Peru convida o embaixador "yankee" Cooper a deixar o país. O sr. Vishinsky acusa a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a França de usarem "veneno, insinuações e calúnia" contra a U.R.S.S. Anunciam os "comandos" que vão ser dedetizados os salões dos principais cinemas cariocas. Troca de acusações entre os delegados russos e norte-americanos na O.N.U. Discussão no Parlamento para o preenchimento das vagas dos parlamentares comunistas. Graves perturbações políticas no Estado de Alagoas, anunciam os jornais. Tenta suicidar-se, em Ohio, um veterano da guerra, declarando, à polícia, que atentara contra a vida em virtude dos rumores de um novo conflito que enchem os jornais. Pedida a intervenção federal no Estado do Piauí, pelo Tribunal Eleitoral. O sr. Osvaldo Aranha declara, em Belo Horizonte, que nem a Rússia sabe como começar a guerra, nem os Estados Unidos sabem como evitá-la. Nova lei de imprensa, em discussão na Câmara dos Deputados. Em uma localidade próxima a Petrópolis um agitador comunista, denunciado por um juiz de paz, assassina-o a tiros. Chega ao Rio o almirante O. B. Hardison, em viagem de inspeção às missões navais norte-americanas. Desarticuladas, em S. Paulo, as atividades da organização "Estrêla Vermelha", órgão de propaganda bolchevista no Brasil. Os jornais anunciam a chegada a Fortaleza de novos componentes do "Exército da Borracha", impaludados, desprotegidos e famintos. Anunciam-se substituições na Marinha, inclusive do diretor da Escola Naval. Surto de tifo em Vila Isabel, com muitas vítimas. Fechado pelos "comandos" o Hospital Veterinário Pasteur. Araci Abelha vai ser julgada. Pedida a cassação do mandato do deputado Juvenal Sayon, em S. Paulo, sob a alegação de que aquêle parlamentar é de nacionalidade síria. A Grã-Bretanha, segundo se anuncia, aumentará a sua frota anti-submarina. Morre o general Pantaleão Teles Ferreira. Não haverá intervenção no Piauí, dizem os jornais. Chegam a Minas duas descendentes de Franz Schubert. Greve de um milhão de funcionários públicos na Itália. Nomeado o general Fiuza de Castro para o cargo de chefe do Estado Maior do Exército. Morre o ator característico do cinema americano Samuel S. Hinds. O aumento de ordenado do funcionalismo em fase final no Senado. A igreja principal de Vila Resende, no Estado bandeirante, foi assaltada por um audacioso ladrão que, ao retirar-se, escreveu, em latim, a seguinte frase: "E' pela janela que entram os ladrões". Vítima de um acidente o comandante do Regimento Floriano. Os barbeiros também pretendem aumento. Transcorre o quinto aniversário da morte do cardeal Leme. Guerra ao mercado negro na França. Os oficiais e pilotos da Marinha Mercante vão pedir aumento de salários. Na cidade de Araxá um jovem, completamente louco, penetra na igreja local e destrói todas as imagens. Informam os jornais que virão ao Brasil vários expoentes da psiquiatria. Desastre com um avião da F.A.B., no aeroporto de Guararapes, no Recife, sem maiores consequências. O general George Marshall visita Atenas. Os jornais cariocas passaram a cobrar o preço de 1 cruzeiro por suas edições dominicais. Na ilegalidade o Partido Comunista filipino. Revolução na zona americana da Coréa. Violento temporal desaba sôbre Belo Horizonte, causando prejuízos de vulto. Os foguistas e marinheiros do navio brasileiro "Rio Tapajoz" entraram em greve, alegando falta de pagamento. Vão reunir-se em congresso os empregados no comércio hoteleiro, no dia 26.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: **Conto para a REVISTA DA SEMANA**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

A REPRÊSA DAS 180 COMPORTAS

A cêrca de 960 km ao sul do Cairo, encontra-se a célebre represa de Assuan, obra de arte considerável destinada a regular o curso do Nilo e, assim, garantir a prosperidade do Egito.

A represa, que tem um comprimento de 2 quilômetros e meio, contém cento e oitenta comportas de aço que ficam abertas no momento das águas altas e são fechadas depois, sucessivamente, para reter a imensa quantidade de água que outrora se escoava livremente em direção ao mar, inutilmente aliás, e para distribuí-la segundo as necessidades da agricultura.

Esta construção moderna provoca a inundação anual da mais pequena, e mais carregada de história, das ilhas do mundo, a ilha de Philaé, recoberta das ruínas dos templos de Osiris, Isis e Horus. As necessidades dos egípcios modernos não permitiram que se respeitassem as antigas colunas da ilha sagrada. Todos os anos, estas se tornam prêsa das águas do Nilo, em benefício do homem de hoje.

Alguém, ainda mais cruel do que os engenheiros que construíram a represa de Assuan diante da ilhazinha de Philaé, é o inimigo mortal dos habitantes do vale do Nilo, o mosquito do paludismo, dadas as consequências que dele resultam. Nesse vale extenso e fértil, inundado periodicamente pelas águas do Nilo, o paludismo ainda não desapareceu. Mas sem dúvida o Egito, que pôde edificar a represa de Assuan para assegurar a prosperidade da região, saberá também encontrar o meio de livrar por completo o povo egípcio do paludismo. A Comissão de Paludismo da Sociedade das Nações dá, nos seus relatórios, uma resenha dos resultados experimentais e publica importantes informações relativas à luta contra o sezonismo. Nesta luta, a quinina ocupa ainda o primeiro lugar. A Comissão de Paludismo recomenda, como constituindo um dos métodos eficazes, a dose diária de 400 miligramas de quinina durante a estação das febres para prevenir o paludismo e, para o tratamento propriamente dito, uma dose de 1 grama a 1 grama 30 centigramas de quinina por dia durante 5 a 7 dias. No seu relatório (edição inglêsa), publicado em 1938, a dita Comissão de Paludismo salienta, a páginas 124, que a inocuidade da quinina permite a sua ministração pelos empregados subalternos, sem vigilância médica constante.

FOTO STUDIO VIANA

Serviços fotográficos em geral

Rua México, 41-6.° andar, sala 604-A

Fone: 22-0846 — RIO

A ressurreição da vista

EM CIMA — "Close-up" da doente antes da operação O médico mostra o ponto esbranquiçado que produziu a turbação visual. O campo operatório é desinfetado por uma solução antisseptica de mercúrio cromo. EM BAIXO — Eis o arsenal dos variados instrumentos de que lança mão o cirurgião para executar o serviço

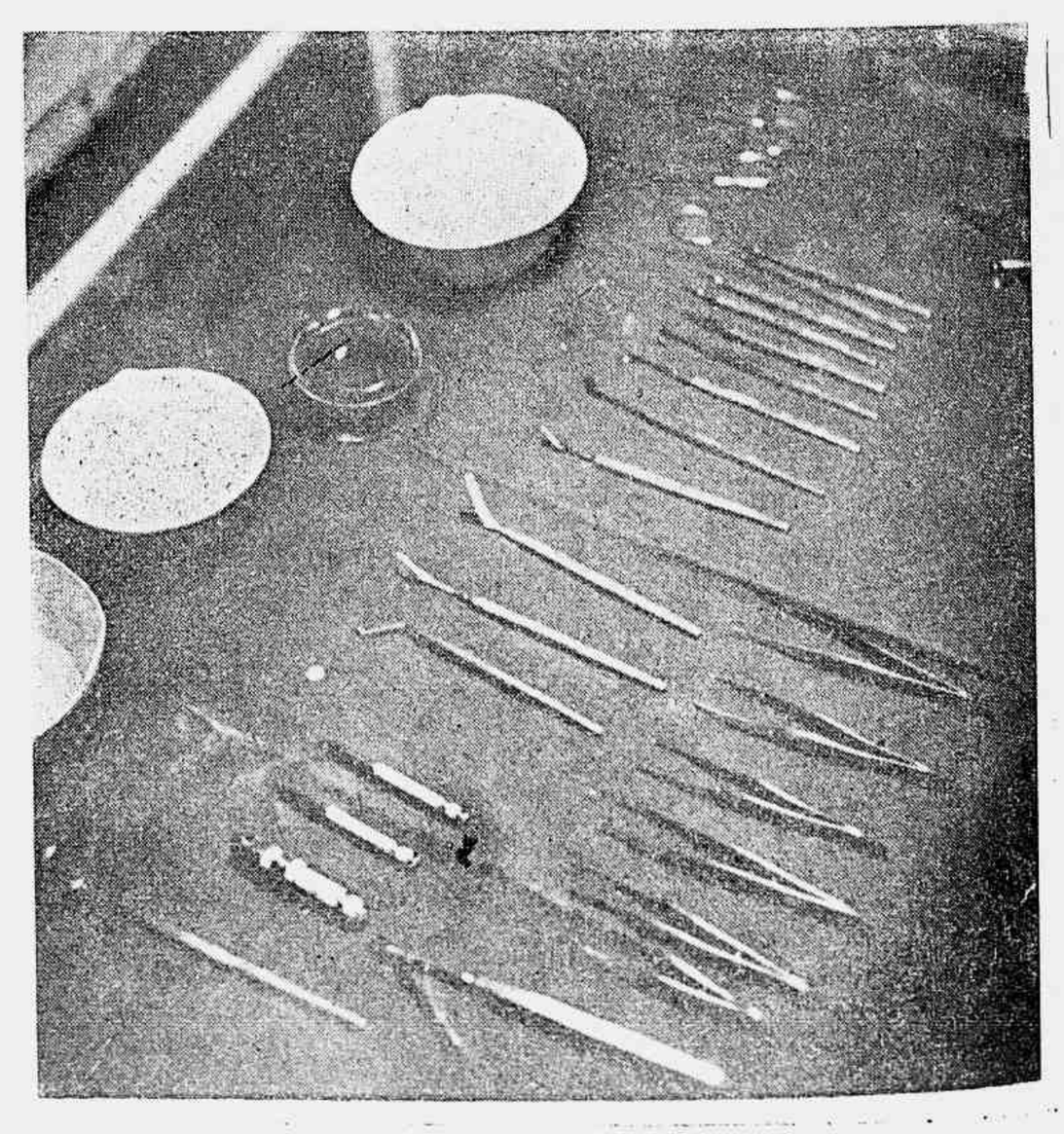
FOTOS "KEYSTONE"

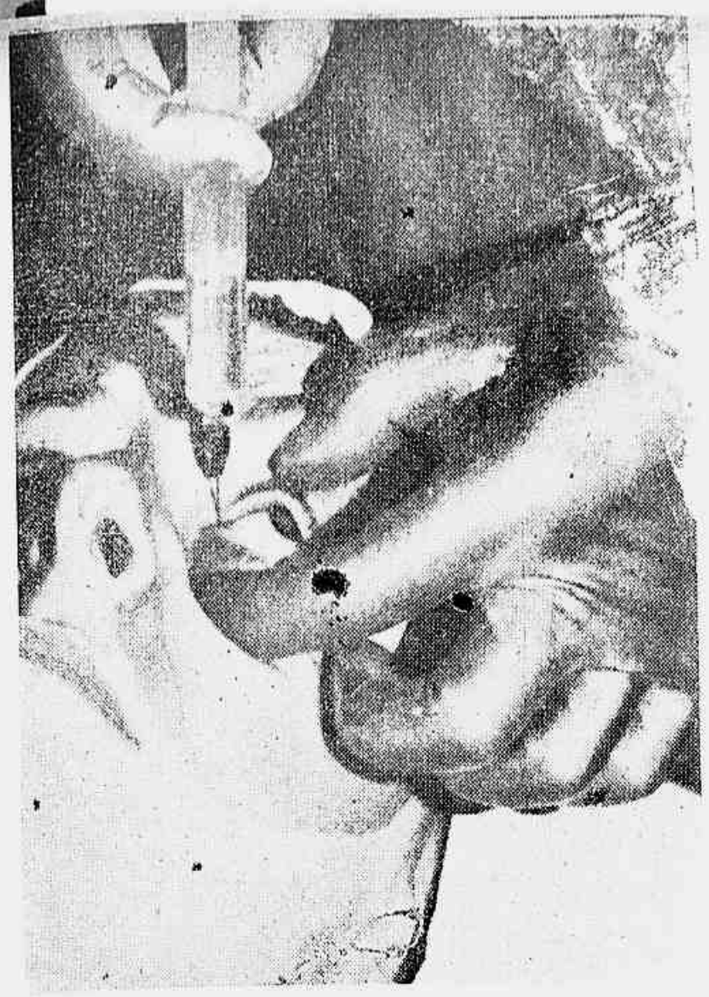
EM 1771, um francês de Montpellier, Pellier de Quengsy, no capítulo terceiro de seu tratado de afecções dos olhos, externou a idéia de substituir uma córnea opaca por um cristal transparente engastado em um anel de prata fixado na concavidade ocular, como uma espécie de escotilha.

Depois, em 1831, Diffenbach escrevia o seguinte: "A idéia que consiste em substituir a córnea cega de um homem pela sã de um animal, é, certamente, audaciosa fantasia, constituindo o mais sensacional sucesso da cirurgia no caso de que tal operação viesse a cobrir-se de êxito".

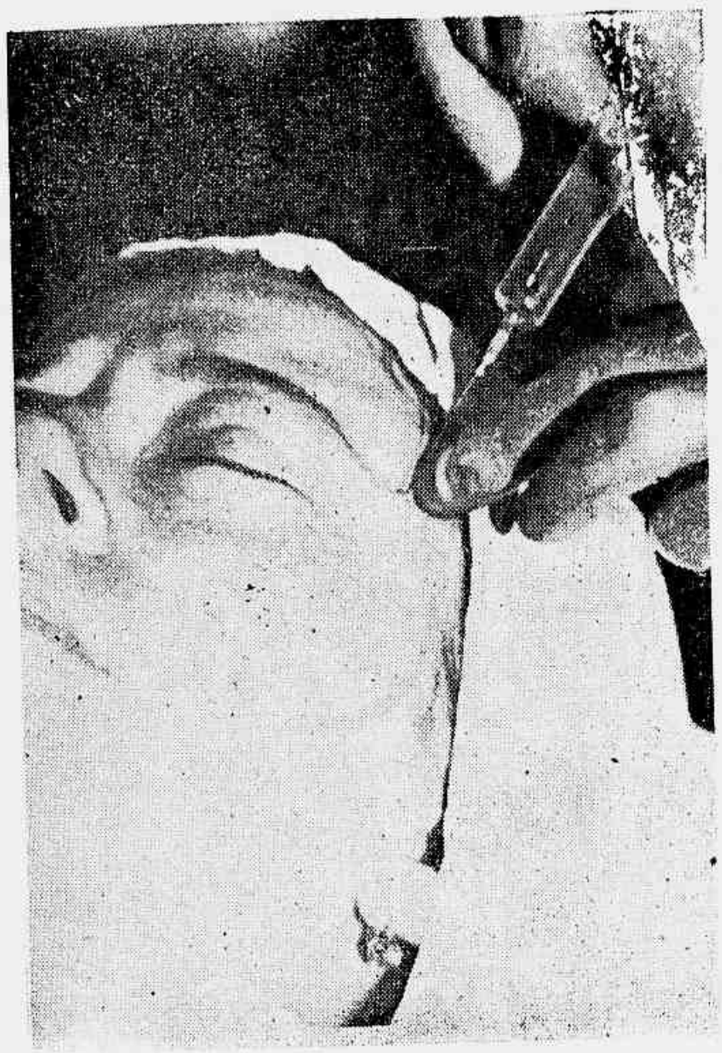
Após longo período de tentativas e insucessos, tendo-se como princípio a utilização dêsse enxêrto provindo de um animal e transplantado para o ôlho humano na luta para dar-se vista aos cegos, surgiu a **keiatoplastia**, ou seja, o enxêrto corneal, entrando a operação no domínio prático um pouco antes da primeira guerra mundial. Importantes trabalhos a êsse respeito aparecem na França, aí por 1912, execução da Escola de Lariboisierre de Paris e da Escola Bordelaise. Em Praga, o prof. Elechnig e seus alunos praticam com muito sucesso tais operações no homem.

Pouco depois da terminação da guerra, mais ou menos em 1920, começam os trabalhos e pesquisas do dr. Filatov, que instala em Odessa o primeiro grande centro especializado de **keiatoplastia**. Em 1930, em Nova York, Castroviejo publica os seus primeiros resultados. Quase ao mesmo tempo, na França e na Suiça êsses

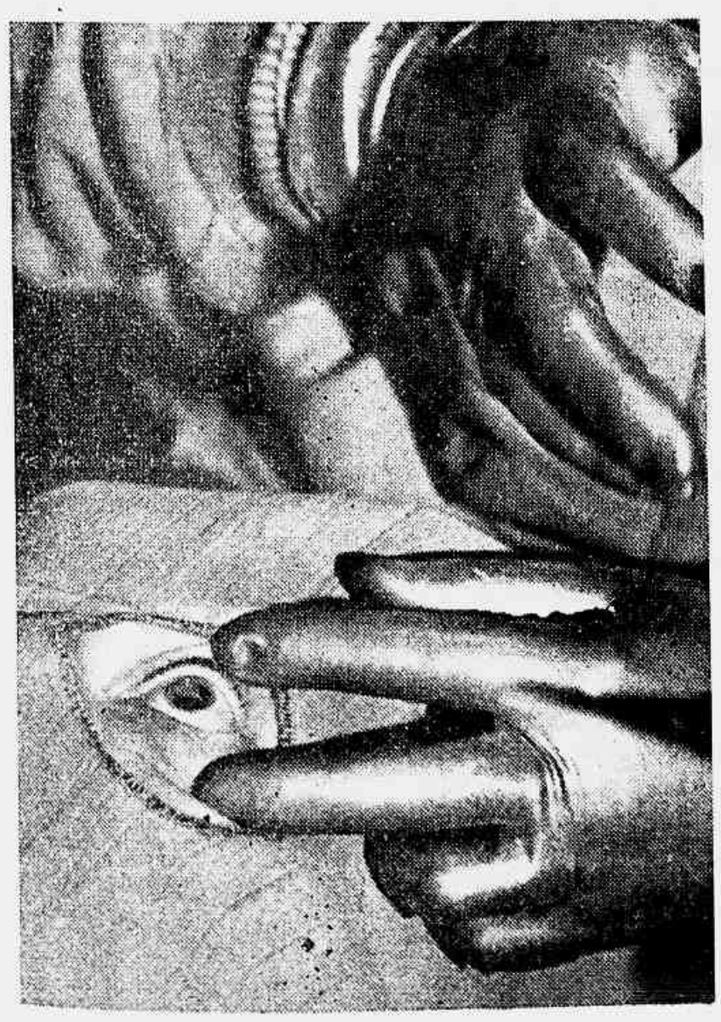




A imobilização absolua do globo ocular durante a operação é feita com anestesia local e obtida com injeção paralisante nos músculos motores do ôlho

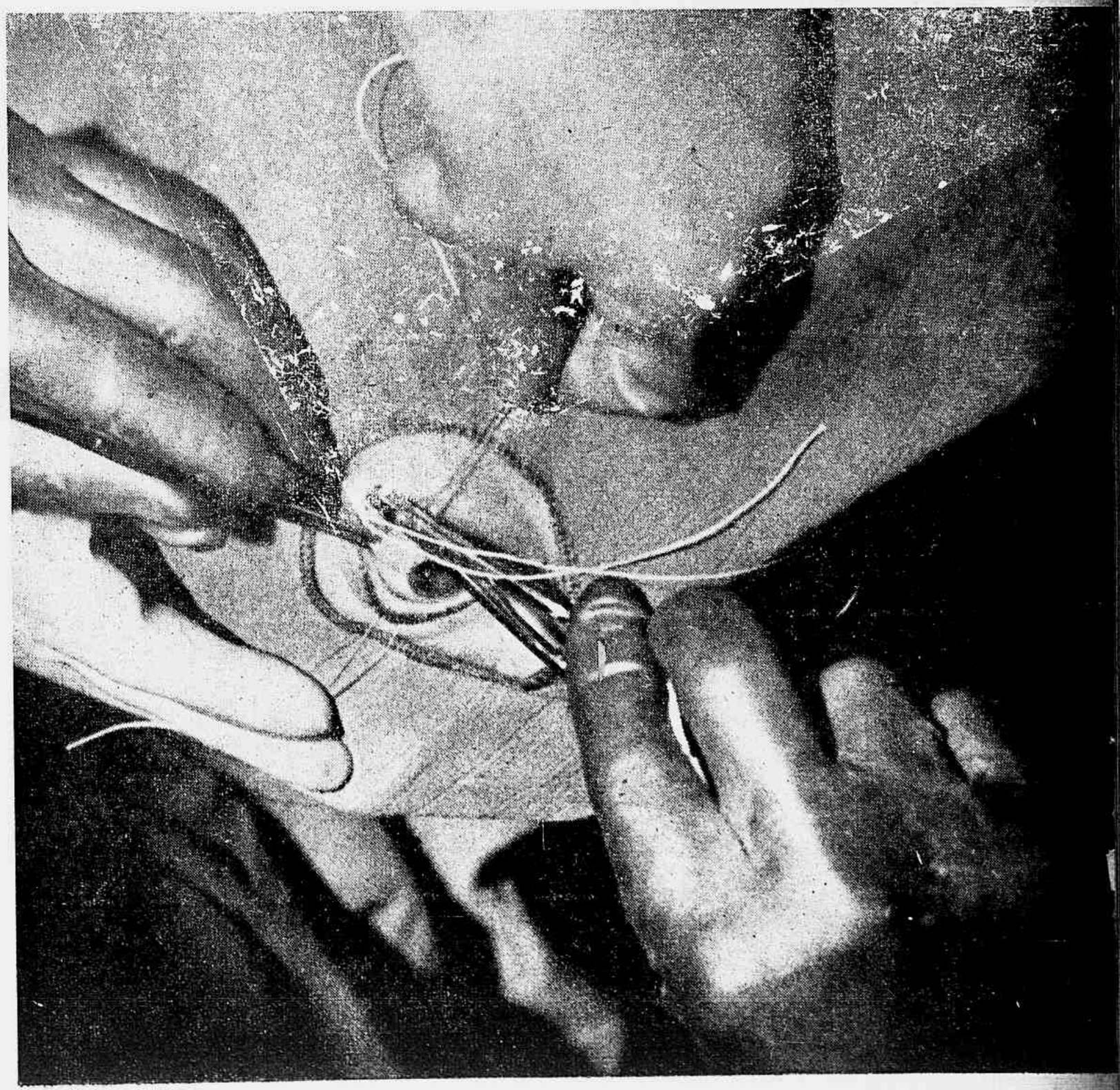


Uma injeção aplicada no trajeto do nervo facial que dirige a movimentação das pálpebras, impede sua contração durante a operação e depois da mesma



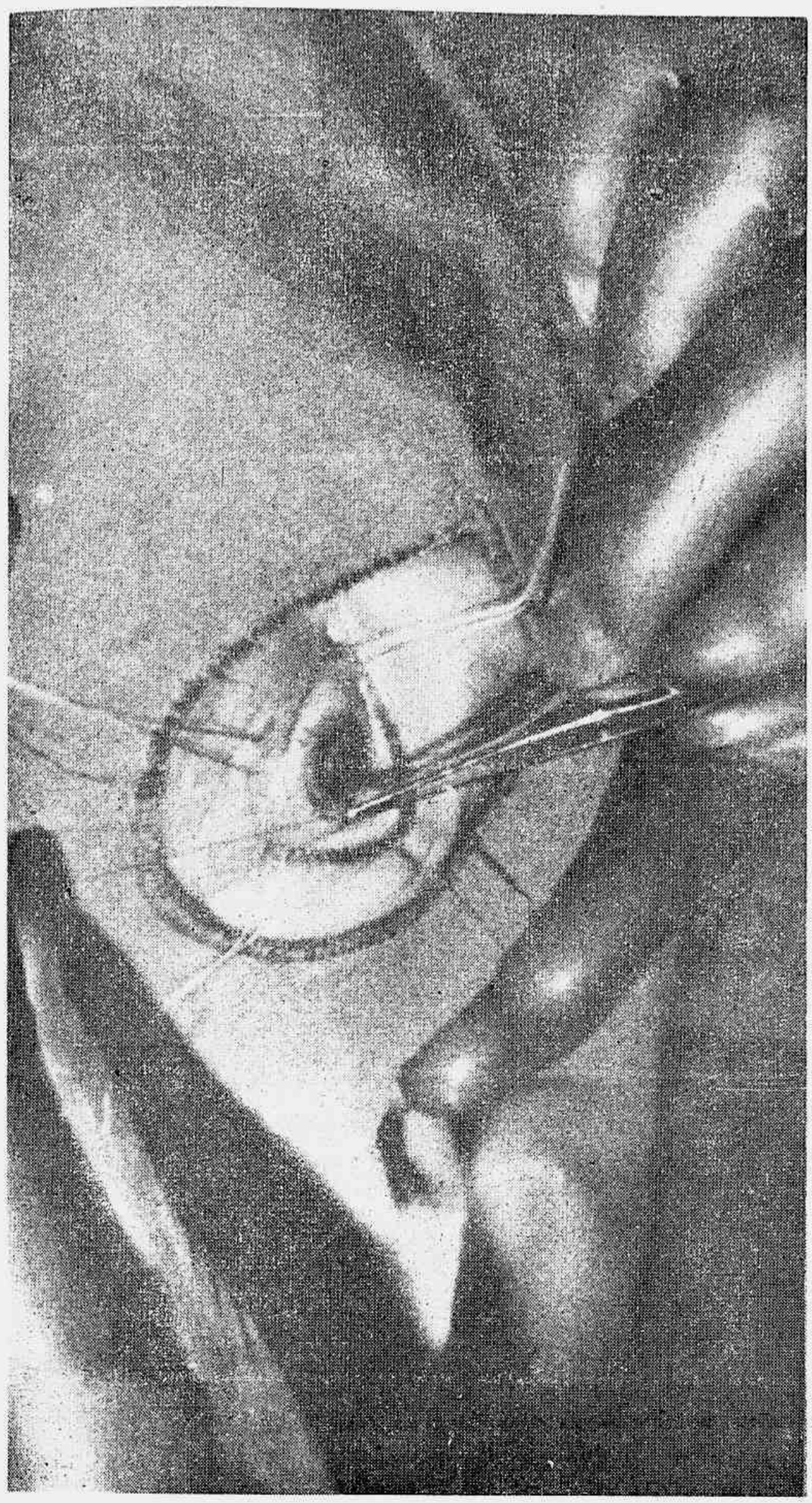
A cabeça da doente é coberta com uma peça de pano para evitar o contacto das mãos do cirurgião com as partes não desinfetadas da face

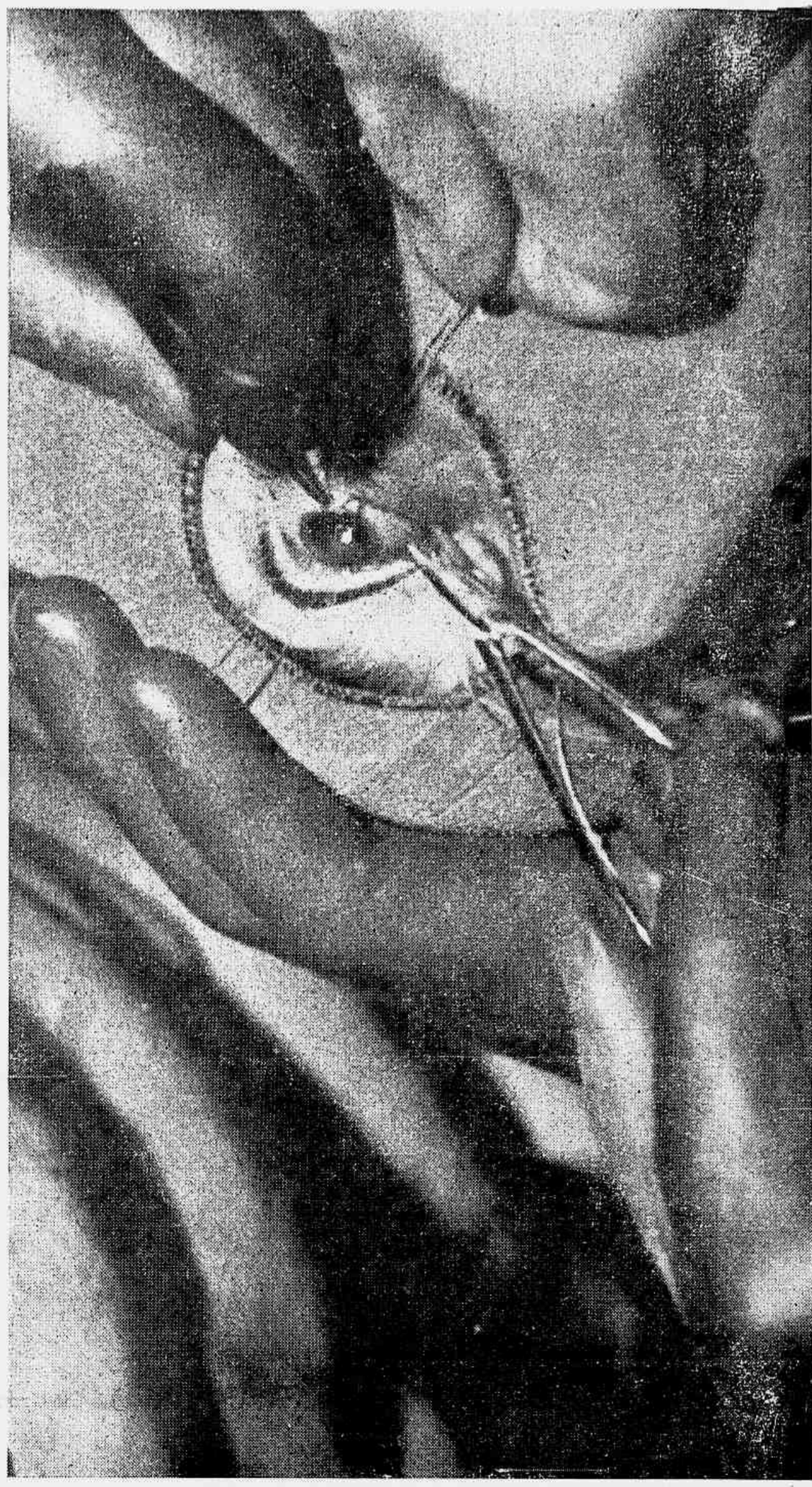
AO ALTO — Antes de começar, o cirurgião dá uma última olhadela para verificar a técnica a ser usada. EM BAIXO — Primeira fase da operação: pontos são dados nos músculos motores do globo ocular para mantê-lo fixo durante a intervenção



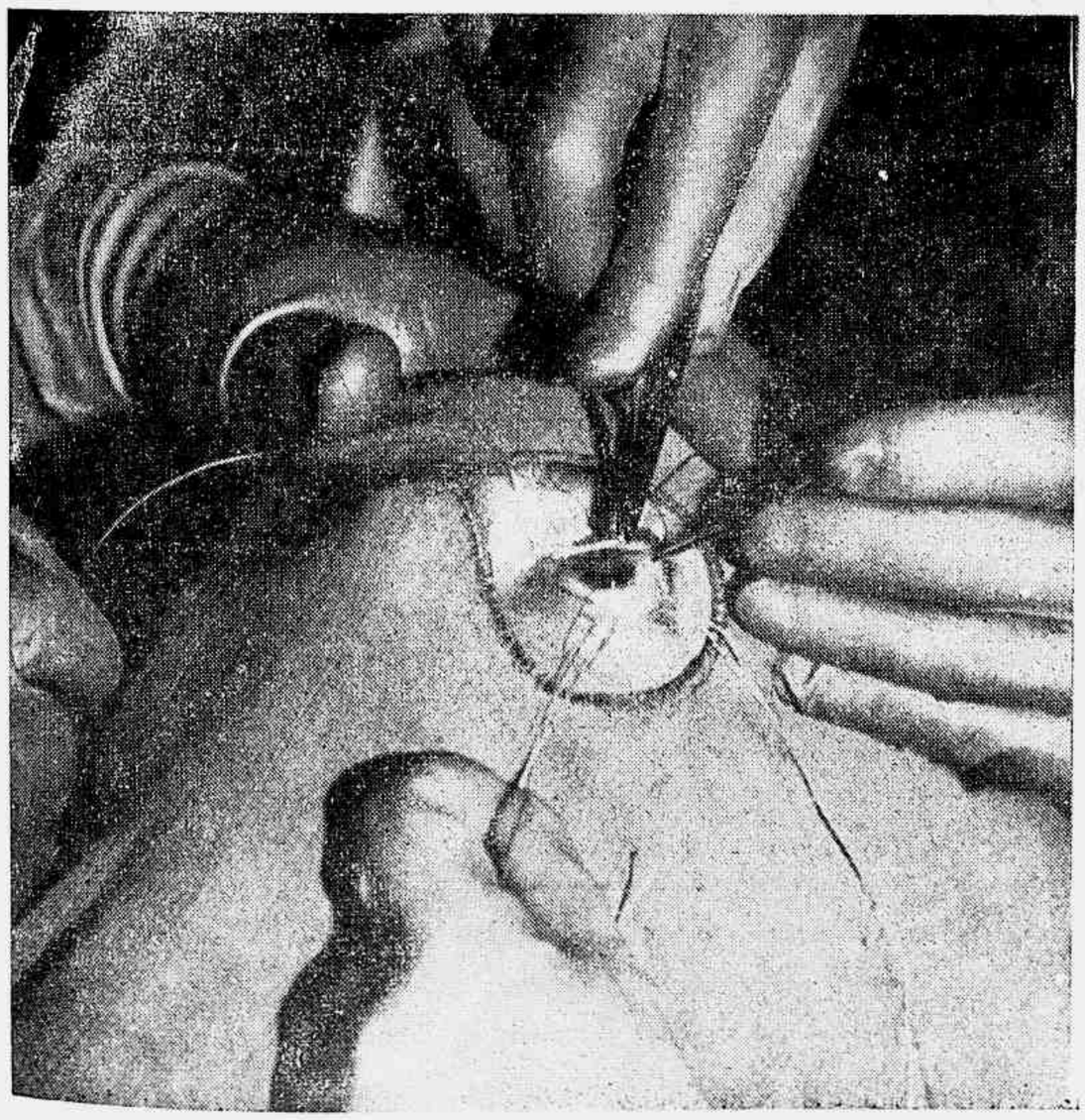
À ESQUERDA — O trépano com o qual vai ser conseguida a enxertia de material transparente para um olho doente. À DIREITA — Já na espátula o enxêrto que vai dar luz a um cego

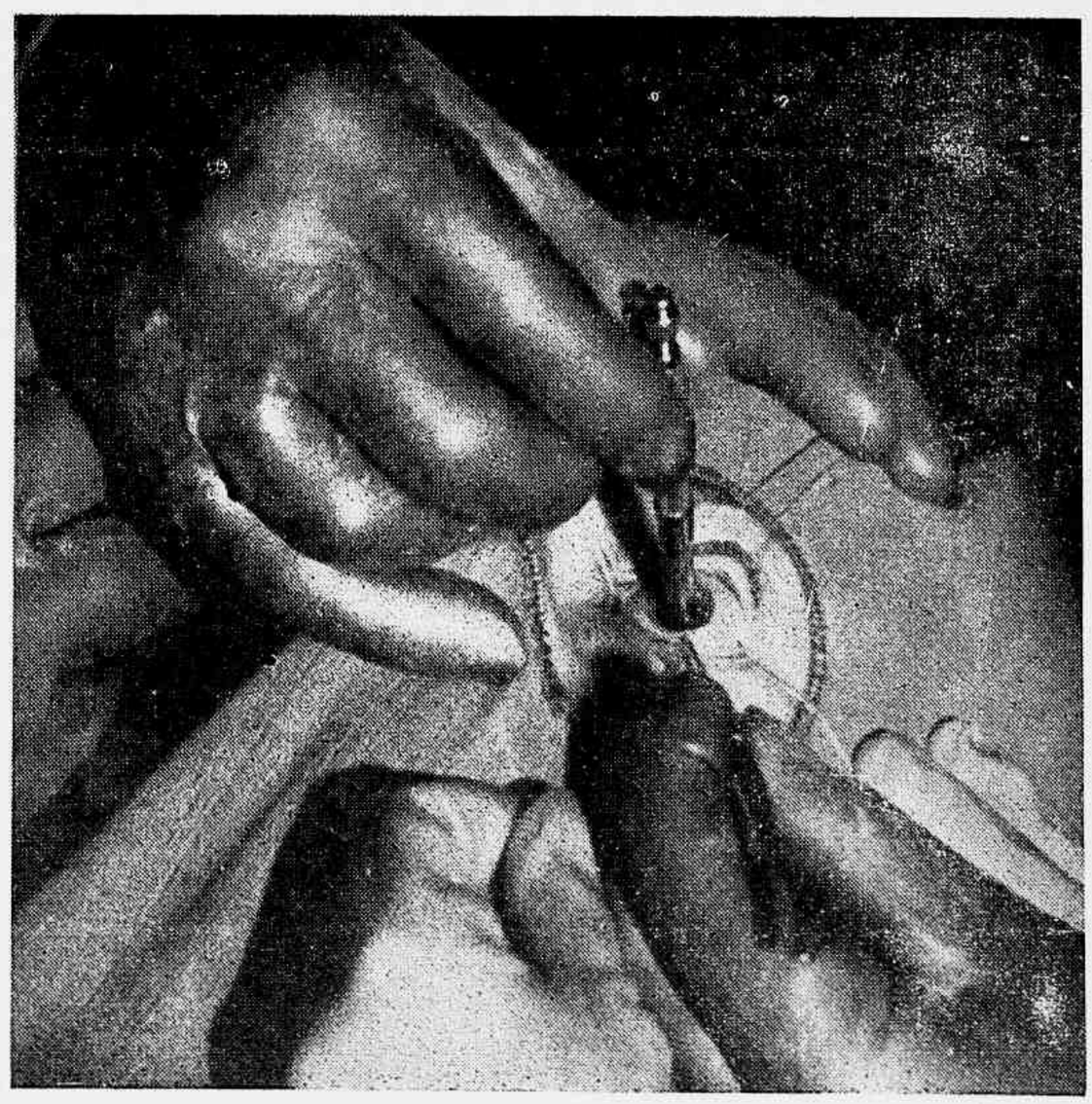
À ESQUERDA — Os fios de séda que vão servir para manter o enxêrto são postos em discos de papel esterilizado para evitar seu excessivo desenrolamento. À DIREITA — O essencial na operação é a segurança de técnica. A maior parte do tempo se emprega para conseguir absoluta imobilidade do olho a fim de fixar o enxêrto no seu álveo



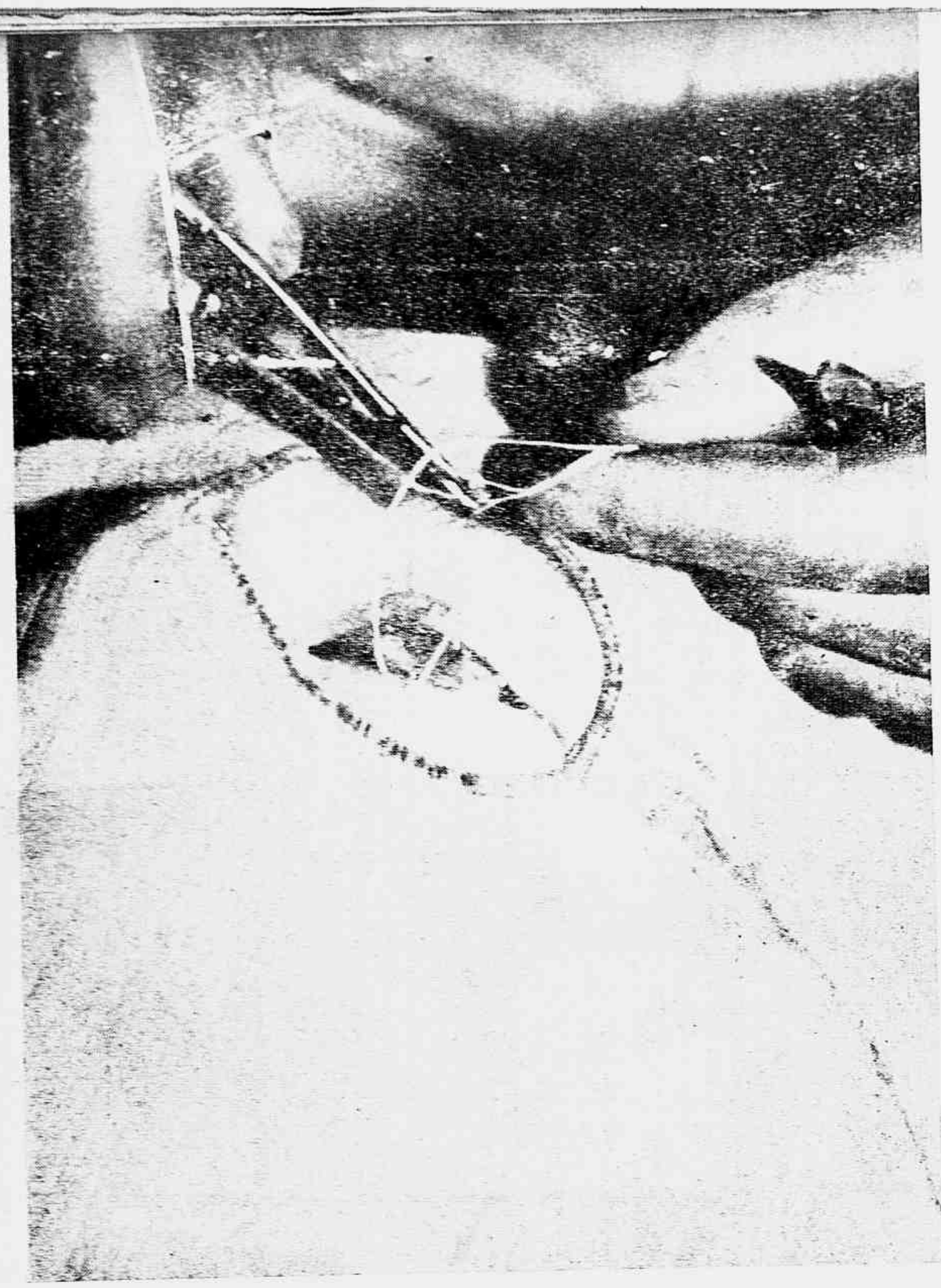


À ESQUERDA — Momento culminante da fixação do enxêrto. À DIREITA — Suturas que protegem a colocação do enxêrto





À ESQUERDA — Fios para fixar o enxêrto na córnea. À DIREITA — Momento delicado: o trépano talha na córnea opaca a "janelinha" onde será colocado o enxêrto



A ESQUERDA — Para melhor firmeza do enxêrto passa-se um fio fechando as pálpebras por alguns dias. A DIREITA — Está terminada a operação. Os fios em cruz colocados sôbre uma base que os isola do enxêrto, mantêm êste no devido lugar a fim de fazer-se a união do novo corpo com o olho recebedor

E o sorriso final pela alegria de ter terminado ou por estar certa de que "o diabo não é tão feio como se pinta"

trabalhos são reproduzidos mediante técnica muito semelhante, colocando a característica dêsse procedimento científico franco-suiço em nível igual ao progresso que já se notava nos grandes centros da Rússia e da América do Norte.

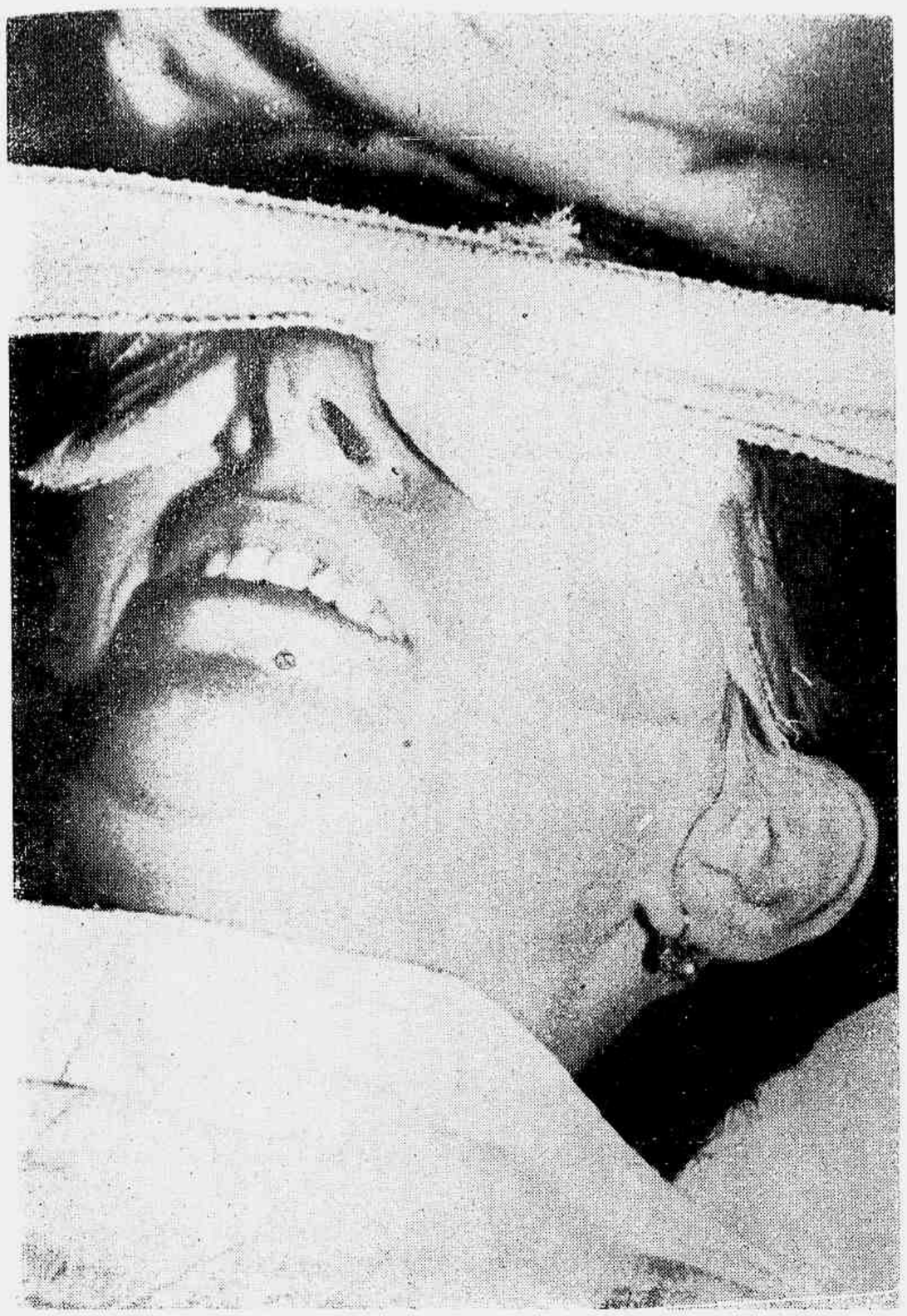
O confronto das diferentes técnicas realizado recentemente em uma cidade da França por ocasião do Congresso da "Societé Française d'Ophtalmologie", permitiu confirmar os consideráveis progressos realizados depois da segunda guerra mundial. Vinte e uma operações realizadas em três dias com um único desaproveitamento parcial, testemunham a segurança a que chegaram os técnicos e a variedade de seus recursos que lhes permitem estender as operações mesmo a casos totalmente perdidos e em qualquer idade dos pacientes.

Êste progresso veio provar que o caminho a seguir no processo para dar vista a cegos não era o do próprio ôlho, e sim o da córnea. A operação não pode fazer-se senão nos casos de opacidade da córnea lúcida, "janelinha" normalmente transparente e que constitui a calota anterior da curva ocular.

A intervenção cirúrgica não se aplica unicamente aos cegos que têm a córnea inteiramente opaca, mas ainda a muitos cegos que sofrem de vista curta ou embaçada por bélidas, defeitos visuais que perturbam profissões como as de pilotos, oficiais de marinha, funcionários do serviço de segurança nas estradas de ferro, etc.

A técnica francesa é rica de numerosa variedade de enxertia corneal para dar vista aos que a perderam, devendo o novo corpo assentar bem em toda a espessura da córnea ou em parte da mesma, conforme seja o caso de enxêrto penetrante ou laminado.

A operação aqui reproduzida pelas ilustrações no preciso momento cirúrgico é do tipo penetrante. Utiliza-se aí um enxêrto circular em toda a espessura da córnea e com cinco milímetros de diâmetro.



À ESQUERDA — E agora é preciso vedar inteiramente os olhos para obter-se perfeita adesão do enxêrto. À DIREITA — Terminada a operação, uma irmã conduz a doente para seu quarto. Dentro de pouco tempo já estará vendo

A belida central da córnea da operada, em virtude de uma infecção tuberculosa tratada durante muitos anos, reduziu a vista da enfêrma a menos da vigésima parte de sua visão normal no ôlho atacado. Depois de colocado no lugar afetado o enxêrto transparente, a quase cega recuperará a vista passando a ver com nitidez quase normal.

Mesmo em se tratando de crianças de 7 a 8 anos, essa operação é sempre praticada com anestesia local, com injeções paralisantes dos músculos motores do globo ocular e das pálpebras, a fim de que se possa obter, durante a intervenção, perfeita imobilização do globo ocular e se impeçam, depois disso, movimentos das pálpebras durante os dias necessários à cicatrização e à perfeita aderência das bordas do enxêrto às da abertura feita na córnea doente.

O que dirige toda a intervenção é o máximo cuidado a fim de evitar-se uma lesão de órgãos muito delicados e frágeis e que distam do campo operatório apenas um ou dois milímetros. Suturas passam diante do enxêrto e evitam qualquer traumatismo inútil, porquanto aqui, como entre os botânicos, êsse processo técnico deve ser profundamente respeitado.

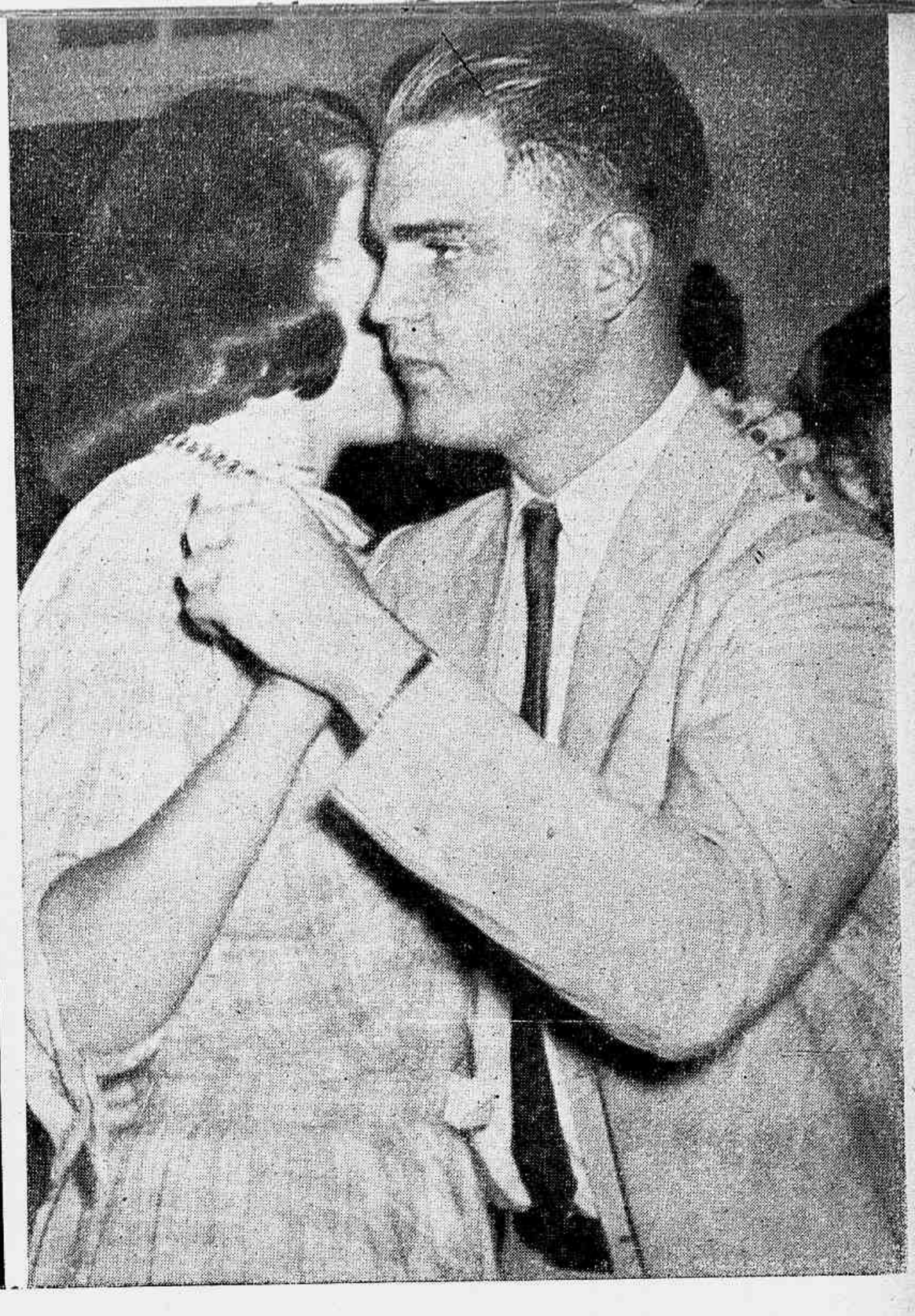
A proporção de insucesso total é mínima, extremamente insignificante, ou seja a de menos de um por cento. A estatística de melhora visual após a operação pela escola franco-suíça é edificante, mesmo em se tratando de casos julgados perdidos ou daqueles em que o cirurgião intervem a instantes rogos dos enfermos desejosos de recuperar "a doce luz do dia", de que já falava o poeta Homero. Nos casos mais favoráveis, as estatísticas da Rússia, da América, da França e da Suíça chegam a 70% com a volta de visão normal ou quase normal.

A "fantasia audaciosa" de que falava Diffenbach é hoje um dos maiores sucessos da cirurgia moderna.

A operação termina. O cirurgião e seus dois assistentes deixam a clínica e vão almoçar tranquilamente. Sua missão está cumprida

AS REUNIÕES SOCIAIS DO JOCKEY CLUB

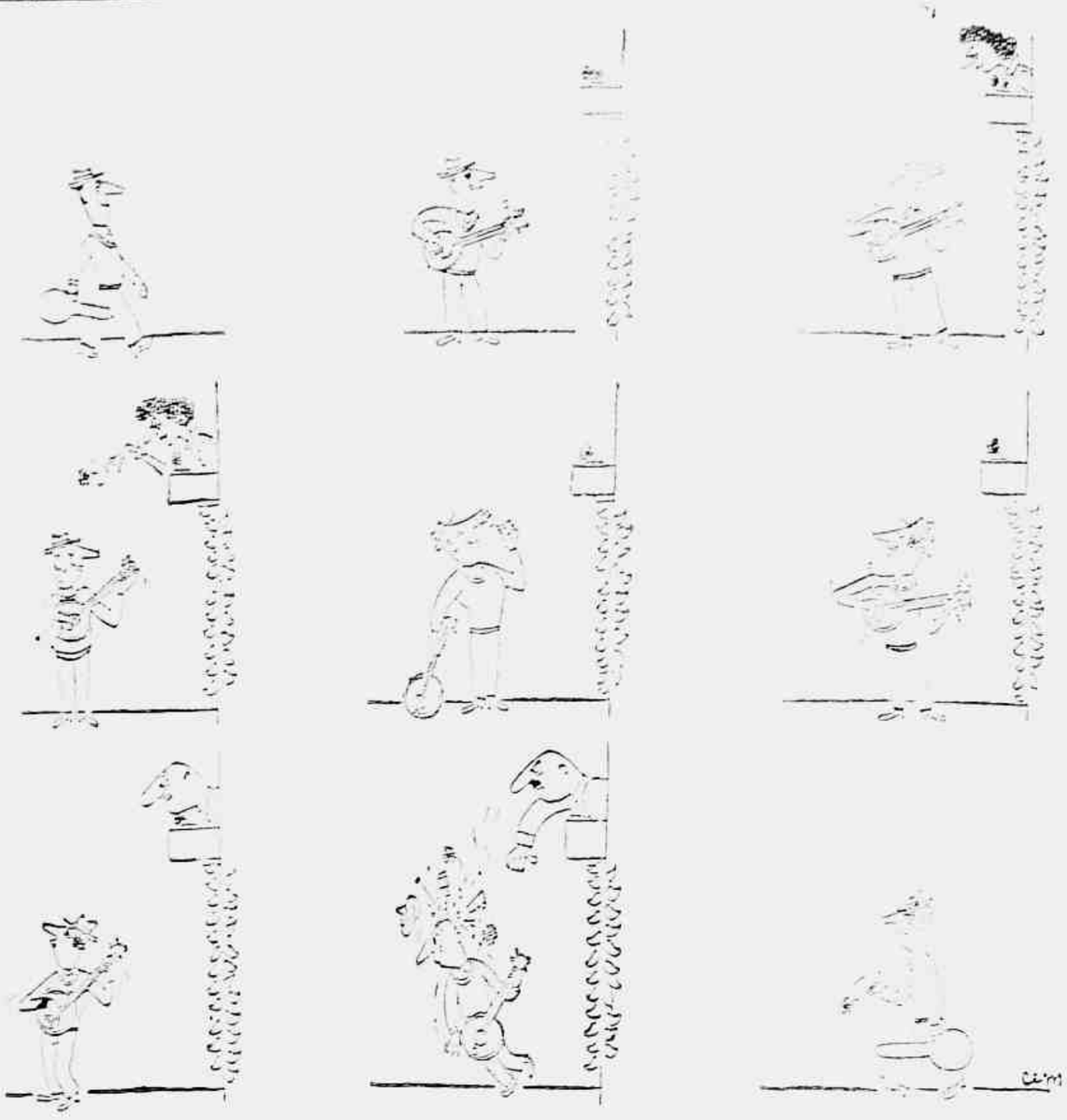
Dando início a uma série de elegantes reuniões, que oferecerá aos seus inúmeros associados, o Jockey Club Brasileiro acaba de realizar a primeira dessas festas, no penúltimo domingo, depois de cumprido o programa de corridas da tarde. Na tribuna social do Hipódromo da Gávea reuniu-se elevado número de associados e suas famílias num animado chá-dançante, abrilhantado por vários elementos do nosso rádio que se evibiram num atraente "show", organizado a capricho. O majestoso prado de corridas, que por si só constitui um motivo de regalo para a enorme grei associativa do nosso maior grêmio turfista, contará agora, além das magníficas carreiras que ali se desenrolam, com mais êsse excelente atrativo que, como esta, certamente serão as demais reuniões que terão lugar em suas dependências após as emocionantes provas nas quais os melhores parelheiros da "elévage" nacional proporcionam eletrizantes disputas. Nesta e na página ao lado estampamos alguns aspectos dessa primeira reunião, mostrando o que foi a linda festa que a diretoria do Jockey Club Brasileiro ofereceu ao quadro social da tradicional associação.



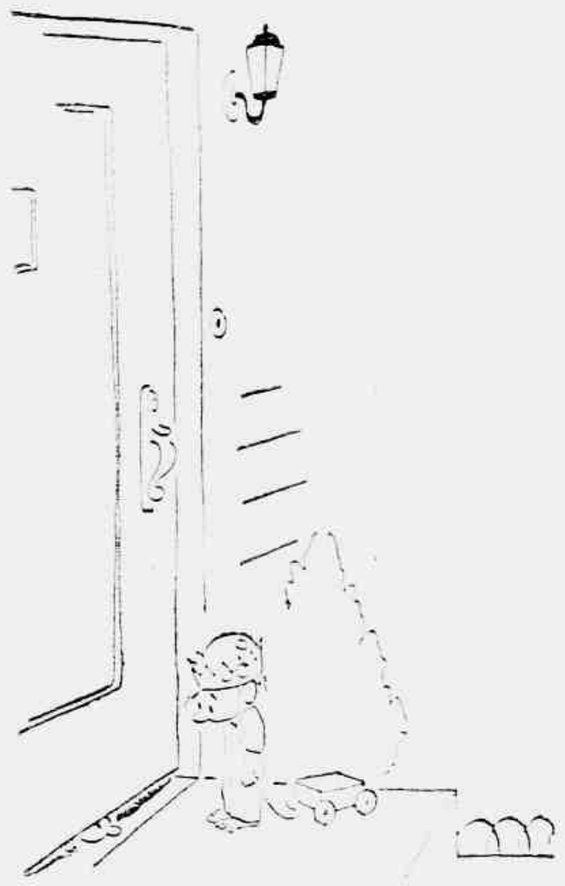
Depois das corridas, danças e números de arte completam o ambiente de raro encanto e distinção que é o Hipódromo da Gávea. Essa feliz iniciativa da diretoria do Jockey Club encontrou a melhor repercussão entre os seus associados e suas famílias, que prestigiaram a elegante festa com a sua presença

— Mamãe, o pintor mandou perguntar se é "esta" a côr que a senhora quer nas janelas.

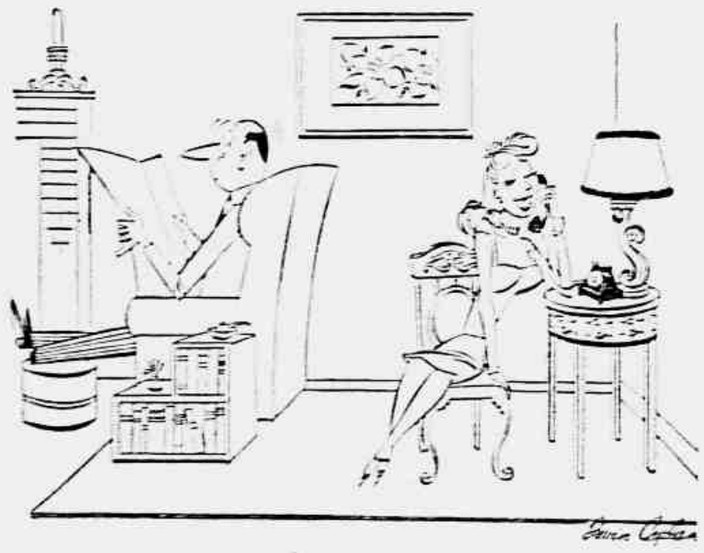
BOM HUMOR



— Muito obrigado, madame, mas eu sei me defender sozinho.

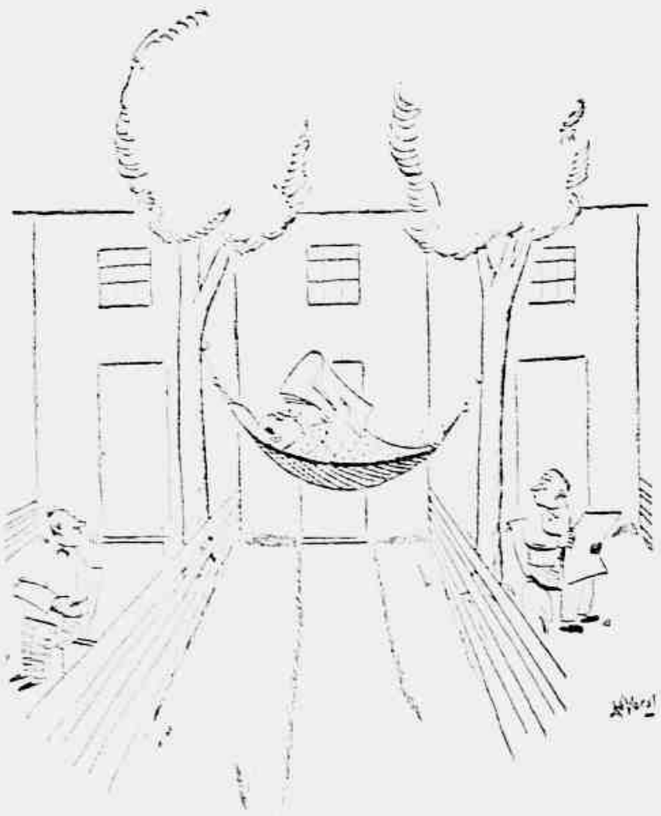


— Ah! E' você, Vava?..



— Gostaria imenso de aceitar o seu convite, Carlinhos; mas infelizmente, casei-me hoje.

— O Cazuza tem sempre idéias muito originais.



Dezenas de barcos, saveiros, canoas à vela e lanchas participam do cortejo

A SUBLIME CÔRTE DE IEMANJÁ

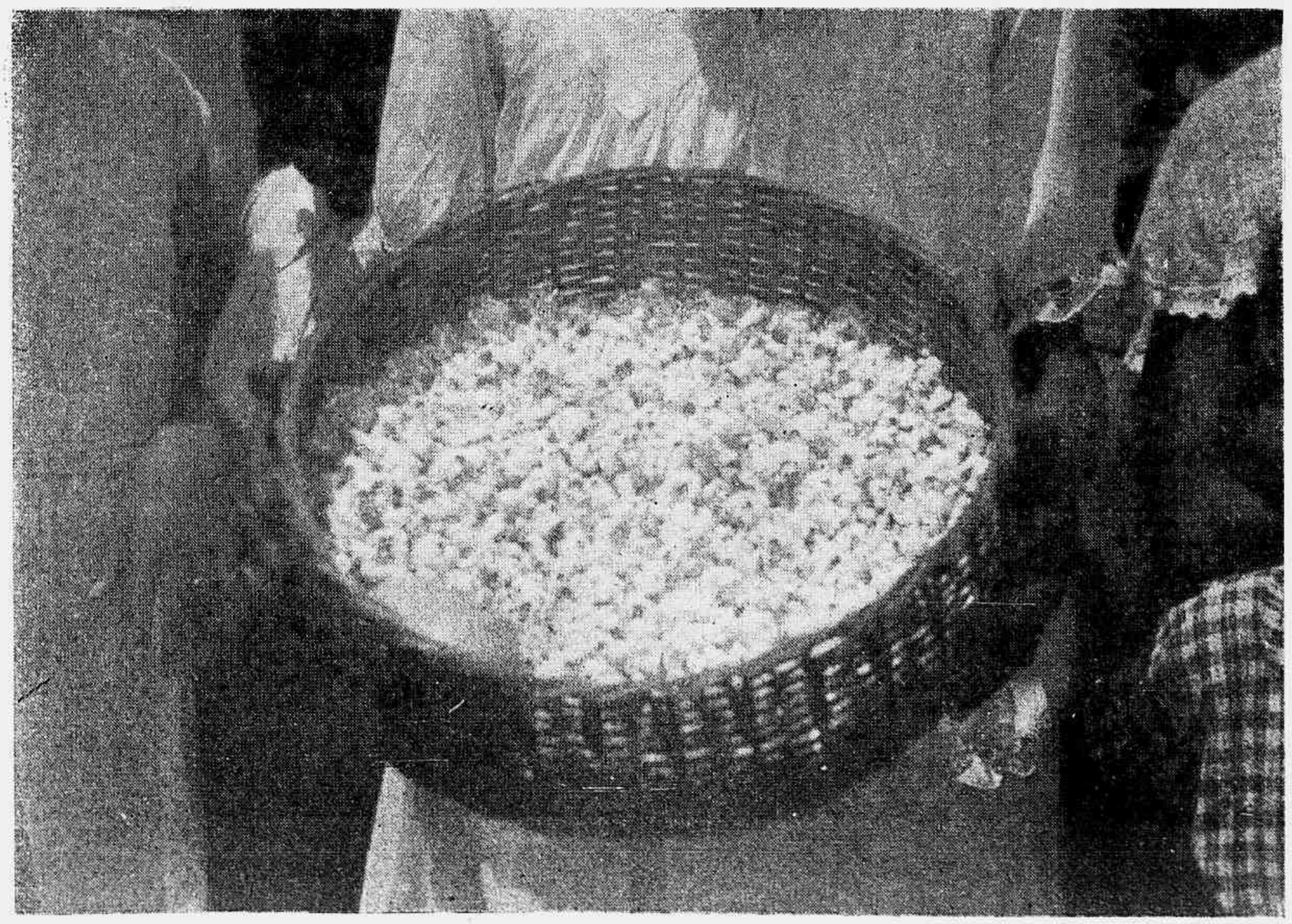
Reportagem de **JORGE ALBERTO,** especial para **"REVISTA DA SEMANA"**

"Nhen-nhen, mixorodô
fala!
Nhen-nhen
fala,
Mixorodô!"

"Nhen-nhen pópô
Eh, mariolé!
Nhen-nhen popô
Eh, mariolé!"

NAS rampas da praia, nas dunas alvas, entre as relvas, coqueiros e cajueiros, a multidão vem até à orla do mar para fazer suas oferendas à grande e soberana Iemanjá. Nas crenças dos homens de côr ela é a Rainha do Mar; no espírito dos homens brancos que têm palácios e carros de luxo, ela é Janaina, ou Nossa Senhora do Rosário, produto de estranho e invencível sincretismo religioso que se formou na Bahia pela aculturação dos negros africanos nas senzalas do senhor branco.

E num domingo de setembro, de todos os pontos da bela e pitoresca Cidade do Salvador, aflui às praias dos arrabaldes uma população mesclada de gente de várias camadas sociais, de



As pipocas também fazem parte do presente. Estão bem arranjadas: bem alvas, gostosas e salgadas

todos os credos, de tôdas as idades.

São pescadores, marítimos, estudantes, professores, funcionários públicos, que vêm juntar-se aos moradores da Ribeira para celebrar o jubileu de Iemanjá, a Mãe d'Água, a Sereia encantada que lhes dá felicidades ou castigos...

Tôda a orla baiana sob a influência do oceano na área de sua formosa capital presta homenagens ao Espírito do Mar e promove festejos em dias variados do mês de setembro.

Iemanjá é uma figura mitológica das mais belas no agiológio dos crentes. Seus cabelos são densos, longos e belos como as ondas do mar, seu Reino encantado. E' ela quem preside a tôdas as fainas marítimas. E, no seu dia, todos lhe devem reverência e têm que oferecer-lhe seus presentes.

No Rio Vermelho, na Barra, em Itapoan, em Água de Meninos, no lago do Dique e na Ribeira, todos se congregam religiosamente para levar à Mãe d'Água as provas de seu afeto, o seu presente cordial, e então fazem suas preces rogando favores à divindade ou lhe agradecem comovidos as graças alcan-

EM CIMA — Ao som dos atabaques elevam-se na alegre manhã os cantos em homenagem à Rainha do Mar. EM BAIXO — Elas também participam, como muitas outras, da festa do presente

EM CIMA — O presente vai ser entregue a Yemanjá. O de branco, à direita, é o pai de Santo Otávio. EM BAIXO — Entregando o presente

çadas. Como começou essa devoção? Segundo a lenda, certa pessoa na Ribeira, há muitos e muitos anos fizera uma promessa a Iemanjá e obtivera seu auxílio. Prometeu então festejar-lhe o nome todos os anos e, depois que se foi, os seus sucessores mantiveram a tradição cada vez mais engalanada de fé e certeza na presença de Iemanjá.

Na casa de D. Dodó, centro de oblatas para a divindade, está uma talha onde se depositam os presentes. O popular Totonho é o seu acólito. Os romeiros vão chegando e deixando suas ofertas ao som plangente dos atabaques, entoando os cantores os versos que precederam esta reportagem, naquele ritmo que os africanos nos trouxeram no bojo negro dos navios do tráfico desumano. O incenso que se evola de turíbulos grotescos, é aplicado na defumação dos presentes antes de serem enviados a Iemanjá. Um mundo de cousas lhe oferecem. Fazendas, flôres, sabonetes, dinheiro, pó de arroz, pentes, caixinhas bem enfeitadas cujo conteúdo é um segrêdo de noiva ou de namorada que pede à divindade a decisão do eleito...

E depois de tudo organizado, segue a multidão o depósito recheado de oferendas pelas ruas do bairro até a praia onde estão dezenas de pequenas embarcações enfeitadas. Em grande saveiro colocam a talha, guardada

EM CIMA — Antes de ser levado para o mar, os presentes desfilam pelas principais ruas do bairro, com grande acompanhamento. EM BAIXO — Flôres em abundância para a Mãe Dágua. Dentro da talha estão muitos outros presentes

pela comissão da festa e pela **dona da devoção.** Naquela procissão marítima de indescritível colorido e pitoresco, todos cantam hinos à homenageada. Foguetes espoucam. A música enche de harmonia a amplidão dos ares e as ondas vêm quebrar-se à proa dos barcos, aumentando a beleza da paisagem no delírio de uma crença que veio dos negros e invadiu as almas. Chegamos ao local da oferta. Arriam-se as velas. Aves marinhas ornamentam a tarde de luz e poesia. Os atabaques não descansam, mas o silêncio agora é completo na consciência dos festeiros. E' o momento culminante da cerimônia. Otávio, o **pai de santo,** benze-se. Com a ajuda de outros, arria com reverência a talha e potes contendo presentes. Abrem-se as águas e as oblatas se somem no pélago profundo. Estrugem palmas e cantos se erguem a Iemanjá. Foguetes e música.

E quando todos contentes pela prova de dever filial à Mãe d'Água voltam às suas casas, trazem no fundo dalma a certeza de que melhores dias lhe sorri-rão na luta pela vida ou na batalha de algum amor tirano...

Aquêle preto velho que pescava e não conseguia nada, um dia prometeu a Iemanjá que, se o mar lhe fôsse pródigo dali em diante, êle não faltaria, todos os anos, com o seu presente à Rainha do Mar. E assim sucedeu.

Quando o preto velho da Bahia levou também sua oferenda e que a talha e os potes foram tragados pelas ondas, êle viu sair dentre as vagas a cabeça de Iemanjá entre um oceano de cabelos verdes como esmeralda, e sorrir-lhe com brandura como a própria Virgem sorriria diante das lágrimas de agradecimento de um pobre velho cheio de desenganos, mas inquebrantável pela Fé...

Por isso êle nunca mais deixou de cantar cheio de contrição e fervor:

"Nhen-nhen mixorodó...

ao som lúgubre dos atabaques que tanto falam à alma misteriosa dos que acreditam nos segredos que ocultam os abismos do Mar.

A DOENÇA DO ANDRÉ

CONTO DE GUY DE MAUPASSANT

A frente da casa do notário, dava para a praça. Por trás, um belo jardim, bem plantado, estendia-se até à passagem das Piques, sempre deserta, da qual estava separado por um muro.

Foi no fim dêste jardim que a mulher do notário Moreau concedera, pela primeira vez, uma entrevista, ao capitão Sommerive, que a perseguia há muito tempo.

O marido tinha ido passar oito dias em Paris. Estava, por isso, livre durante tôda a semana. O capitão tinha-lhe pedido tanto, tinha suplicado com palavras tão ternas, estava convencida que êle a amava tão violentamente, sentia-se ela própria tão isolada, tão incompreendida, tão abandonada no meio dos contratos de que se ocupava, ùnicamente, o notário, que tinha deixado prender o coração sem se perguntar se daria mais algum dia.

Então, depois de meses de amor platônico, de mãos apertadas, de beijos rápidos roubados atrás de uma porta, o capitão declarara que deixaria imediatamente a cidade, pedindo a sua transferência se não obtivesse uma entrevista, uma verdadeira entrevista, à sombra das árvores, durante a ausência do marido.

Ela cedera; tinha prometido.

Esperava-o agora, aninhada contra o muro, o coração a bater, estremecendo ao menores ruidos.

De repente, ouviu trepar o muro e esteve quase a fugir. Se não era êle? Se era um ladrão? Mas não: uma voz chamava docemente "Mathilde". Ela respondeu "Etienne"..

E o homem caiu no caminho com um ruido de ferragem.

Era êle! que beijo!...

Ficaram muito tempo de pé, enlaçados, os lábios unidos. Mas de repente uma chuva fina pôs-se a cair, e as gotas deslisando de folha em folha, faziam na sombra um ruido de água. Ela estremeceu assim que sentiu a primeira gôta no pescoço.

Êle dizia: "Mathilde, minha querida, meu anjo, entremos em casa. E' meia-noite não há de que ter medo. Vamos para sua casa. Peço-lhe".

Ela respondia: "Não, meu bem amado, tenho medo. Quem sabe o que nos pode acontecer".

Mas êle tinha-a apertada nos braços e murmurava-lhe ao ouvido. "Os criados estão no terceiro andar, que dá para a praça. O seu quarto é no primeiro virado ao jardim. Ninguém nos ouvirá. Amo-a, quero amar-te livremente, inteirinha, dos pés à cabeça". A apertava-a com violência, enlouquecendo-a com beijos. Ela resistia ainda, assustada, envergonhada também. Mas êle agarrou-a pela cintura, levantou-a e levou-a debaixo da chuva que se tornava terrivel.

A porta tinha ficado aberta; subiram a escada às apalpadelas; depois, assim que entraram no quarto, ela correu o fêcho enquanto êle acendia um fósforo.

Ela caiu desfalecida numa cadeira.

Êle pôs-se de joelhos e despiu-a lentamente, começando pelas botinas e pelas meias para lhe beijar os pés.

Ela dizia ofegante: Não, não, Etienne, peço-lhe, deixe-me continuar honesta; querer-lhe-ia muito mal, depois. E' tão feio, tão grosseiro! Não, poderemos amar-nos só com as almas, Etienne".

Com uma habilidade de criada de quarto, e uma vivacidade de homem apressado, êle desabotoava, desatava, desacolchetava, desapertava sem descanso.

E quando ela quis levantar-se e fugir para escapar aos seus atrevimentos, saiu bruscamente dos vestidos e das saias, de tôda a roupa, completamente nua, como u'a mão sai de um regalo.

Desvairada, correu para a cama, para se esconder sob as cortinas. O refúgio era perigoso. Êle seguiu-a. Mas como queria apanhá-la e se apressava, o sabre, desatado muito depressa, caiu no chão com um barulho atroador.

Logo uma queixa prolongada, um grito agudo e continuo, um grito de criança saiu do quarto vizinho, cuja porta tinha ficado aberta.

Ela murmurou: "Oh! Acordou o André, que não tornará a adormecer".

O filho tinha quinze meses e dormia perto da mãe para que ela pudesse sempre velar por êle. O capitão, louco de ardor, não ouvia. "Que importa? que importa? Amo-te; tu és minha, Mathilde".

Mas ela debatia-se, desolada, espantada.

"Não, não; ouve como êle grita; vai acordar a ama. Se ela viesse, que fariamos? Estariamos perdidos. Etienne, escuta, quando êle faz isto de noite, o pai trá-lo para a nossa cama para o acalmar. E êle cala-se logo; não há outro meio. Deixa-me ir buscá-lo Etienne.

A criança gritava, lançava êsses gritos agudos que atravessam as paredes mais espessas, que se ouvem na rua quando se passa junto das casas.

O capitão, consternado, levantou-se e Mathilde pricipitando-se, foi buscar o miúdo que trouxe para a cama. Êle calou-se.

Etienne sentou-se a cavalo numa cadeira e fez um cigarro. Passados apenas cinco minutos, André dormia. A mãe murmurou: "Vou tornar a levá-lo agora". E foi deitar a criança no berço, com precauções infinitas.

Quando voltou, o capitão esperava, de braços abertos. Abraçou-a louco de amor. E ela, vencida enfim, estreitando-o, balbuciava:

— Etienne... Etienne... meu amor. Oh! Se tu soubesses como... como...

André pôs-se de novo a gritar. O capitão furioso, praguejou" "Diabos levem o ranhoso!... E não se calará?"

Não, não se calava o ranhoso; bramia! Pareceu à Mathilde ouvir mexer em cima. Provàvelmente era a ama que vinha. Precipitou-se, agarrou o filho, e trouxe-o de novo para a sua cama. Êle ficou logo mudo.

Três vêzes a seguir o deitaram no berço. Três vêzes foi preciso ir buscá-lo.

O capitão Sommerive partiu uma hora antes da aurora, blasfemando tanto quanto lhe apetecia.

Mas, para acalmar a sua paciência, Mathilde prometeu-lhe recebê-lo ainda nessa noite.

Chegou, como na véspera, mas mais impaciente, mais inflamado, tornado furioso pela espera. Teve o cuidado de colocar o sabre devagarinho nos dois braços de uma cadeira; tirou as botas como um ladrão e falou tão baixo que Mathilde não o ouvia. Enfim, ia ser feliz, completamente feliz, quando o soalho ou algum móvel, ou talvez o próprio leito, rangeu... Foi um ruido sêco, como se qualquer suporte se tivesse quebrado e logo um grito, fraco primeiro, agudissimo depois, lhe respondeu. André tinha acordado.

Regougava como uma raposa. Se continuasse assim, era certo que todos os da casa se levantariam.

A mãe aflita, precipitou-se e trouxe-o. O capitão não se levantou. Enraivecia-se. Então, muito devagarinho, estendeu a mão, tomou entre dois dedos um bocadinho da carne do miúdo, não importa onde, na coxa ou quem sabe, no trazeiro, e beliscou o.

(Continua na página 56)

ILUSTRAÇÃO DE ANA ZAGORSKA

BROADCAST

A. MIGUEIS

NOVAMENTE O ARI

Em matéria de música popular, nossos compositores têm de tirar o chapéu para o vereador Ari Barroso. O homem nasceu com a bossa das grandes composições. Tudo que traz sua assinatura, falando-se de samba, é o melhor possível. Ninguém suplanta o "homem da gaitinha". Assim, aconteceu com a mundialmente famosa "Aquarela do Brasil". Assim, acaba de repetir-se com "Rio", melodia que diz bem do extraordinário poder criador de Ari Barroso. Êsse número, gravado por Dircinha Batista, é a mais suntuosa alegoria que já se fez sôbre a Cidade Maravilhosa. Nêle, o vereador udenista conta a vida inteirinha da cidade, exaltando Copacabana. E' uma das grandes composições dêsse popular "radio-man", capaz de igualar-se, em sucesso, às suas mais suntuosas melodias. A gravação, por sua vez, está bem feita, sentindo-se a homogeneidade do côro. Com o samba "Rio", o comandante de "Calouros em Desfile" veio reafirmar suas qualidades de compositor popular, já consagradas através de inúmeros sambas de êxito.

★

ECLIPSE

(Beguine)

Margarida Lecuona

Eclipse de luna en el cielo...
Ausência de luz en el mar...
Sufriendo de amargo desvelo,
Mirando la luna me puse a pen-
[sar...

Pensaba que ya no me amabas
Con honda desesperación,
Y en algo que siempre eclipsa
La luz de tu amor...
Eclipse de luna en el cielo...
Ausência de luz en el mar...
Muy sola con mi desconsuelo,
Mirando la noche me puse a
[llorar...
Que ya no me quieren besar...
Eclipse de amor en tus labios
Quisiera olvidar mais agravios
Y luego soñar...

★

SE QUERES SABER

(samba)

Gravação de Emilinha Borba

Se queres saber
Se eu te amo ainda
Procura entender
A minha mágoa infinda
Olha bem nos meus olhos
Quando eu falo contigo
E vê quanta coisa que
Êles dizem que eu não digo

O olhar de quem amam diz
O que o coração não quer
Nunca mais eu serei feliz
Enquanto vida eu tiver.

RÁDIO-FLASHES

Isaurinha Garcia está no Rio. Contratada para animar a programação de estúdio da Nacional, a vitoriosa estrelinha do "broadcasting" bandeirante apresentou-se aos ouvintes da PRE-8 através do Programa César de Alencar. O repertório de Isaurinha é novo e bem interessante, revelando cuidado na escolha dos números a serem interpretados.

★ Alcides Gherardi, por sua vez, resolveu excursionar por São Paulo, apresentando-se ao microfone da Rádio São Paulo. O exclusivo da Globo, ao que soubemos, pretende estender sua excursão até os estúdios sulinos, visitando a própria terra natal. Aliás, no estado bandeirante a atuação do intérprete de "Sueli" foi das mais auspiciosas, razão deter prolongado sua temporada na Rádio São Paulo.

★ Outra destacada figura do sem fio carioca que se acha excursionando pela terra bandeirante, é Edu. O mago da gaita vem atuando com invulgar aceitação nos programas da PRG-2, onde exibe sua apreciada arte. Edu espera dentro em breve viajar pelos países latino americanos.

★ A ausência de Edgard Lafourcade das apresentações mayrinquianas, prende-se à temporada que leva a efeito na Rádio Cultura. O conhecido intérprete das melodias mexicanas, ao que se anuncia, pretende mudar de prefixo, tão logo retorne ao Rio. Caso se confirme a notícia, é mais uma deserção nas hostes da PRA-9.

★ "Terra Brasileira", programa do Serviço de Informação Agrícola, completou seu primeiro ano de existência. Irradiado pela PRA-2, sua finalidade é oferecer conselhos úteis aos profissionais da terra, sôbre as diversas atividades no setor da lavoura e da criação. Festejando a grata efeméride os organizadores de "Terra Brasileira" instituiram curioso concurso, com distribuição de valioso prêmio aos ouvintes.

★ Pinchito y Pastor, eis a nova atração da Rádio Globo. Intérpretes das melodias portenhas, êles constituem número de agrado na programação de estúdio dessa emissora. Enquanto isso, prossegue o sucesso de Domingos Marques, Maria Adelina e Antônio Mestre, três legítimos representantes da música portuguesa em nossa terra.

★ A Inconfidência está apresentando um cartaz internacional. Referimo-nos a Jorge de Cordoba, cuja atuação no "Broadcasting" sul-americano é conhecida do público brasileiro. Êsse popular artista, uma vez terminado o compromisso com a estação mineira, apresentar-se-á ao público carioca por intermédio de uma das emissoras locais.

UMA OPINIÃO DE VILA LOBOS

Há três anos passados, respondendo a uma enquete sôbre o poder extraordinário do invento de Marconi, o grande Villa Lobos declarava: "O rádio, como tôdas as atividades técnicas oriundas da captação das fôrças hertzianas, é para mim uma das invenções mas extraordinárias de nosso século. Já se têm descoberto várias maravilhas científicas e artísticas derivadas dêsse poderoso gerador de milagres. Sua fôrça e importância é tão grande na humanidade que antevejo a criação de um Ministério do Rádio nas nações progressistas econômica, científica e artísticamente". Embora tal ministério não exista entre nós, nem por isso o valor do rádio foi subestimado, haja vista seu aproveitamento na campanha de alfabetização de adultos. Daí, deduzir-se que o maestro Villa Lobos está com a razão.

GRAZIELA RAMALHO, rádio-atriz exclusiva da Globo, foi escolhida pelo novelista Amaral Gurgel para viver o papel da governanta Mariana, em "Arrependimento". Nessa peça a apreciada artista confirma suas brilhantes atuações anteriores, aparecendo muito bem ao lado de Maria Sampaio, Wolner Camargo e demais elementos que participam dessa história em capítulos.

LETRAS E MICROFONES

Sagramor de Scuvero, orientadora dos programas femininos, da PRE-3 e representante do P. T. B. na Câmara Legislativa do Distrito Federal, é autora de diversos livros infantis, alguns dos quais com edição esgotada. Também escreveu "Quando o luar descer à minha porta", volume de versos cuja edição esgotou-se rapidamente.

... *Giuseppe Ghiaroni, novelista e produtor de programas da Rádio Nacional, é poeta de primeira ordem. Dentre seus volumes de versos publicados, destaca-se "A Graça de Deus", editado no decorrer de 1945, pelos Irmãos Pongetti. Recentemente, Ghiaroni lançou o romance "Mãe", baseado na novela do mesmo nome, a qual serviu de argumento para um filme, ora em exibição nos cinemas desta cidade.*

... Gilda de Abreu, novelista bastante conhecida dos ouvintes brasileiros, não escapou à tentação de escrever um romance, lançando-o por intermédio de uma editora paulista. Por sinal que êsse trabalho da espôsa de Vicente Celestino, constituiu autêntico "best-seller", levando-a a preparar uma nova história.

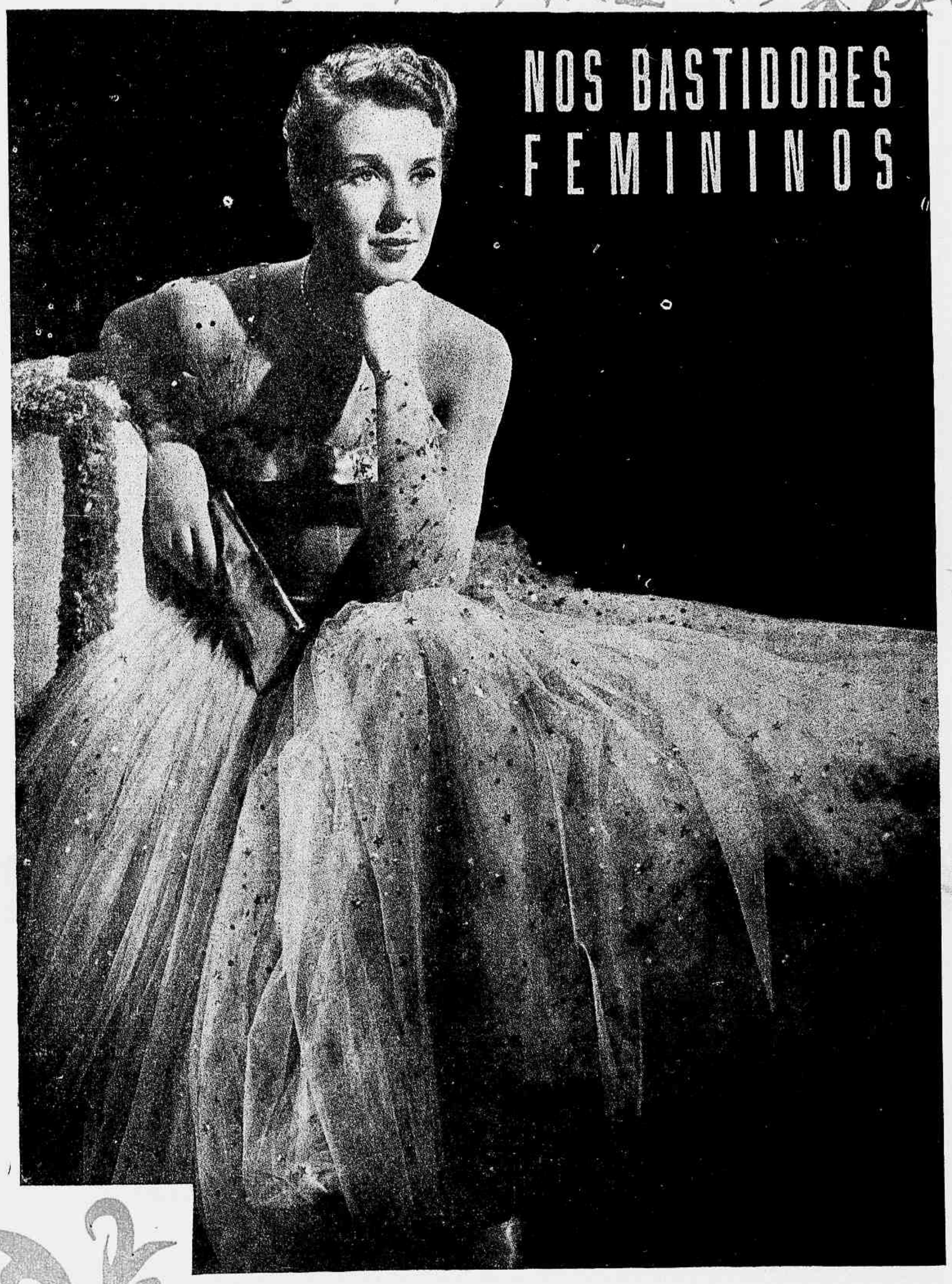
... *Francisco Alves foi outro que enveredou pelos caminhos das letras, escrevendo suas memórias. Estas, lançadas em elegante brochura, sob o título de "Minha Vida", foram bem recebidas pelos "fãs" do intérprete da "Voz do violão". Porém, o velho Chico não quis prosseguir na continuação das suas memórias.*

... Léa Silva, orientadora dos programas de beleza da Nacional, também rendeu seu tributo às linotipos, com a impressão de um gordo volume sôbre assuntos da pele. A senhora Antenógenes Silva parece ter sido bem sucedida nessa aventura literária, pois é dificílimo encontrar um volume de sua autoria, nas montras de nossas livrarias.

MAIS UMA VITÓRIA

A música clássica deixou de ser uma incoveniência em nosso "broadcasting" para os que desconheciam, completamente, os grandes compositores. Hoje, aceita sem reservas, ela se difunde através de tôdas as camadas, originando-se, daí, o cuidado de nossas emissoras em contratar artistas de renome para sua interpretação. Tamanho interêsse pelos clássicos, independente de mostrar o avanço cultural do público ouvinte, mostra o quanto de acêrto existia nas batalhas empreendidas pela crônica especializada. Foram os cronistas radiofônicos, por intermédio de suas colunas, que tudo fizeram para que os dirigentes das estações cariocas se desligassem do preconceito absurdo de que a música fina era sòmente para a classe alta. Nos dias que correm, com as emissoras apresentando páginas escolhidas dos grandes mestres, satisfaz-nos verificar a aceitação da música de classe pela maioria de rádio ouvintes brasileiros. Nem uma só iniciativa, nêsse sentido fracassou. E, como exemplo frizante do aprêço popular pela bôa música, aí temos vitorioso o programa "Artistas Novos do Brasil", velho sonho realizado da professora Magdala da Gama Oliveira. Tal empreendimento, a princípio encarado com bastante otimismo, já teve oportunidade de revelar aos sintonisadores, autênticos valores na difícil arte do bel canto. Agora, mesmo, interessante concurso é levado a efeito por intermédio dessa realização da Globo, a fim de selecionar novos talentos artísticos. Isto, para os que sabem o que foi a luta para a implantação da música clássica nos programas radiofônicos, significa muita coisa. Só mesmo um idealismo puro, sem vícios comercialistas, poderia levar avante uma iniciativa de tal quilate. Mas, a boa música está triunfante em nosso "broadcasting". Nos próprios programas de calouros, onde até então só se escutava sambas e marchas, a coisa mudou de figura. Os candidatos à glória radiofônica já se apresentam para interpretar números clássicos, valorizando a audição, conforme tem afirmado Ari Barroso. E, nêsse caminhar, o público ouvinte é quem lucra. Nada mais educativo do que travar conhecimento com os verdadeiros mestres. Assim, os radio-ouvintes patrícios escapam à indiferença que lhes devotam os responsáveis pelas programações

NOS BASTIDORES FEMININOS



BETSY DRAKE, a "descoberta" de Cary Grant, surge num bellíssimo modêlo de "tulle" salpicado de "pois" e de estrêlas

CADA um vive como bem entende" é o que costumam dizer àquelas que por não pautarem a sua conduta na retidão e decência necessárias, pensam assim desculpar todos os seus erros. Mesmo que aceitássemos tais desculpas, deixando, portanto, de condenar atitudes que só podem prejudicar e menosprezar a própria mulher, não poderíamos nunca aceitar o cinismo das que, não contentes em "viverem como bem entendem", ainda fazem alarde dêsse sistema de vida. Falta-lhes o pudor, a discreção e a dignidade que deveriam existir mesmo entre aquelas que preferem a variedade, a aventura, a agitação, a um amor tranquilo e leal. Já suportaríamos que fizessem tudo o que ocorresse em suas imaginações; já suportaríamos que mudassem de "galho" cada dia, já suportaríamos tôdas as suas leviandades, mas não podíamos suportar que façam das suas aventuras motivos de conversação, principalmente com pessoas que não lêem pela mesma cartilha. Não pensem que há exagêro no que afirmamos e nem pensem tampouco que estamos nos referindo às que são assim por profissão; nada disso, pois estamos nos referindo a numerosas criaturas de todos os setores sociais que são levianas "por esporte". Umas são casadas, outras "independentes", outras trabalham fora, outras não; enfim, são criaturas que vemos em tôda a parte e que passariam por muito distintas e honestas se elas próprias não se encarregassem de desfazer essa impressão. Não podemos compreender tanto cinismo e tanta falta de amor próprio. Que se faça o que bem se entenda, ainda vá, se bem que tal maneira de agir traga consigo uma interminável série de desvantagens e nenhum proveito; porém, que se espalhe isso aos quatro cantos, é imperdoável. Existem pessoas, que, na sua mentalidade, julgam que parecerão mais "inteligente" e "superiores" revelando a todos a sua indiferença por preconceitos de quaisquer espécies. Com a menor sem-cerimônia, vão contando a quem tenha paciência de ouvi-las, as suas histórias amorosas, os seus romances frequentes. "Abrem-se" com qualquer pessoa, amigas ou não, companheiros de trabalho e até com as empregadas domésticas, sem se preocuparem com a opinião que possam delas fazer e não se importando também que seus "romances" sejam passados adiante, o que invariàvelmente acontece. Conheci uma que "desabafava" com um colega de trabalho quinze anos mais moço do que ela. O rapaz conhecia, com detalhes, tôda a sua vida íntima e, divertido, comentava-a com outras pessoas. Assim, ao invés de conquistar mais um "fã" como talvez ela houvesse julgado, estava era sendo alvo da indiscreção do colega e de pilhérias pouco delicadas. Se pelo menos tais pessoas guardassem um pouco mais de discreção; se pelo menos soubessem manter diante do mundo uma atitude digna; se pelo menos respeitassem um pouco a si mesmas e se pelo menos procurassem merecer também um pouco de respeito alheio, já teriam feito alguma coisa para atenuar o seu incorreto sistema de vida.

O. B.

PARECE-NOS que nunca a imaginação dos costureiros foi tão fértil. Em qualquer que seja o terreno, os modelos apresentados são ricos de inspiração e detalhes que tornam a mulher ainda mais encantadora. Nestas páginas, por exemplo, vocês encontrarão modelos para as noites, alguns vindos de Hollywood, outros de Paris, os quais, sem qualquer dúvida, podem ser usadas pelas criaturas mais exigentes. Senão vejamos:

★

Em organdi estampado é o outro modêlo de Miss Nyer. O decote é muito baixo, com babados ao seu redor. Na saia, um babado franzido é aplicado sôbre os quadris, descendo até quase à barra da saia

NOITES Elegantes

À esquerda: Para um jantar cerimonioso, Gloria Graham, da RKO usa êste modêlo em jersey de sêda verde-mar, com cinturão e gola incrustados de pérolas. Banda drapeada sôbre os ombros. **À direita:** De Marcel Rochas: modêlo em **faille** azul, o corpete bordado de **paillettes.** Um drapeado é aplicado sôbre os quadris caindo em ponta atrás

À esquerda: Da mesma "estrêla" é êste suntuoso modêlo em veludo verde petróleo, de corpo longo, decote muito acentuado, descobrindo os ombros. Uma tira do mesmo tecido cerca o pescoço, dando nó na frente

★

No canto da página: — Para as mais jovens, Martha Hyer, da RKO, sugere êste modêlo muito elegante com saia em tecido metálico de dois tons. Blusa de jersey. Decote em "V"

Ultimas

CRIAÇÕES

É de Grés êste notável modêlo em linho azul marinho e cambraia estampada. A pala é inteiramente solta na frente, formando gola

"Tailleur" de linho branco. Blusa e punhos em tecido listrado. Saia em pregas. Original criação de Pierre Balmain

pregas. Original criação de Pierre Balmain. Chapéu em palha branca e organdi, pena em côr viva

Para o "cocktail", elegantíssima criação de Jacques Fath, em sêda estampada. Saia com grande "apanhado" Decote simples, mangas justas nos punhos

Jean Patou criou êste elegantíssimo modêlo em sêda preta, com blusa drapeada. Saia reta, a cintura justa, decote amplo quadrado, mangas japonesas

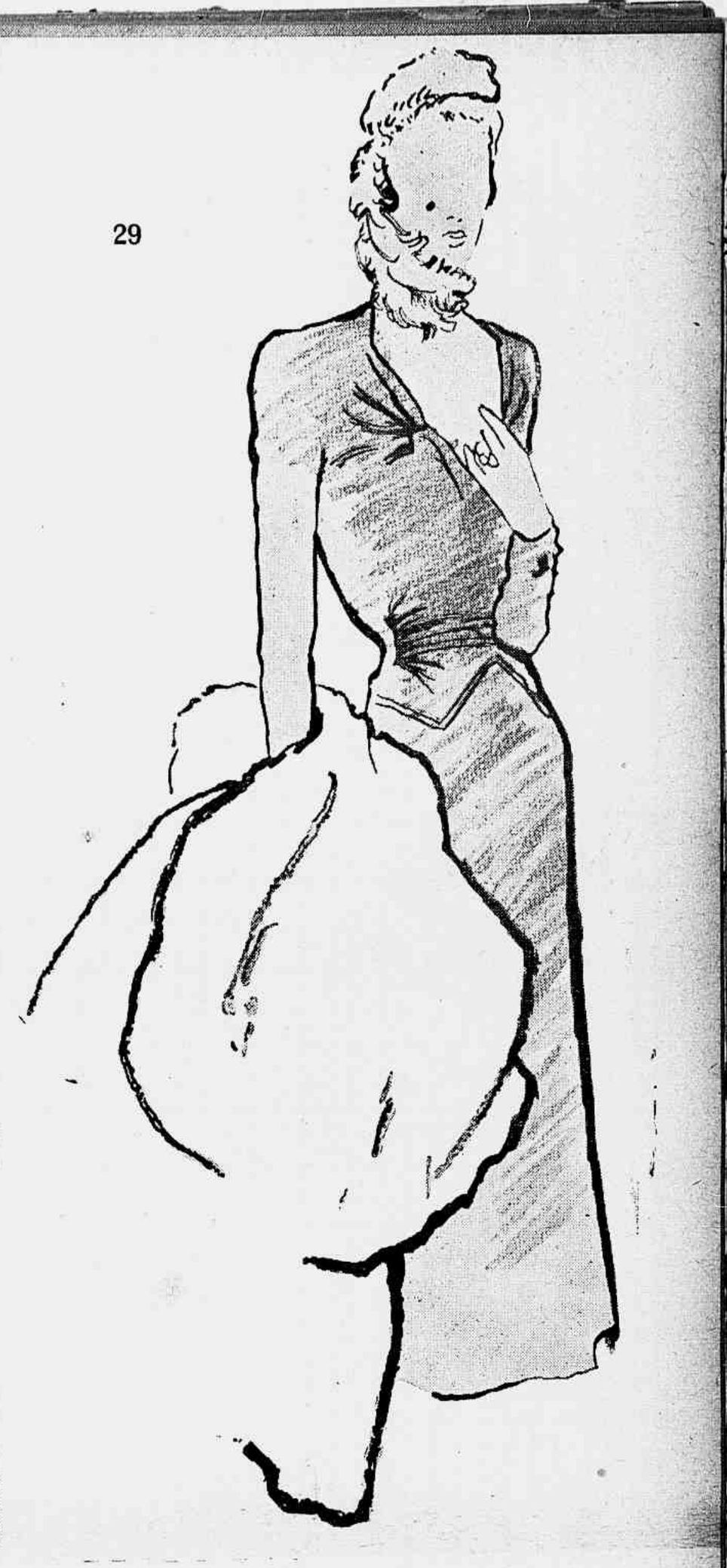
Para passeio, sugerimos êste modêlo em sêda estampada. Saia plissada. Gola formada por lenço. Criação de Molyneux, cinto do mesmo tecido, fivela forrada

A elegância na "lingerie" é obtida por meio de detalhes adoráveis: delicados plissados, rendas, aplicações e bordados. Mas não se trata apenas de um trabalho de agulha; os tecidos empregados e os modelos escolhidos são também de grande importância. Nestas páginas apresentamos algumas interessantes e originais sugestões em matéria de "lingerie".

N ESTA página, ao alto — "Deshabillé" em mousseline verde pálido, incrustações de cetim em tom ainda mais pálido. À esquerda — Uma linha antiga é sugerida nesta camisola de mousseline com babado franzido na barra. ★ Em mousseline branca com rendas verdadeiras. Corpo longo. Na página ao lado — Mousseline branca e incrustações de renda. Fôlhas aplicadas de cetim. ★ Uma camisola de noite, em mousseline, com nervuras e rendas. ★ Sôbre uma camisola de cetim branco, original contraste é formado com a aplicação de rendas pretas.

Requisite...

Apresentamos nestas páginas o que de mais requintado nos sugere a costura francêsa. São modelos elegantíssimos, criados por nomes famosos como os de Jean Dessés, Christian Dior, Jacques Fath e outros.



Na página ao lado, ao alto: Em **tulle** negro trabalhado com tiras de organdi rosa. Modêlo de Jean Désses. Modêlo de Maggy Rouff, em tafetá preto, corpo baixo, saia plissada. Largos punhos brancos. **Em baixo:** Casaco de linhas retas, largo, também de mangas amplas. Notem a originalidade dos bolsos. Criação de Marcel Rochas. Christian Dior marcou grande êxito com êste **tailleur** de sêda cinza com faixa larga, terminando em grande laço em **faille** negro. Nesta página, ao alto: 1) - Modêlo em **faille** marinho, abotoado na frente e com grande babado na saia. Criação de Robert Piguet. 2) - Túnica verde, tôda plissada, sôbre saia de tafetá preto. Criação de Pierre Balmain. **À direita:** De Bruyére, modêlo em sêda preta, drapeados no decote. Saia reta. Finalmente, **em baixo:** dois elegantíssimos modelos de Jacques Fath

SRTA. LÊDA LOBATO DE OLIVEIRA

SRTA. YÊDA SCAMPINI

MISS BRASIL-MIS

PARADA EMPOLGANTE E EL
DA REPRESENTANTE BRASILEI
CETRO MUNDIAL DE BELA
TAS CANDIDATAS, MAIS E U
★ AMPLO APOIO POR

OS concursos de beleza são, desde a mais remota antiguidade, provas de eugenia em busca da perfeição física dos povos. Os jogos florais da velha Grécia são a fonte clássica dessa procura simbólica da formusura e da elegância. E os modernos retomaram a antiga prática, sintetizando na mulher tôda a concepção do belo, na vida.

Daí o interêsse geral e o apoio emocional que sempre alcançam de todos essas olimpíadas femininas em disputa dos gloriosos títulos que consagram às mulheres realmente belas.

Pelo concurso que atualmente se realiza em nosso país, sob o patrocínio jornalístico de "O Globo" e promovido pela Delegação Brasileira do "Comité International Pour L'Election de Miss Univers" se poderá aquilatar com eloquência a significação patriótica e elegante da iniciativa, a que REVISTA DA SEMANA deu apoio com entusiasmo. Em menos de três meses o certame empolgou a mocidade e toma aspectos sensacionais em tôda parte. No Amazonas, onde uma única candidata já reune 118.000 votos e os legislativos estadual e municipal criam prêmios especiais para a representante da mulher amazonense; em Pernambuco, onde a disputa se transforma em paixão coletiva, dominando tôda a vida social do Estado; no Espírito Santo, onde o governador prestigia com sua presença as belas festas realizadas, apondo pessoalmente as faixas das candidatas vencedoras nos pleitos preliminares; no Rio, em São Paulo, no Estado do Rio, Minas, Paraná, em tôda parte, mesmo nos longinquos territórios federais — Rio Branco, Amapá, Guaporé — o concurso "Miss-Brasil-Miss Universo se constitui no motivo central da temporada elegante.

Mais de quinhentas candidatas estão inscritas ao ambicionado título. Mais de 1.500.000 vot

A ESQUERDA — MISSES DE VITÓRIA — Nesta solenidade aparecem, da esquerda para a direita: srtas. Lêda Lobato de Oliveira, Lenath Silva Pinto, Yêda Finamore, Rachel de Oliveira, Yêda Scampine, Marluce Maia, Sindália Machado, respectivamente.

SRTA. LIZETTE MOREIRA

SRTA. MARIA JOSE' BRITO

L-MISS UNIVERSO

NTE ELEGÂNCIA A ESCÔLHA E BRASILEIRA NA DISPUTA DO E BELA ★ MAIS DE QUINHEN- MAIS E UM MILHÃO DE VOTOS APOIO POR TÔDA PARTE

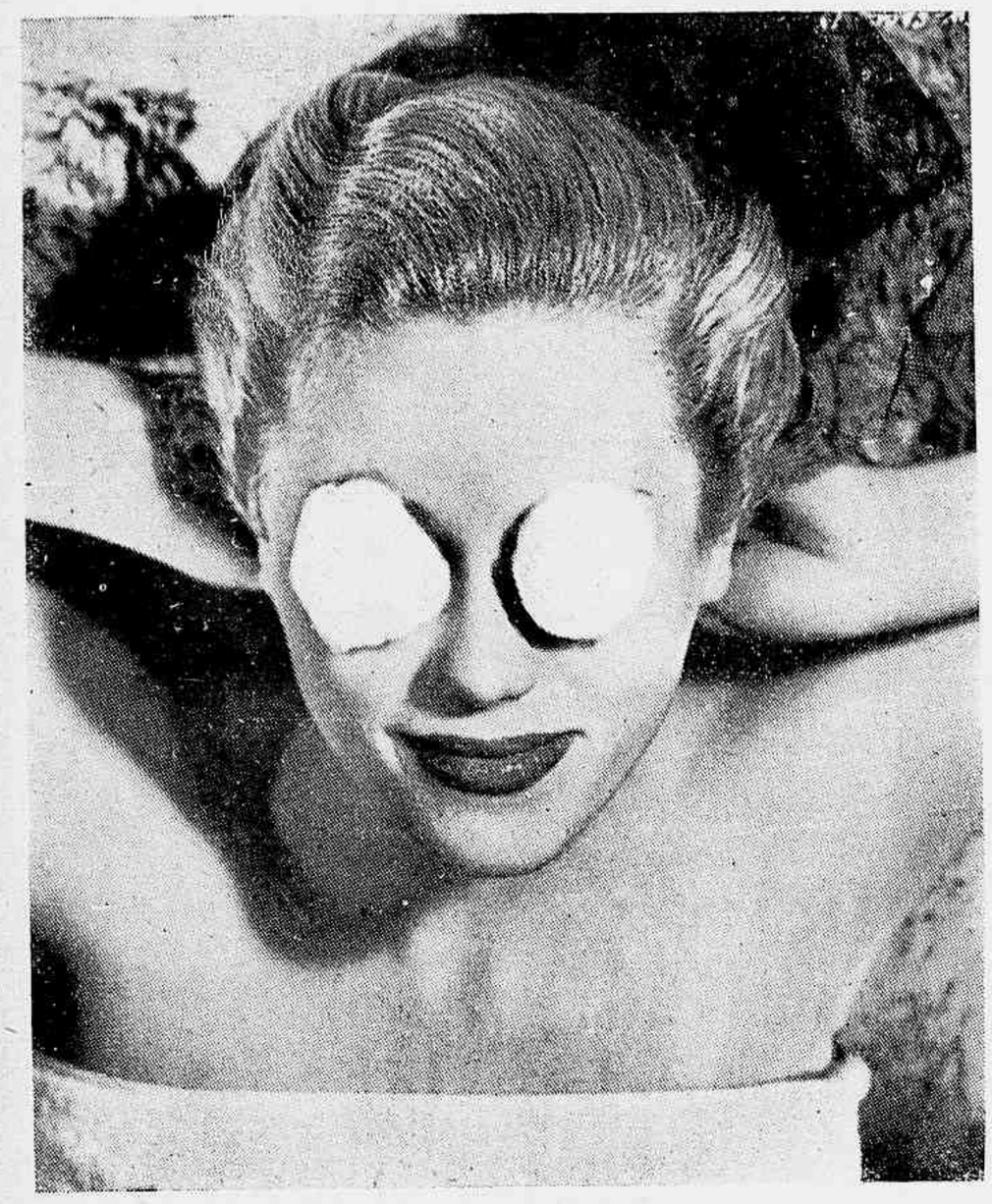
Texto de SÍLVIA AUGUSTA

nporad oram já computados. Entidades recreativas, artísticas e sociais ndidata aderem ao movimento, presti- cionado giando-o com seu estímulo e sua 0 vot participação direta, o que eleva ainda mais sua finalidade. A Panair do Brasil ofereceu tôdas as passagens para as missões estaduais e para "Miss Brasil". O Hotel Quitandinha colocou suas magníficas instalações à disposição da delegação, para que ali se hospedem as mais belas jovens do Brasil e ali se realizem as grandes festas finais da eleição. As Perfumarias "Creme do Harem", de São Paulo, dando cunho simpático e inteligente à sua propaganda, ofereceu todo o enxoval da futura "Miss Brasil", a ser confeccionado inteiramente pelos melhores costureiros de Paris, e tôdas as despesas da representante da mulher brasileira, transformando-a por dois meses, em verdadeira rainha de contos de fadas.

Prestigiando o interessante movimento, REVISTA DA SEMANA dedicará, em tôdas as suas edições, páginas especiais sôbre o certame e publicará as mais expressivas fotografias das belas jovens inscritas, além de reportagens, desta capital e do interior do país, focalizando tipos femininos dignos de figurar entre as mais encantadoras mulheres do mundo, sua vida, seus hábitos.

Em nossa edição de hoje damos várias fotografias do desenrolar do concurso nos Estado do Espírito Santo, onde o jornal "Tribunal" dirige o pleito. Mostram-se flagrantes da última apuração na qual a formosa srta. Leda Lobato de Oliveira, candidata dos estudantes capixabas e, incontestàvelmente, um tipo de beleza de raros predicados, se colocou garbosamente em primeiro lugar, além de fotos focalizando o último grande baile ali realizado, com a aposição das faixas das candidatas dos bairros e clubes pelo governador do Estado, sr. Carlos Lindenberg, e sua espôsa.

esquerd Miss M.E.S.E., Bairro Forte de São João, Clube Vitória, Bairro de Santo Antônio, Finamor Clube Álvares Cabral, Bairro de Jacutiguara e Bairro de Mormipe. À DIREITA — tivamente APURAÇÃO realizada em 25 de setembro, na redação de "A Tribuna", de Vitória.



A BELEZA DOS OLHOS

SE você dispõe de pouco tempo para se preparar para ir à festa se os seus olhos denunciam todo o cansaço de quem trabalhou muito durante o dia ou andou muito fazendo compras, adote o sistema de Suzi Crandall, da RKO, e obterá excelentes resultados. Suzi, antes de mais nada, tranca-se em seu quarto, fecha as janelas, deita-se no chão, colocando os pés sôbre uma cadeira. O sangue afluirá ao rosto, reativando a circulação. De olhos fechados, não pensando em nada, Miss Crandall "relaxa" inteiramente os músculos. Depois, aplica sôbre as pálpebras, dois chumaços de algodão embebidos em água boricada. À hora da festa seus olhos estarão novamente descansados e brilhantes.

DETALHES E NOVIDADES

Os motivos bordados constituirão o grande êxito do próximo verão. Aqui, uma sugestão de Patou

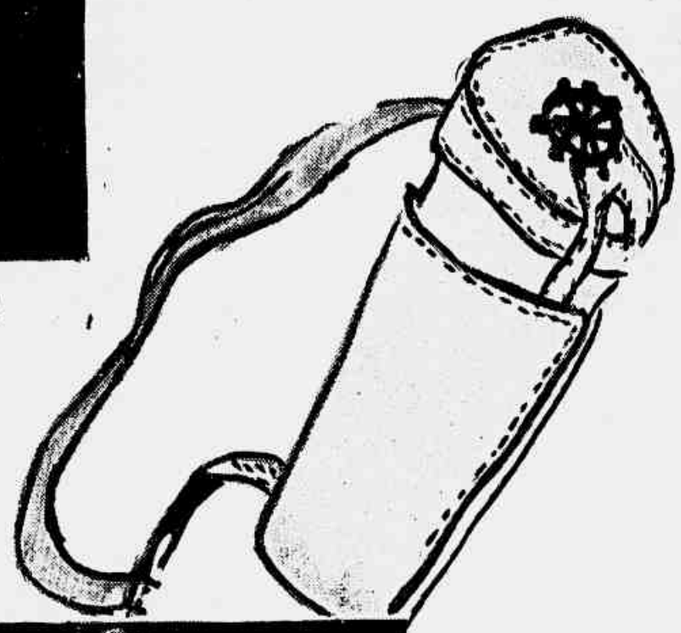
★

Para o verão os decotes serão ousados e amplos, como o que vemos abaixo

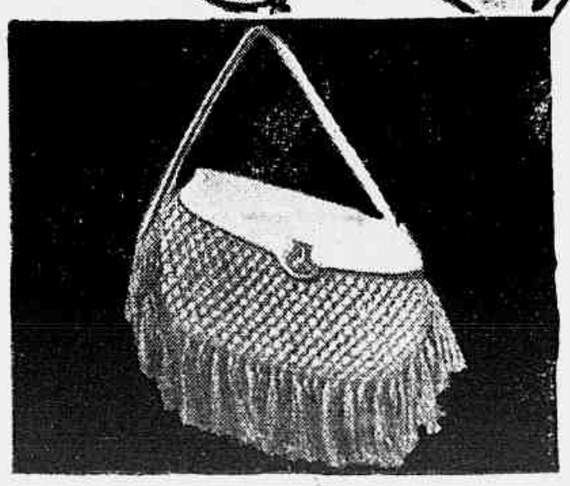
A última novidade para a praia. Oculos amarrados com grande lenço

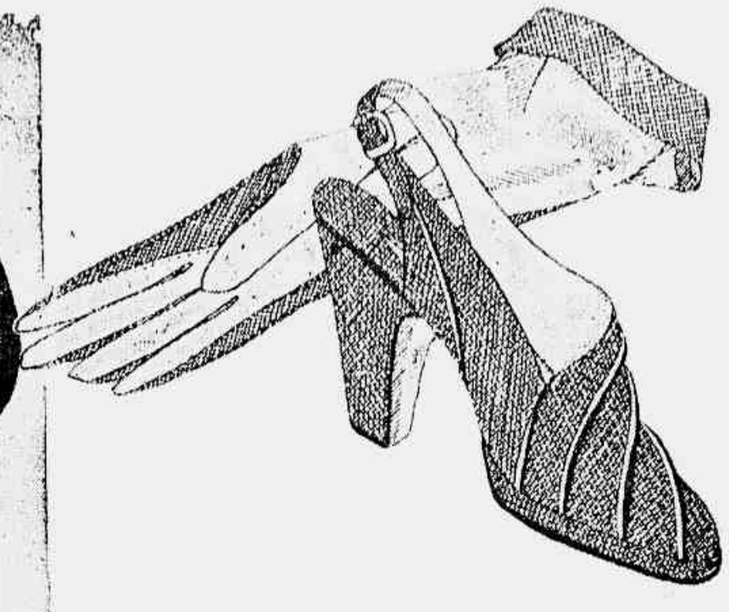
Para acentuar a cintura, pala larga com nervuras; punhos também com nervuras

Bolsa de couro para praia, em formato cilíndrico, criação de Lalo

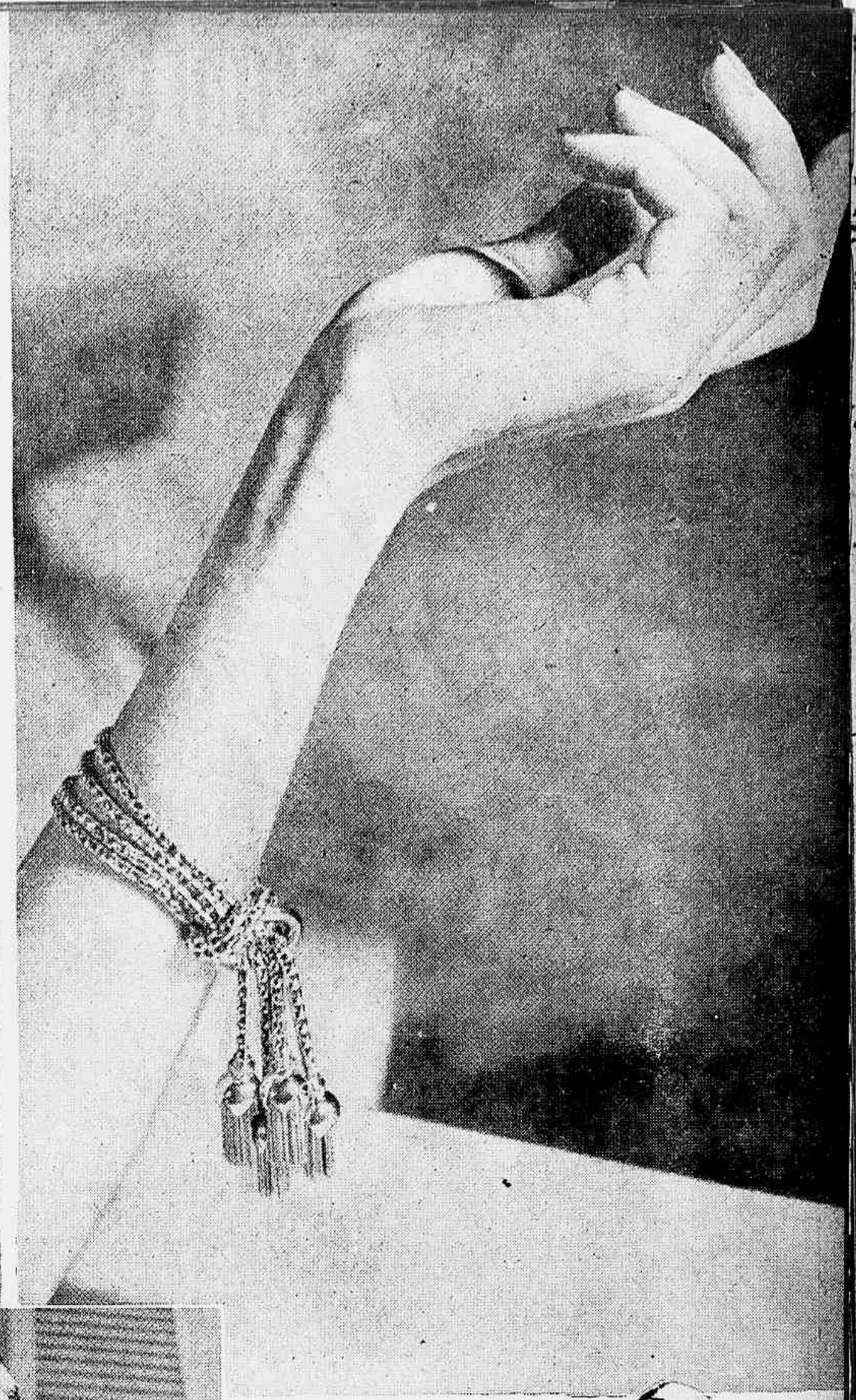


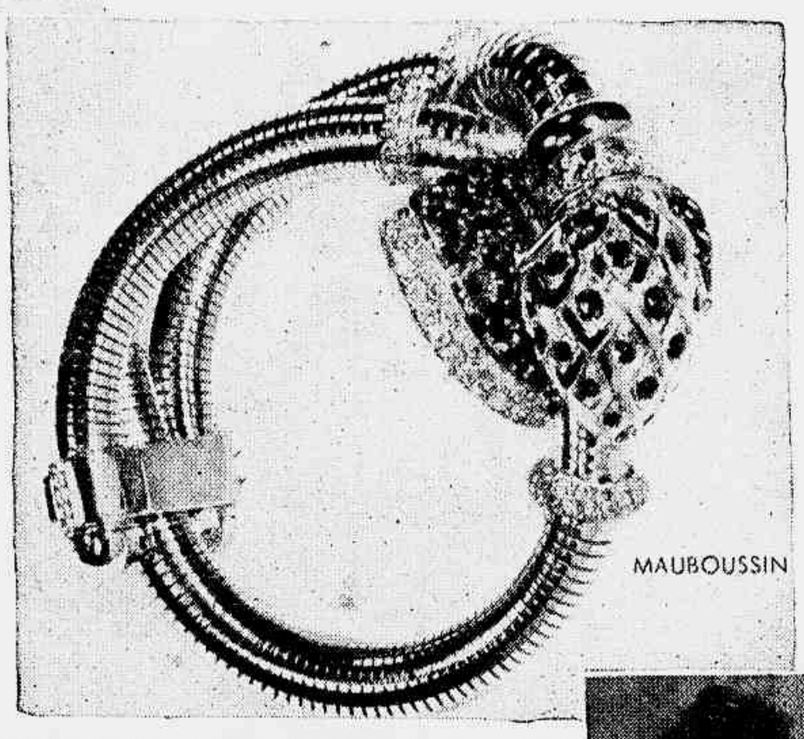
Original blusa para noite em malha de sêda com franjas





Para cabelos longos, êste é um dos mais modernos penteados

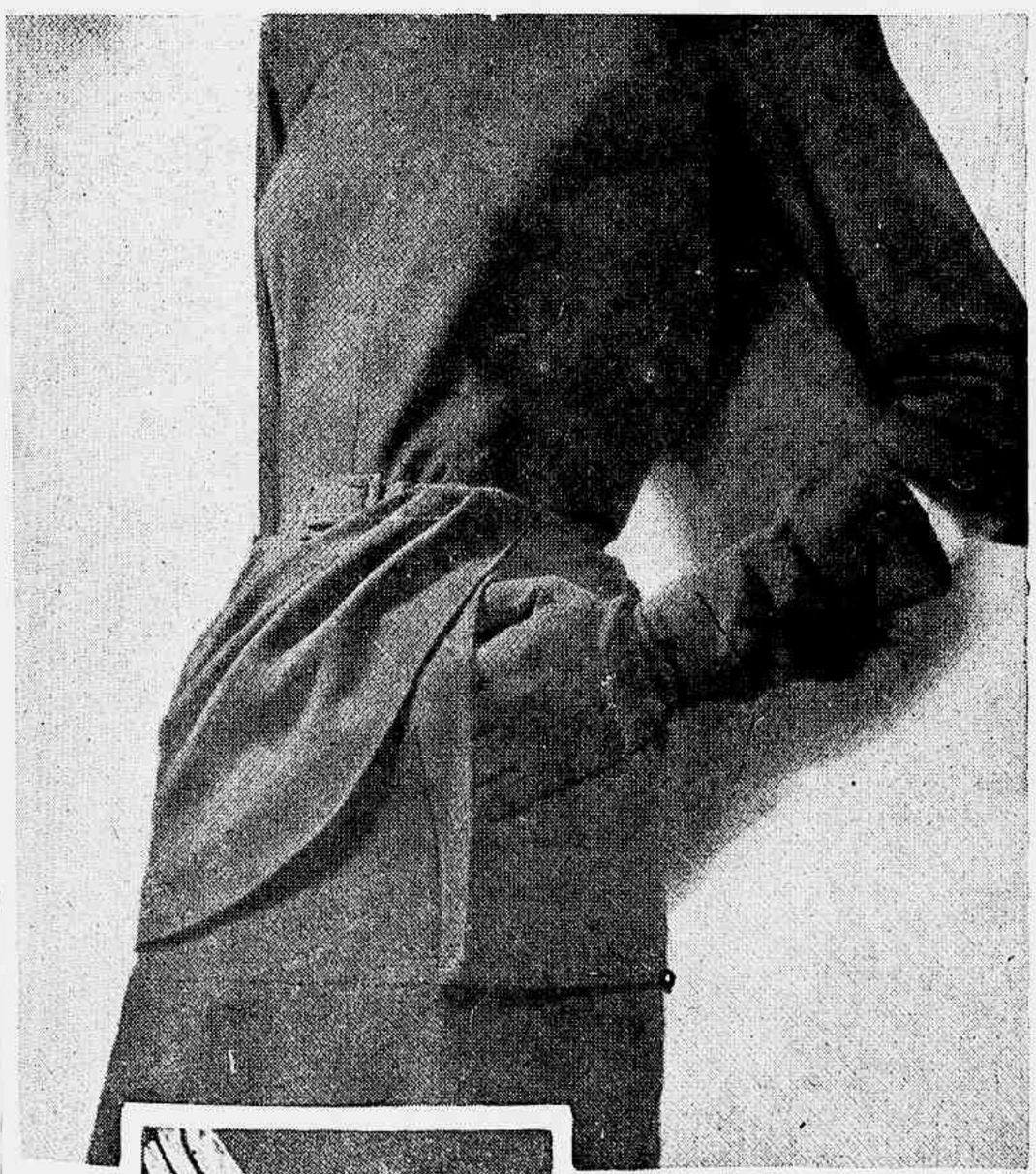




Sem dúvida é maravilhosa esta pulseira de ouro com diamantes e rubis, criada por Mauboussin, famoso joalheiro parisiense

Pulseira em metal dourado, de quatro voltas, com pingentes

"Echarpe" em tafetá listado preto e branco, franja de sêda branca

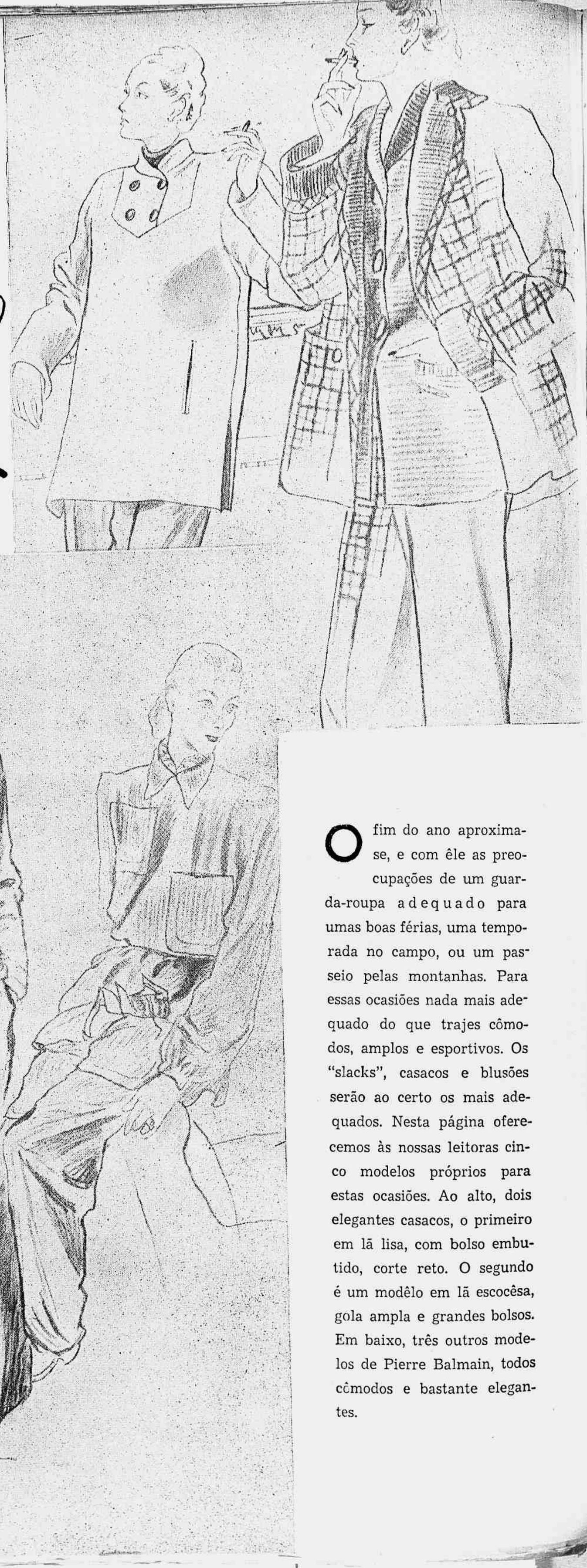


Reparem na originalidade desta "basque" idealizada por Robert Piguet

Use luvas que fiquem bem em suas mãos. Esta é para quem tenha mãos e dedos longos

Schiaparelli lançou esta elegantíssima e original jaqueta em veludo com bordados vivos e borlas

MODELOS Esportivos



O fim do ano aproxima-se, e com êle as preocupações de um guarda-roupa adequado para umas boas férias, uma temporada no campo, ou um passeio pelas montanhas. Para essas ocasiões nada mais adequado do que trajes cômodos, amplos e esportivos. Os "slacks", casacos e blusões serão ao certo os mais adequados. Nesta página oferecemos às nossas leitoras cinco modelos próprios para estas ocasiões. Ao alto, dois elegantes casacos, o primeiro em lã lisa, com bolso embutido, corte reto. O segundo é um modêlo em lã escocêsa, gola ampla e grandes bolsos. Em baixo, três outros modelos de Pierre Balmain, todos cômodos e bastante elegantes.

JÁ não é elegante sair sem chapéu quando o traje é um pouco mais **habillé.** Para isso, os chapeleiros parisienses têm criado verdadeiras obras de arte, das quais damos às nossas leitoras alguns exemplos:

AO ALTO, à esquerda: Modêlo em palha azul marinho grande pássaro. À DIREITA: E' de Suzanne Talbot esta grande "capeline" de crina preta com folhas bordadas no mesmo tom. EM BAIXO: Janette Colombier apresentou êste modêlo todo feito em penas de pavão. E também êste "toque" guarnecido de "paillettés" e "aigrettes". Finalmente, Sophie apresenta êste modêlo em "faille" branco, abas laterais viradas e bordadas em preto. Pena também preta

Chapéus de PARIS

De ANAMARIA CÉLIA

Barbara Bel Geddes aproveita tôdas as horas de folga que o cinema lhe dá, para brincar com sua filhinha. Ei-las, numa curiosa cena, no jardim da residência da "estrêla"

INFELIZES CRIANÇAS ABANDONADAS!

Quando vemos na rua, tantas crianças infelizes a quem falta tudo, carinho, proteção, confôrto e amor, somos forçadas a confrontá-las com milhares de cães e gatos que levam a vida quase principesca, comendo "mignon", dormindo em caminhas macias e acarinhados pelas suas amorosas donas. Alguns até sabem fazer **artes** e **gracinhas** com as quais se julgam perfeitamente recompensados aqueles que os criam.

"Não é mesmo um "xuxu?"...

Não somos contra os animais; apreciamo-los mesmo, dentro, porém, das justas medidas, mas não podemos deixar de lamentar que um grande número, talvez mesmo a maioria dessas infelizes crianças abandonadas, poderia ser salva se existisse um pouco mais de solidariedade entre os homens. Em muitos lares, onde há fartura e confôrto e onde falta o riso de uma criança, poderiam êsses pequeninos sêres serem abrigados. E então, muita desgraça e muita infelicidade poderiam ser evitadas. Há ocasiões em que chegamos a duvidar dos sentimentos da humanidade; não há quem se comova com a tristeza de um "vira-lata" ou com o miado de um pobre bichano. Não condenamos, repetimos, o amor aos animais, apenas achamos que seria útil e humano criar-se também uma criança. Existem cães que dão mais despesa do que duas ou três crianças juntas, o que não justifica a alegação de que "criança dá despesa", como a de que "criança dá trabalho", pois muito mais trabalho ainda dão certos cães de luxo, sem que ninguém ainda se tenha lembrado de queixar-se disso. E' verdade que ainda existem pessoas que resolvem criar um pequenino abandonado, mas o fazem com o fito de ter sempre à disposição um "burro de carga", pronto para arcar com trabalhos pesados, com responsabilidades além das suas fôrças.

"Que gracinha!... No colo da "mamãe"...

E no entanto, como seria extraordinário tirar uma criança do "nada" e transformá-la em "alguém"; fazer de uma pequena vítima da miséria do mundo, um homem digno, trabalhador e honrado. Seria construir algo de muito valor. Seria contribuir para a salvação do sêr humano. Seria dar a um miserável a "chance" de poder viver... Decidir-se-á alguém a abrir as portas do seu lar e do seu coração para acolher um pequeno abandonado? De todo o coração, rogamos a Deus que isto aconteça...

CONSELHOS ÚTEIS — A mais rigorosa higiene deve ser mantida com relação à criança. Não só o banho diário, como também suas roupas, seus objetos, seus hábitos, devem ser observados. ★ Unhas, dentes, ouvidos, devem ser vistos e limpos diàriamente. ★ Ensinando a criança desde cedo a manter-se limpa, ela própria irá adquirindo os necessários hábitos de higiene.

Para meninos de cinco a oito anos, êste encantador modelinho, simples e prático

1 Corrigindo a linha dos braços. Próximo a uma parede, apoie a palma da mão sôbre a mesma e o corpo sôbre a palma. Agora, desça a mão o mais possível sem retirá-la da parede.

2 Para manter firmes as espáduas, Estenda-se no leito, as espáduas fora dêle. Leve os braços para trás, sem movimentar o corpo. Repita o exercício algumas vezes.

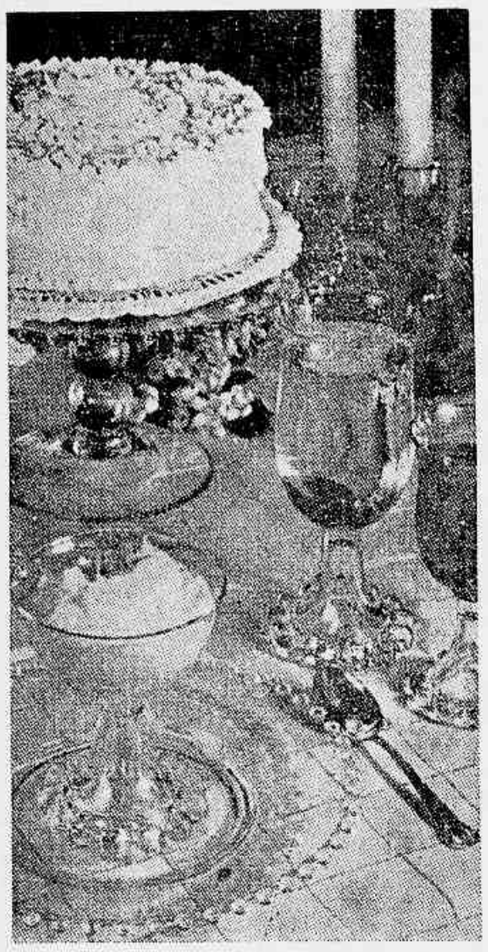
EM PROL DA *beleza das linhas*

3 Embelezamento das pernas. Aproxime-se do leito. Suba nêle. Estire uma perna para trás o mais distante possível. Repita o mesmo exercício alternadamente.

4 Afinando os tornozelos. Sente-se numa cadeira. Eleve as pernas e faça movimentos rotativos com os pés, alternadamente.

week-end NA COZINHA

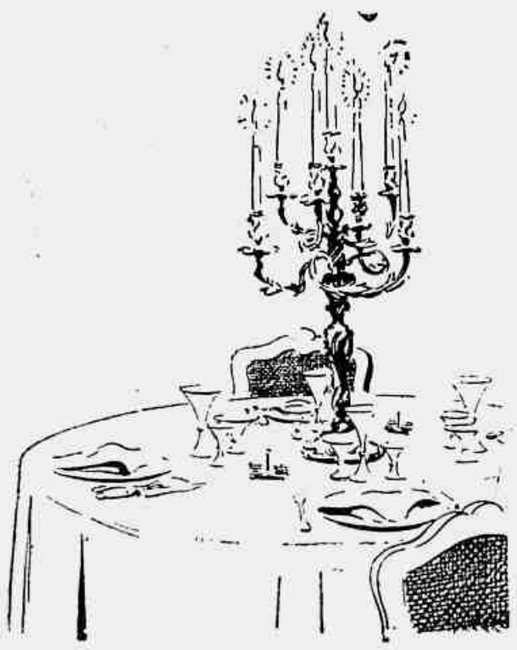
CONSELHOS ÚTEIS — O TOMATE é de grande valor nutritivo e de muita importância na dietética infantil. Sopas, sucos e molhos, podem e devem ser dados às crianças. Antes de fazer o môlho, próprio para a alimentação infantil, convém ferver os tomates antes de passá-los pela peneira, levando o suco novamente ao fogo, com um pouco de manteiga, até tornar a ferver. PARA QUE as verduras cozidas conservem a sua verdadeira côr depois de cozidas, adiciona-se à água em que são fervidas uma pitada de bicarbonato. SÃO NECESSÁRIOS dez minutos para a perfeita cocção de um ovo. Passado êsse tempo, a gema escurece e o ovo desprende um cheiro desagradável. **GALINHA ASSADA NA CAÇAROLA — Ingredientes:** 1 galinha, 200 grs. de manteiga ou banha, môlho de tomates. **Preparação:** Leva-se ao fogo uma caçarola contendo a manteiga ou a banha e quando estiver quente, põe-se a galinha que já deve estar tratada e temperada. Deixa-se refogar, virando-se de um lado para outro até ficar corada. Feito isto, vai-se-lhe juntando de vez em quando, colheradas de água quente até a carne ficar macia. Na ocasião de servir, tiram-se os ossos, põem-se a carne cortada em fatias no centro de uma travessa e rega-se com o môlho de tomates. **CROQUETES DE VITELA — Ingredientes:** 500 gramas de vitela assada; 100 grs. de presunto; 100 grs. de trufas; 250 grs. de banha, 200 grs. de farinha de trigo, 2 ovos, sal, salsa. **Preparação:** Passam-se as carnes na máquina, temperam-se com sal e em seguida juntam-se-lhes os ovos e um pouco de farinha de trigo para ligar. Acrescenta-se-lhes a salsa picadinha e leva-se tudo ao fogo, mexendo-se continuamente. Quando o massa tornar-se cremosa, porém compacta de modo a ser enralada, retira-se, deixa-se esfriar, fazem os croquetes que se passam na farinha de trigo, fritando-se depois na banha quente. **REGALIAS FRITAS — Ingredientes:** 400 grs. de farinha de trigo, 100 grs. de açúcar, 50 grs. de manteiga, 3 ovos, 1 colher das de sopa, de leite, 2 colheres das de chá de fermento, 1/2 colher das de chá, de sal. **Preparação:** Numa vasilha põem-se o açúcar com a manteiga e depois adicionam-se os ovos, a farinha peneirada com o fermento, o leite e o sal. Mistura-se tudo, passa-se para uma tábua ou mármore e amassa-se até ficar na consistência de se poder estender com o rolo. Cortam-se então com um ferro próprio ou com a boca de um cálice. Fritam-se em banha bem quente. Depois de fritas colocam-se sôbre um papel pardo para escorrer a gordura e no momento de servir polvilham-se com açúcar. **COMPOTA DE ABACAXI — Ingredientes:** açúcar, abacaxis maduros, canela em pau. **Preparação:** Descascam-se os abacaxis e cortam-se em rodelas da grossura de um centímetro. Põe-se o açúcar, junta-se-lhe água em quantidade necessária para fazer uma calda rala e leva-se ao fogo. Quando começar a ferver, põem-se as rodelas de abacaxi dentro da mesma, diminui-se o fogo e deixam-se cozinhar lentamente durante uma hora, mais ou menos. Findo êste tempo, retiram-se e no dia seguinte, levam-se novamente ao fogo, deixando-se ferver até as rodelas ficarem bem passadas na calda. Alguns minutos antes de se retirar do fogo, junta-se-lhes um pedaço de pau de canela.



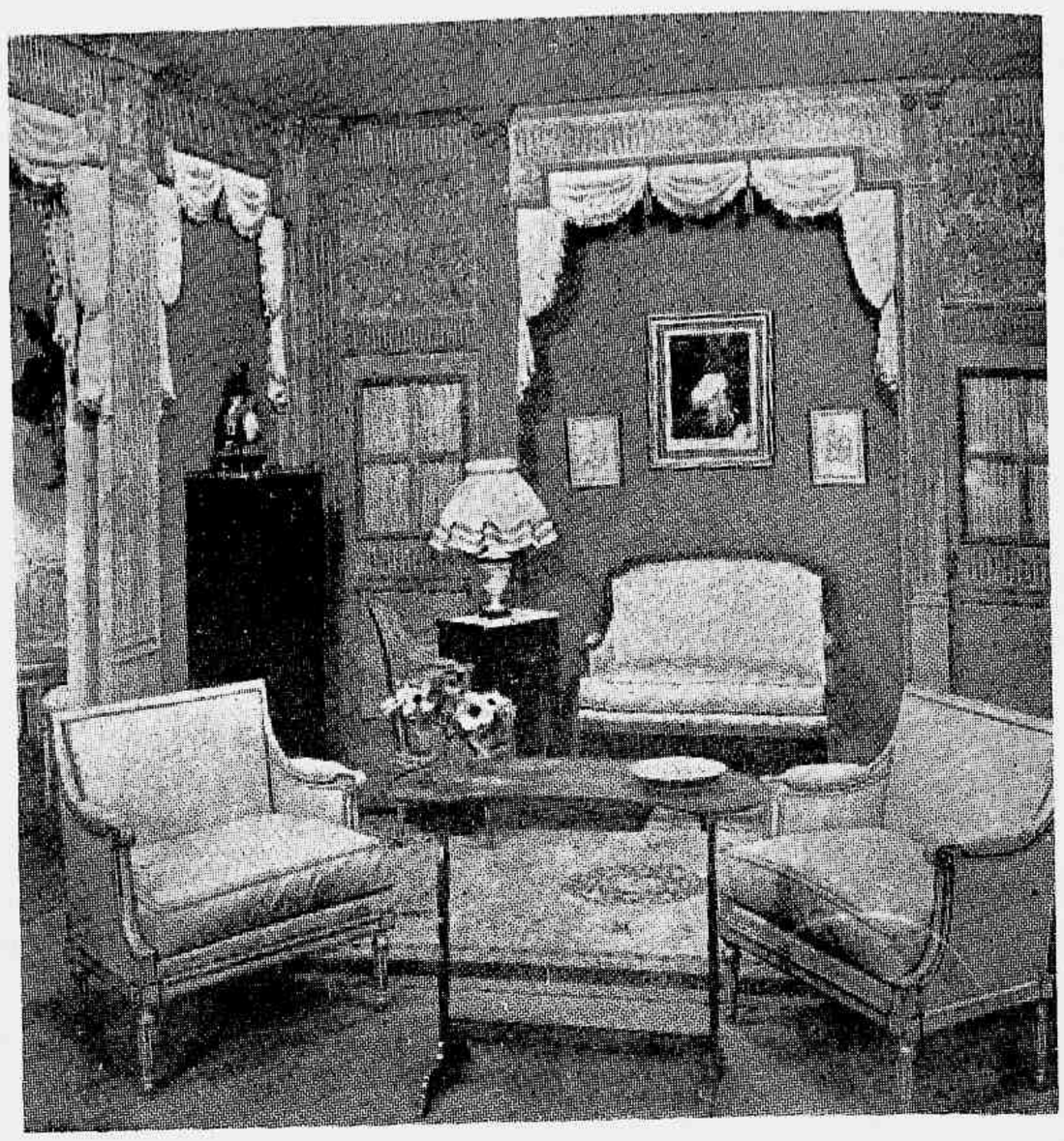
Bolos e pudins... Não é difícil fazê-los...

★

Você tem razão, minha amiga, mesmo uma cozinheira precisa ter "inspiração". Não é só jogar os ingredientes dentro da panela e... pronto... dentro de alguns minutos a comida estará em condições de ir para a mesa. Três fatores são de muita importância: a bôa qualidade dos gêneros, o tempêro e a apresentação. Muita gente, mesmo de regular situação financeira, prefere se utilizar de gêneros baratos, pensando assim fazer economia. Tal não acontece, porém, pois o gênero barato tem em geral maior facilidade de deterioração. E assim, a diferença do preço vai na quantidade que se perde deteriorada. Pouco e bom deve ser sempre preferível a muito e ruim. O tempêro também não deverá ser apenas sal e pimenta. Existe uma numerosa quantidade de tempêros diferentes os quais, quando devidamente aplicados, dão à comida um sabor especial. Quanto à apresentação, ninguém ignora que dela depende até o bom apetite dos que estão à mesa.

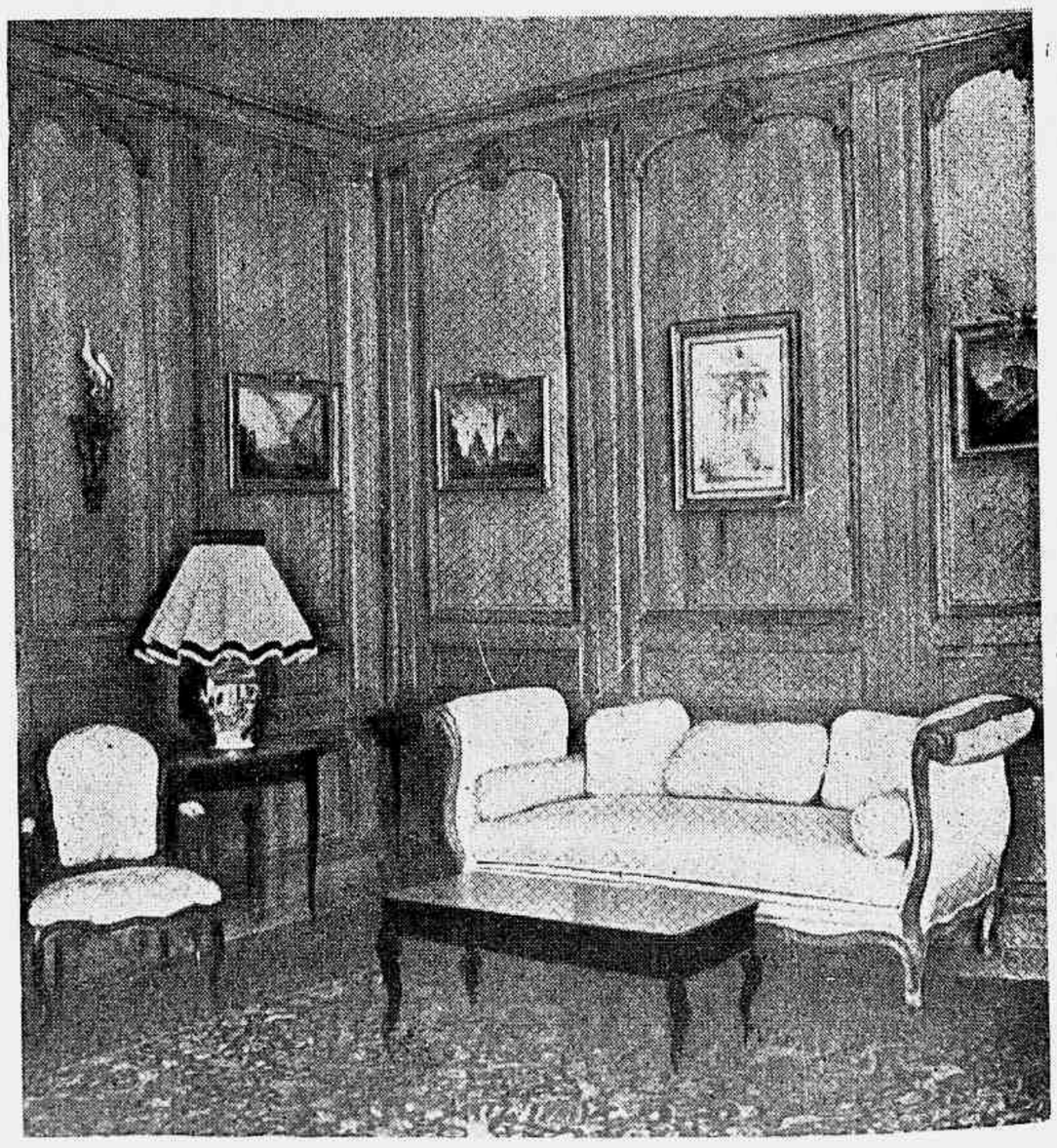


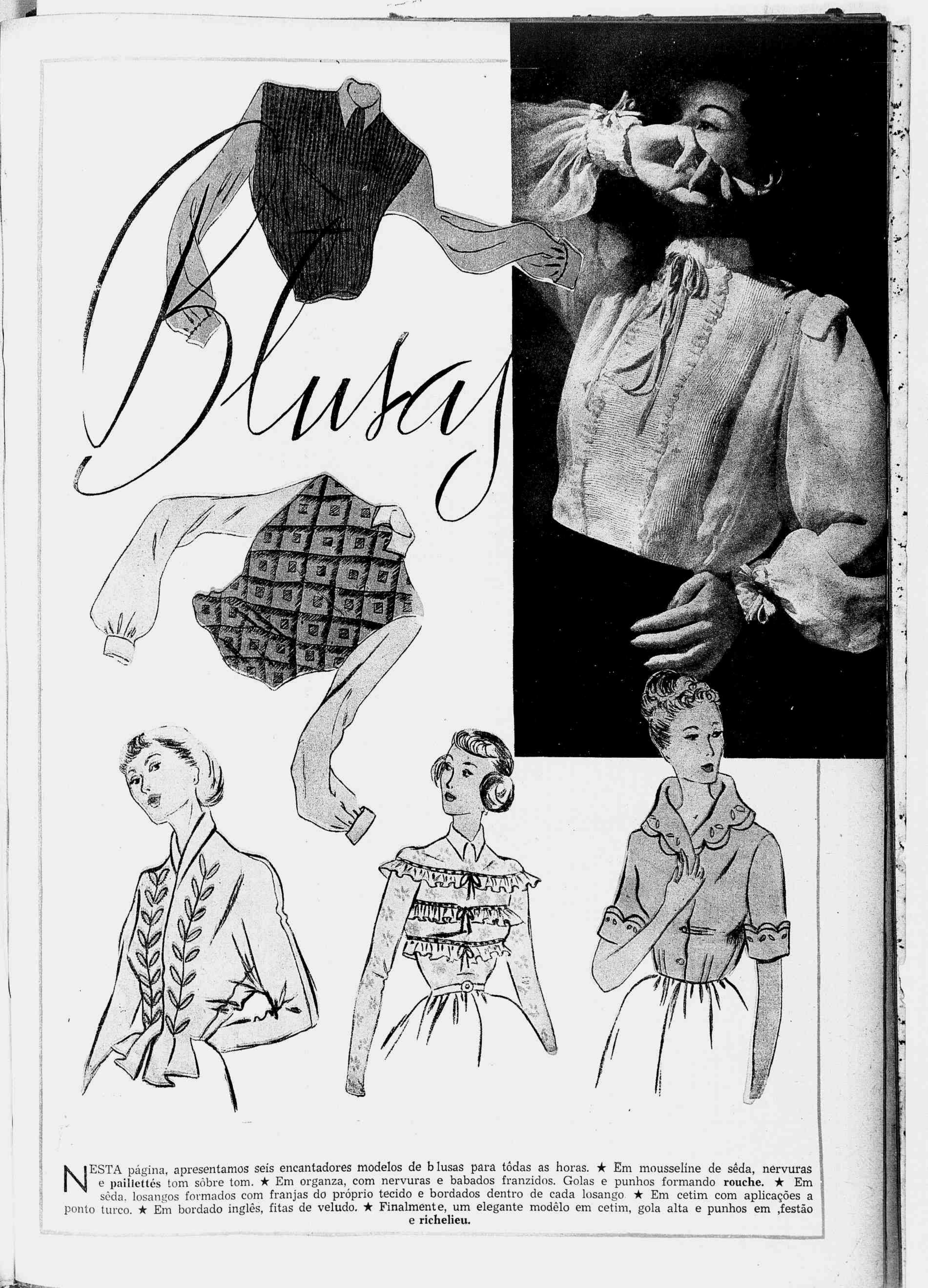
Para um jantar de cerimônia, o candelabro dá à mesa um aspecto de bom gôsto e requinte



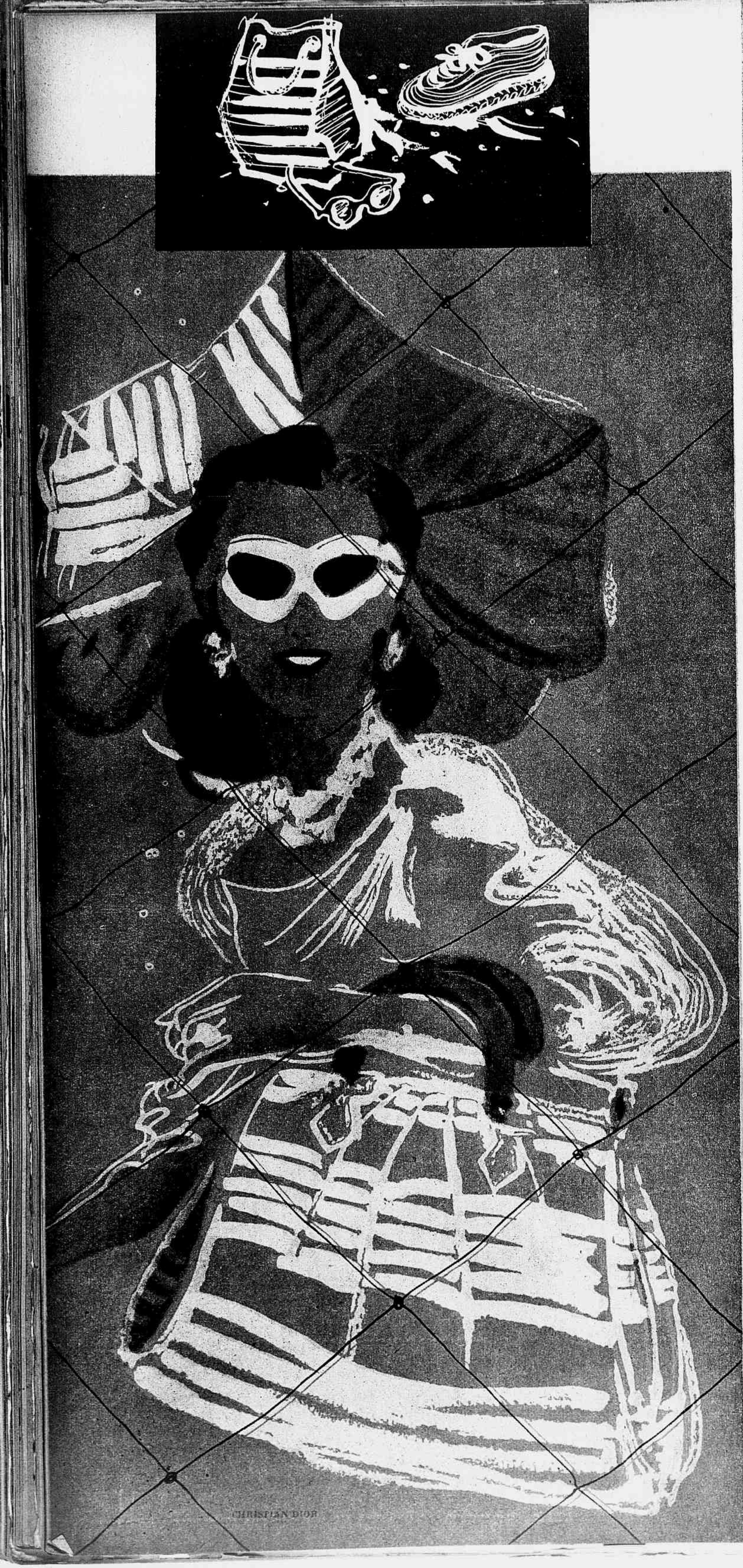
INTERIORES

Para os que preferem ambientes de estilo, aqui está um canto de sala estilo Luís XV e pequeno salão Luís XVI. No primeiro, o elegantíssimo divã é em **decapé** com estôfo em brocado rosa. **Abat-jour** de fina porcelana. No segundo, a própria parede é ricamente decorada e o **nicho** forma um fundo para o elegante divã. Candelabros, porcelanas, etc. completam o conjunto.

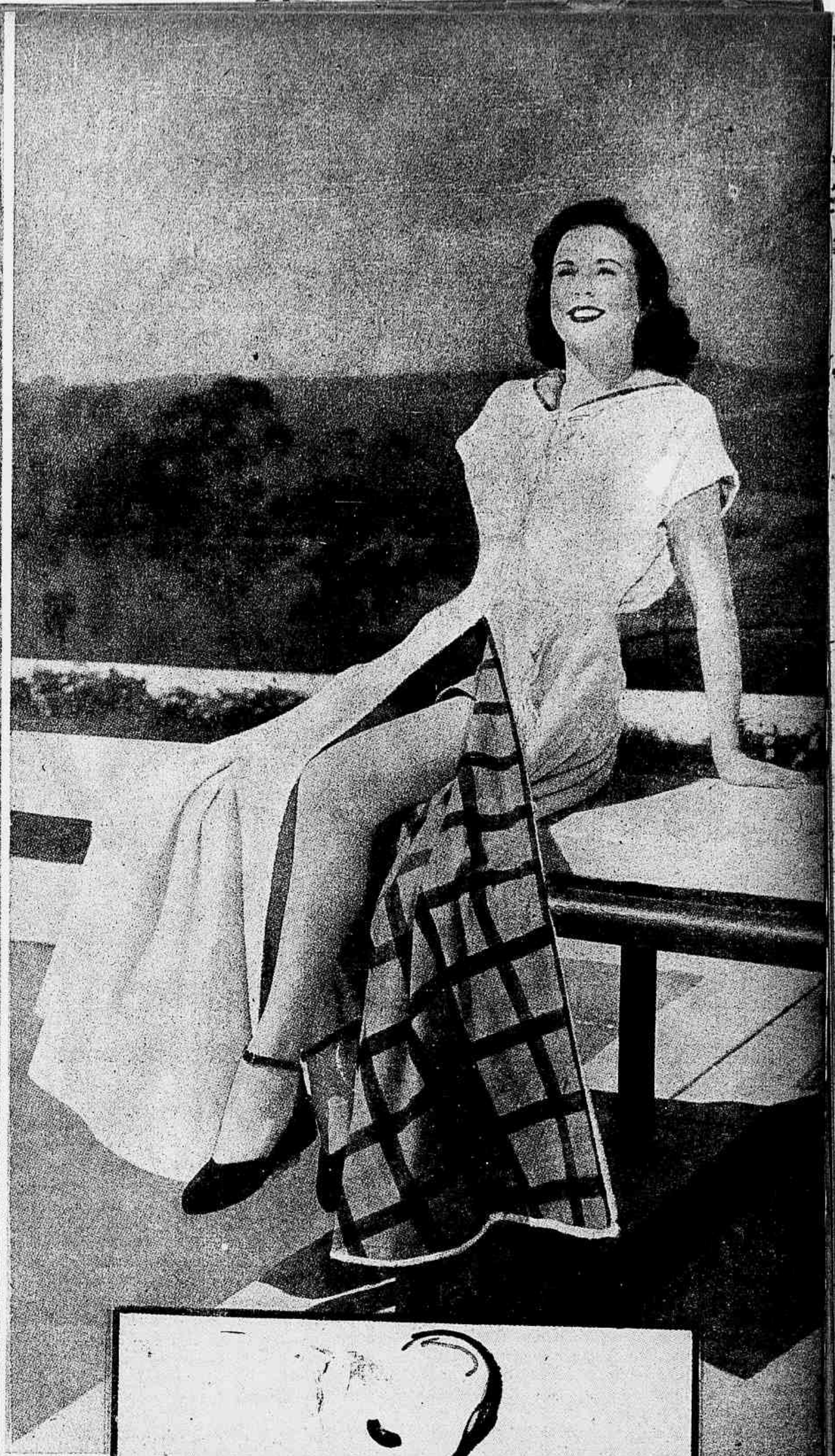




NESTA página, apresentamos seis encantadores modelos de blusas para tôdas as horas. ★ Em mousseline de sêda, nervuras e **paillettés** tom sôbre tom. ★ Em organza, com nervuras e babados franzidos. Golas e punhos formando **rouche.** ★ Em sêda, losangos formados com franjas do próprio tecido e bordados dentro de cada losango. ★ Em cetim com aplicações a ponto turco. ★ Em bordado inglês, fitas de veludo. ★ **Finalmente**, um elegante modêlo em cetim, gola alta e punhos em ,festão e **richelieu.**

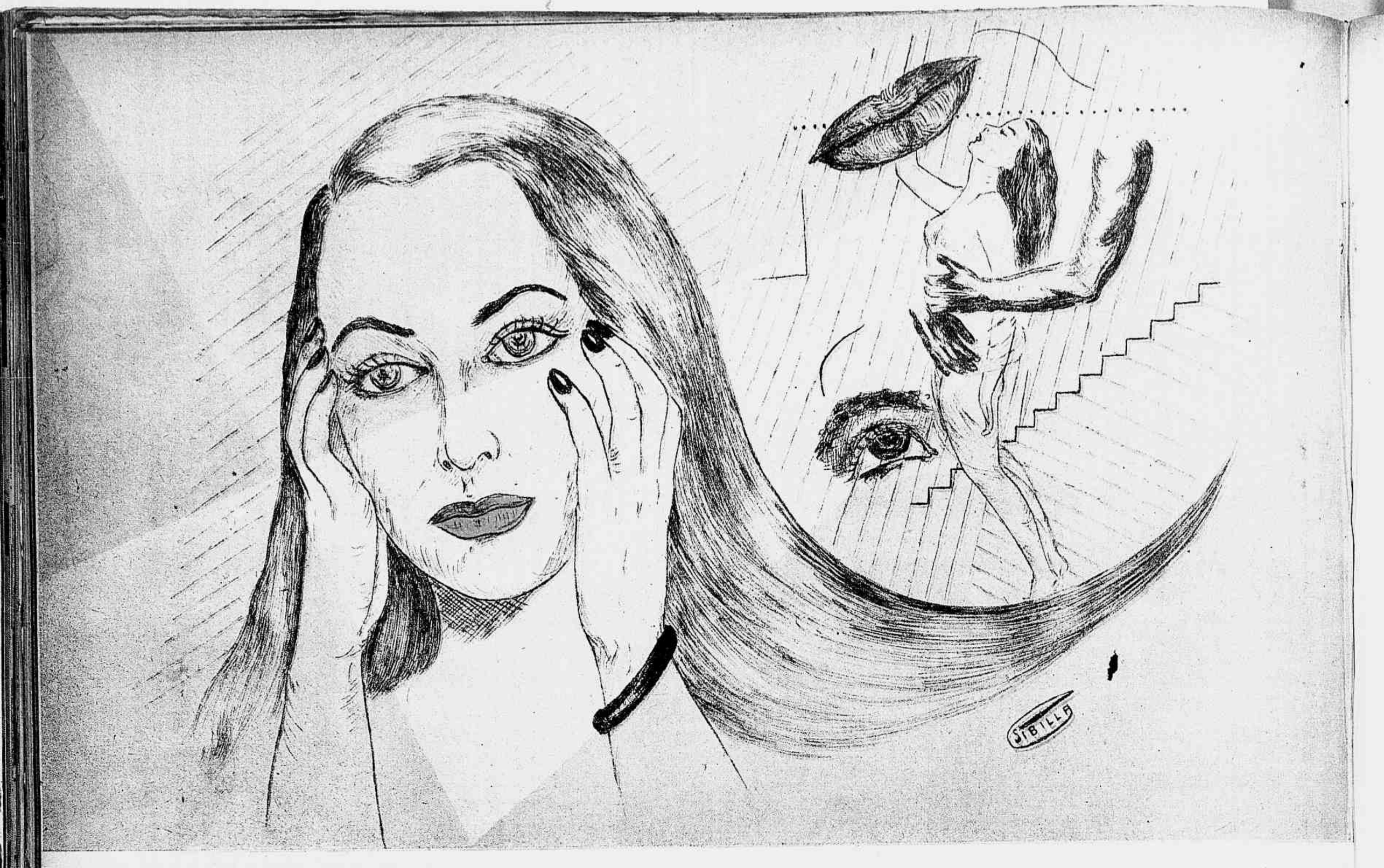


para



COM a inconstância do nosso clima, o melhor que temos a fazer é estarmos preparadas para o frio e para o calor, quer estejamos em junho ou dezembro. Que dizem dêste traje ao alto, à esquerda, em cambraia ou algodão estampado, com seus drapeados no bolero e na saia? Jacques Heim foi o seu criador. E êste **maillot** de Esther Williams? Um **taco**, não? O **maillot**, bem entendido. Êste **robe** de Deanna Durbin, da Universal-International é ideal. E' longo, com duas vistas e abrigará de qualquer friozinho teimoso que possa ainda existir. Por fim, êste modêlo de Heim, em linho branco com barra azul forte. Corpete também azul e muito curto.

a Praia



Conto de **ALDUINO DE CAMPOS** (Selecionado pela **"REVISTA DA SEMANA"**) Ilustração de **SIBILLA**

POSITIVAMENTE, aquêles dois estudantes não tinham muita coisa de que se ocupar; estavam, ainda, distanciados dos exames, única época em que, realmente, se estuda; já se sentiam enfarados dos bares e "dancings", a que se atiraram, a princípio, com frenético entusiasmo; ademais, a exploração que campeia nesses recintos alegres havia desfalcado suas finanças precárias, e as "pequenas" do bairro preferiam, para passeios, os automobilistas elegantes, que todas as noites enxameavam nas redondezas. Tolhidos, assim, por tantas restrições, da bolsa e do espírito, deixavam-se ficar em casa, ardendo por emoções novas, que não apareciam. Eis senão quando, um deles, inspirado em leitura recente, concebeu luminosa idéia, aparentemente banal, mas que oferecia sedutoras perspectivas de romance e mistério e que, sem dúvida, os iria divertir e emocionar: — Anunciar pelos jornais a existência de um hipotético consultório de psicanálise, onde um técnico imaginário, recém-chegado dos Estados Unidos, o professor Sheldon, daria consultas sôbre estados emocionais, angústias, perturbações psíquicas, prometendo restabelecimento pronto e seguro. Para obviar cacetadas de "marmanjos" que não interessavam, o anúncio cautelosamente advertia que o professor era especialista em neuroses femininas, manifestando uma suspeita preferência pelos estados emocionais do belo sexo.

Publicado, o anúncio teve uma repercussão superior à que imaginavam. Já no dia seguinte o carteiro da tarde trazia-lhes considerável correspondência, em cujos envelopes sedutores cintilavam, vigorosos ou tímidos, lindos cursivos femininos. Os estudantes não cabiam em si de satisfação. Atiraram-se às cartas com entusiasmo, abençoando aquela idéia, que maravilhosamente viria encher as suas horas de ociosidade e desencanto. Mas o primeiro exame daquelas missivas começou a decepcionar os jovens psicanalistas. Eram consultas vulgares, agitando problemazinhos de meninas casadoiras, desprovidos de interêsse e conteúdo humano. Chegavam algumas missivistas, confundindo a natureza das investigações psicanalistas do prof. Sheldon, a tratá-lo como adivinho ou quiromante, pedindo-lhe palpites ou inspirações para o futuro. Queriam saber se o seu amado voltaria; se casariam e se seriam felizes; qual dentre dois pretendentes devia merecer preferência. Uma das missivistas, depois de narrar minuciosamente as inconsequências e travessuras de seu amado, ingenuamente perguntava: "Em face do exposto, professor, o senhor acha que êle gosta de mim?"... Era desanimador... Não obstante, responderam a todas as cartas, às mais ingênuas com ironia ou pilhéria, fazendo sentir que o professor era psicanalista e não profeta e que as investigações do futuro, principalmente condicionadas a determinações de terceiros, êle, professor pela Universidade Psicológica de Massachusetts, expressamente renunciava.

As cartas continuaram a chegar, mais ou menos no mesmo diapasão. Nada se destacava, na planície imensa e árida, naquele terra-a-terra desolador e os psicanalistas quase desanimavam extraindo daquela experiência apenas a melancólica lição de que a média da humanidade sofre, padece, angustia-se e morre agitando problemas insignificantes ou pueris, que, à luz de seu curto entendimento, se apresentam como tremendas catástrofes ou tragédias alucinantes.

No meio de tamanha indigência de casos veementes ou perturbadores, por que ansiavam os psicanalistas, apenas mereceu a atenção do imaginário professor a carta de uma senhora que, confessando-se bem casada, amante do marido e até ciumenta, assustava-se agora com o progressivo desencanto, com o gradual desaparecimento de sua paixão, com a quase repulsa que passara a experimentar pelo espôso, desde que uma calvície precoce o assaltara, modificando a fisionomia do homem que fôra objeto de sua admiração enternecida.

Defrontavam, assim, os psicanalistas a sua primeira prova. O caso era típico da especialidade e inútil seria respondê-lo com uma facécia qualquer, sem o risco de completo descrédito do afamado professor. Por um fenômeno de integração de personalidade, o ente imaginário, criado pelos rapazes, passou a viver neles, com suas vaidades de sábio e seus melindres profissionais. Mas que responder? A ciência era difusa e mal esboçada e os conhecimentos adquiridos davam apenas vagas e elementares noções do assunto. Depois de muito meditarem, no entanto, escreveram à dama aflita. Aquilo não passava de uma vaidade de mulher, inconformada com os primeiros sinais da inevitável decadência física do marido, que também a afetavam.

A ciência psicanalítica recomendava, para essas crises, em primeiro lugar, uma revisão do sentimento anterior, periclitante, através da evocação completa das horas de felicidade conjugal, experimentadas no passado, a fim de que a paciente se vinculasse, mais estreitamente, àquela afeição que lhe fugia. As emoções da lua de mel, carinhosamente relembradas, em todas as suas suaves minúcias; outras alegrias comuns e mesmo os instantes de sofrimento solidário, procurasse recordá-los, revivê-los, episódio por episódio, importantes ou banais. Reforçado, assim, o vínculo que a ligava àquele homem, devia ela partir, então, do sentimento fundamental da repulsa e deixar que a imaginação caminhasse ao léo, até que o sub-consciente lhe ministrasse a chave daquele enigma. Descoberta essa, o mal estaria de pronto estirpado, porque a matriz de todo êsse processo depressivo residia numa futilidade tão evidente, que a ela mesmo encheria de espanto. Foi o que de melhor se pôde arranjar. Mas um êxito surpreendente coroou essa primeira tentativa de psicanálise. Dias depois, a dama escrevia longa carta, calorosa e entusiástica, agradecendo ao professor, que a libertara definitivamente daquele suplício atroz. Tudo praticara, consoante as determinações. E, deixando o pensamento vogar sozinho, partindo da repulsa inicial, fôra encontrar a sua explicação, muito oculta e quase esquecida, na atitude de uma amiga que, em tom de brincadeira, assinalara, certo dia, as primeiras devastações capilares do marido, dirigindo à espôsa um sorriso de indisfarçada piedade. Ali estava o início de sua tragédia. Mas, descobrindo-lhe a origem, sentia-se curada, tanto mais quanto, para substituir a repulsa ao marido, encontrava, vigoroso e absorvente, a encher-lhe a alma, um vivo sentimento de ódio pela amiga imprudente.

Os jovens estudantes fremiam de entusiasmo e a primeira vitória transformava a brincadeira inicial num assunto de indiscutível seriedade.

No dia seguinte, outra carta, muito mais importante, chegava às mãos dos rapazes. Era uma longa história, dolorosa, de uma dama da sociedade, mulher fina e educada, prêsa de esquisita tendência. Em suas linhas iniciais, reclamava, ansiosa, o auxílio do professor e, depois de vacilar algum tempo, ante a confissão a que estava obrigada, a missivista prosseguia: "Devo esclarecer que pertenço àquilo que se chama "alta sociedade", desfrutando, desde a infância, as facilidades de uma vida despreocupada e faustosa. Vivo num ambiente de luxo, proporcionado pela fortuna, que nos permite todas as regalias. Não menciono essas circunstâncias por vangloria, mas porque as considero indispensáveis ao entendimento completo de meu caso. Se eu não houvesse nascido num palácio; se não fosse requintadamente educada; se não descendesse da alta linhagem de que provenho; se não tivesse mantido durante toda a vida o convívio quase exclusivo de pessoas da mais alta sensibilidade moral, a história que lhe vou contar talvez se atenuasse em seus contornos e pudesse ser explicada como uma regressão instintiva a classes mais baixas, no seio das quais eu tivesse tido origem. Mas não. Sou bem nascida e vivo como parte integrante dessa aristocracia, que no Brasil, na ausência de uma nobreza de sangue, caracteriza-se, unicamente, pela educação, pelas boas maneiras e pelo dinheiro. Casei-me, por amor, aos vinte e dois anos, e agora, transcorridos dez anos, minha vida conjugal continua venturosa e suave como nos primeiros tempos. Nunca o demônio das inclinações extra-matrimoniais me atormentou e posso afirmar, à face de Deus, que a fidelidade a meu espôso tem constituído norma inalterável de minha vida. Não frequento muito, porque somos, meu marido e eu, de natureza sossegada e o tumulto da vida mundana nos aborrece. Preferimos aplicar nosso tempo em excursões e passeios campestres, como se buscássemos na solidão um refúgio para os nossos temperamentos retraídos. Adoro as viagens, a aviação me empolga e

(Continua na pág. 56)

CONSULTÓRIO DE PSICANÁLISE

Brasa Viva

★

Romance de EURICO LEITE RAMOS

★

São Paulo
1948

É um romance de amor. Amor, amor, amor. A bem dizer, não tratam os personagens — nem o autor — de outra coisa.

A heroína principal e o herói número um conhecem-se numa viagem de trem. São ambos de bela estampa. Entre outros pormenores, especializa o texto que Luís mede um metro e oitenta e três de altura e Sesuir um metro e sessenta. Imediatamente se amam e, no primeiro momento azado, o provam um ao outro. Logo em seguida, Sesuir, vienense de temperamento excessivo, conta a Luís, brasileiro não menos de sangue na queira, os amores que entreteve, no seu país e nêste mesmo, com vários cavalheiros mais ou menos apaixonados. Alguns defeitos se poderão atribuir à protagonista, não de certo o de falta de franqueza, de exatidão evidente nas suas confissões. São ambos casados, o que não os impede de se verem à vontade, quando queiram, no lugar que melhor lhes pareça. Vão juntos ao restaurante, ao teatro, às corridas; de vez em quando ela parte, disposta a romper definitivamente, mas Luís vai buscá-la, pelo menos vai ter com ela, em Santos, no Rio, numa estação de águas mineira. O marido de Sesuir também ama fora de casa e a espôsa de Luís deve fazer o mesmo. Tôda a gente ama, continuadamente, pelo livro a fora. Qualquer encontro de acaso, numa reunião mundana, num "cocktail" boêmio, determina amores logo correspondidos e, na primeira ocasião, realizados. Como agora se diz, tôda a gente é do amor.

Talvez alguém pondere que, em tais casos, se não trata pròpriamente de amor. E', porém, êste o têrmo que os interessados empregam compenetradamente. Conjugam o verbo amar em todos os tempos e pessoas. Sesuir e Luís, êsses então, dão ao vocábulo tôdas as variantes indicadas pelo mútuo enlêvo, o arrebatamento, o amuo, a dúvida, o ciúme, o desespero. Depois, acalmam-se, fazem as pazes, tudo dá certo. Assim, tudo fica relativa, se não absolutamente bem até ao fim, se o marido de Sesuir, o depravado Renato, se não lembrasse, num acesso bem tardio de honra ofendida, de intervir em flagrante e despejar tôda a carga de um revólver. O tribunal do júri absolve-o por unanimidade. Por efeito dos tiros, Sesuir e Luís passam algum tempo ameaçados, êle de cegueira, ela de paralisia. Mas ficam bons. A filha de Sesuir, moça de finos sentimentos e em quem pouco se falou até agora, resolve entrar para um convento. E todos os outros personagens, naturalmente, continuam a amar-se à sua maneira.

E' assim o romance que o sr. Eurico Leme Ramos escreveu em estilo desenvolto, veemente, a que não faltam condições de agrado.

★

Dionísio Cerqueira

★

Estudo bio-crítico por HUMBERTO PEREGRINO

★

Rio de Janeiro
1948

Tanto quanto pelos dados biográficos que encerra, interessa esta obra pela homenagem que representa. O sr. Umberto Peregrino, homem de letras com assíduas colaborações na imprensa, adquiriu, por experiência própria e pela constante lição do meio, o conhecimento deveras importante dos "assuntos" e da maneira como devem ser tratados. Sabe as condições que cada um exige na orientação e no desenvolvimento, para, mais ou menos, despertar a atenção do leitor e até ao fim a cativar. E a prática do ofício, que a muitos homens de jornal leva a adotar processos calculados ou disciplinadamente artificiosos, não prejudica neste cronista — e em todos os seus escritos, o podemos notar — o belo fundo de sinceridade.

Assim o colaborador d'"A Noite" rende o seu preito caloroso à personalidade de Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira, homem de armas, político, geógrafo, engenheiro, estadista e diplomata, escritor militar. Na primeira dessas posições nos apresenta o biografado como membro da Constituinte de 1891 e deputado federal pelo seu Estado, a Bahia; Ministro das Relações Exteriores no govêrno de Prudente de Morais, ocupou também as pastas da Guerra e da Viação; e o sr. Peregrino recorda o apelido que a Dionísio Cerqueira foi dado: o "Preço fixo", honrosa alcunha inspirada no seu espírito de equidade intransigente, de administrador igual para todos. Vêm depois os seus serviços em demarcações de limites e explorações de territórios, trabalhos êsses que o tornaram merecedor do título de precursor de Rondon. Mas a qualidade em que o autor da presente obra mais se detém é a de escritor militar. Resume, sem deixar de o comentar, o livro de Dionísio Cerqueira **Reminiscências da Campanha do Paraguai**, acentuando-lhe a expressão geral, fazendo-lhe notar, sucintamente, as particularidades de conceito e de forma. E o panegírico termina evocando a influência que, na formação daquela individualidade exerceram os sentimentos e os desvelos maternais: "Muito do que foi Dionísio veio dela, da formação moral que ela lhe inculcou, da bravura do seu espírito, da energia da sua vontade, da nobreza dos seus sentimentos, das infinitas ternuras do seu coração.

★

Hacia La Aurora

★

Drama de JOSÉ CENDÓN

★

Editorial Teatro del Pueblo — Buenos Aires
1947

E' uma obra política, inspirada na situação de Espanha há alguns anos. O autor, expatriado, prossegue de longe, como pode e entendendo que ainda a sua ação terá alguma utilidade, na luta pela sua causa e dos irmãos de ideal que lá ficaram. Assim sendo, não obedece o drama apenas à orientação e à técnica da cena mas também, e talvez sobretudo, à paixão partidária. Ainda, porém, que assim seja, pode o leitor, como o espectador refletido, ficar alheio ao sentimento exaltado do dramaturgo e julgar a obra exclusivamente pelo seu valor, seja literário, seja teatral. Não diz esta edição se **Hacia la aurora** chegou a subir à cena na capital argentina. Inclinamo-nos a acreditar que não. Mas talvez o autor espere vê-la representada um dia. Quem sabe?

A ação peca, desde o princípio, por certa inverossimilhança. Trata-se de um rapaz de família aldeã, chamado Daniel e o qual, perseguido por causa das suas idéias políticas, fugiu para a França, por lá andou algum tempo e agora volta irreconhecível. Como assim? Submeteu-se a uma operação de cirurgia plástica, emagreceu vinte quilos e uma bronquite lhe alterou extraordinàriamente a voz. Nestas condições, e antes que Daniel, agora chamado Ernesto Vera, declare a sua identidade, nem a família o reconhece nem mesmo a namorada, a fiel e corajosa Aurora, que nêle pensou constantemente, esperando a sua volta, como num sonho que, mais dia ou menos, houvesse de se realizar. Ora, durante a ausência de Daniel, seu irmão Andrés fez a Aurora uma côrte cada vez mais veemente. Duas vêzes, em cena, e apesar da resistência da moça, a abraça e beija com loucura. Diante do irmão e sem adivinhar quem seja, Andrés, partidário extremado da política dominante, logo fareja, além do adversário, o rival. Enche-se de ódio a Daniel e procura provas para o denunciar e prender. Mas ,por qualquer razão ou circunstância que o texto não esclarece, é a Andrés que a polícia prende e, após um julgamento sumário, é a Andrés que o pelotão fuzila, na presença de sua mãe e à vista do espectador. Daí a poucos dias estala o novo movimento revolucionário. Daniel vai para as montanhas, com Aurora e os seus correligionários da aldeia, organizados, armados e bem decididos a combater até à última. E um irmãozinho do caudilho, Pepin, desobedecendo às instâncias angustiadas da mãe e aos conselhos do avô, parte com o grupo "anti-fascista" para a campanha "mundial" em que — palavras do ancião — **alfin serán aplastados todos esos bandidos que se alimentan de la sangre y del hambre de los pueblos.**

Eis, por alto, a linha geral do entrecho, em cujos quadros os episódios se sucedem ràpidamente, por entre diálogos ardorosos, sensacionais, da feição e do tom a que nunca o chamado grosso público fica indiferente. Pelo ardor do estilo e pelo requisito de impressionar as galerias, podemos, pois, considerar **Hacia la aurora** uma **peça excelente**.

★

Estadistas Portuguêses na Amazônia

★

Estudo histórico de ARTHUR CESAR FERREIRA REIS

★

Edições Dois Mundos — Rio de Janeiro
1948

O sr. Arthur Cesar Ferreira Reis, autor de numerosas obras de investigação histórica e de comentário sempre elevado, enriquece agora essa bagagem com o presente livro que, em vasto formato, vai a duzentas páginas.

Enriquece, dizemos, porque, até onde pode ir a nossa apreciação, se trata de um trabalho escrupuloso e esforçado, de excelente orientação e levado a cabo com o empenho de deixar esclarecida, e com prova suficiente, alguma coisa de que o chamado grande público não tivesse ainda verdadeiro conhecimento. Foi evidentemente uma destas tarefas a que só os apaixonados da pesquisa e da averiguação dos fatos se entregam, sem esperar para a sua labuta prêmio ou recompensa além da certeza de haver cumprido um dever. Para êsses abnegados, o maior pago, o único a bem dizer, é a consciência da obra realizada com perfeita probidade e algum bom êxito. E assim o sr. Ferreira Reis deve estar plenamente satisfeito.

Observa êle, no prefácio, que os estadistas enviados de Lisboa para a Amazônia ainda na "condição de mundo exótico" desempenharam altamente a sua missão "plantando cidades, organizando municípios, criando núcleos de povoadores, facilitando a miscenização intensiva entre o ádvena branco e a mulher da terra, destruindo destarte a distância social até então existente, policiando a fronteira, defendendo-a da cobiça do espanhol e do francês, demarcando-a sob os rigores do ambiente hostil, estudando o espaço nas suas particularidades mais difíceis, identificando as espécies naturais que serviam os objetivos econômicos da colonização disciplinando o trabalho, equipando o Estado com as peças que lhe dariam movimentação mais rápida e mais produtiva, organizando a vida agrária, lançando as bases de duas unidades políticas que até bem pouco eram as unidades únicas que caracterizavam a conformação administrativa brasileira no vale". Ora, êsses estadistas, prossegue o autor, "ainda não desfilaram nas páginas dos nossos ensaístas, com seus erros e com as virtudes por que se sagraram merecedores da nossa admiração". Tal o motivo inspirador do presente volume.

Para o organizar, sobretudo se serviu o autor de documentos existentes na seção de manuscritos da Biblioteca Pública do Estado do Pará. E por cinco extensos capítulos, além de vasto documentário, o sr. Arthur Cesar Ferreira Leite desenvolve e explica, com critério e competência superiores, repetimos, o resultado das indagações que o haviam de conduzir a uma necessária e pouco conhecida verdade.

★

Recebemos:

Saúde, mensário do Serviço Nacional de Educação Sanitária, ano I n.º 6, trazendo vários artigos e notas sôbre questões de higiene e profilaxia, assim como uma pequena parte estritamente literária.

MULHERES

A peça é um fichário: Mary Haines, o tipo digno; Silvia Fowler, o mexerico; Cristal, a ambição; Nancy, um recalque disfarçado em escritora, etc. Tudo esquemático. As criaturas parecem cartões do departamento de extras de Hollywood. Os ultra-eficientes de Hollywood ficham os pormenores de cada um dos figurantes, classificando-os para um determinado papel: fulano, soldado simpático; beltrano, soldado antipático... Tudo "standard". Assim são as mulheres de Clare Boothe, exageradamente construidas, muito pouco sêres humanos, dêsses que possuem reações diferentes para cada situação diversa da vida diária, o que não impede que "Mulheres" seja uma curiosa história de mexericos femininos na burguesia americana. E não impede também que estas trinta e cinco mulheres, esquemáticas ou não, sejam mesmo mulheres. A autora foi hábil ao disfarçar êsse esquematismo com um diálogo vivo. As sutilezas estão à superfície e não no desenho psicológico dos personagens. Talvez se na história se suprimisse o número de personagens... Clare Boothe preferiu colocar em sua peça todas as mulheres que viu no seu mundo estragado. Fôra melhor que a peça girasse em tôrno de menos personagens, pois isso lhe daria tempo para um aprofundamento psicológico de cada mulher, sem que isso implicasse na transformação da comédia em coisa mais séria. Houve quem dissesse ser pouco digno da sociedade retratada os diálogos entre Silvia, Mary e amigas, esquecendo-se de que mulheres a sós têm a mesma liberdade que os homens. Dulcina realizou um espetáculo delicioso, senão dos maiores de 48, o seu grande triunfo como diretora. O elenco dá um desempenho bom ao original. Lógico que não poderíamos esperar que todas se comportassem como perfeitas atrizes, quando muitas delas nunca tinham pisado um palco. Há mesmo alguns elementos fracos, como, por exemplo, quase todas as empregadas do atelier de modas, cena que não baixa de nível pela presença salvadora de Dulcina, Suzana Negri, Mara Rubia e pela marcação da direção. Há papéis desperdiçados: uns por falta de melhor caracterização, outros pela ausência de qualidades das intérpretes.

Dulcina em Silvia é primorosa, uma das melhores criações em sua carreira. E ela sozinha valeria o espetáculo, não houvesse Suzana Negri. Dizendo bem e sabendo falar até quando em silêncio, nos menores gestos, Suzana é a maior figura do espetáculo. Ela e Dulcina. Existem outros motivos, alguns no próprio elenco. Yara Cortez, por exemplo, consegue marcar esplendidamente Edith, incluindo-se entre as melhores interpretações. Yara Isabel, que faz duas pontas, sem tempo de desenhar o tipo, tem boa cena como a criada de Reno. Ao seu diálogo com a Condessa é que não se pode resistir. Mara Rubia tem qualidades bastantes para convencer na ambiciosa Cristal. Cirene Tostes tem em Myriam Aarons o melhor papel de sua carreira; a briga com Silvia está bem realizada. Teresinha, filha de Mara Rubia, faz a filha de Mary. E a menina tem muita graça e simpatia, criando sempre uma corrente de afetividade entre ela e público. Nancy Blake não era o papel adequado para Beyla Genauer; a jovem atriz não chega a se comprometer, mas nem ela, nem o papel ganharam com a escolha: não se poderá achar graça vendo uma mocinha dizer que é um "crédito congelado", principalmente quando ela não tem aparência de tal. E Nancy Blake merecia um vestuário mais apropriado ao seu tipo psicológico. No filme, ela aparecia de costume, com um chapéu preto enterrado na cabeça, sapatos baixos e cabelo cortado rente. Beyla, além de não ter idade e temperamento para o papel, era em cena uma figura encantadora, o que estava contra o seu papel. Lídia Vani tem uma boa cena ao telefone. Conchita de Morais carrega um pouco de mais na Condessa de Lages. O tipo em si é caricatural mesmo, como quase tudo na peça, mas a atriz deu-lhe características que nem sempre estão dentro da rubrica do papel. A sra. Regina Aragão não convence como mãe de Mary.

Os cenários mantêm o espírito leve da peça, resolvendo com inteligência os problemas da montagem. Os figurinos são na maioria bonitos, sendo que os de Dulcina superam os demais pela discrição e bom gôsto.

A tradução enriqueceu a peça. Diálogos sempre vivos, leves e naturais: bem femininos, é o que poderíamos dizer.

SERGIO BRITTO

ELENCO

Silvia Fowler	Dulcina de Morais	(Rosalind Russel)
Mary Haines	Suzana Negri	(Norma Shearer)
Cristal Allen	Mara Rúbia	(Joan Crawford)
Condessa de Lages	Conchita de Morais	(Mary Boland)
Myriam Aarons	Cirene Tostes	(Paulette Goddard)
Peggy Day	Lidia Vani	(Joan Fontaine)
A criado de Reno	Yara Isabel	(Marjorie Main)
A filha de Mary	Terezinha	(Virginia Weidler)
A mãe de Mary	Regina Aragão	(Lucille Watson)

e mais Yara Cortez (Edith Potter), Beyla Genauer (Nancy Blake), Ninon de Oliveira (Olga) e muitas outras

Original em três atos, de Clare Boothe. ★ Tradução de Lucia Benedetti ★ Teatro Regina

MARY HAINES era demasiadamente feliz. Casada com Stephen, que a amava muito, Mary era invejada por todas as amigas, que não lhe perdoavam o ser tão feliz. Silvia Fowler, em especial, não escondia a sua inveja por Mary. Silvia estava entre as amigas mais íntimas da família Haines. Naquela tarde, em casa de Mary, enquanto jogava bridge com Nancy Blake (Beyla Genauer), Peggy Day (Lidia Vani) e Edith Potter (Yara Cortez), Silvia falou, como de costume, de tudo... e de todas. Nancy ironizou várias vêzes, dizendo-lhe que tudo isso era apenas inveja da felicidade alheia. Aproveitando um minuto a sós com Edith, Silvia quer lhe contar um grande segrêdo. Elas saboreiam a história: Mary também era enganada, aquela felicidade era como as outras, fictícia, simples fenômeno social de aparências. Aliás, ela ouvira tudo de Olga, uma manicure do salão Michel, uma mulherzinha que sabia tudo e estava espalhando a história. "Mas você não acha que é preciso encontrar um meio de fazer calar essa mulher, Silvia?". "Claro, claro... se encontrássemos um jeito de avisar a Mary". Foi aí que Edith percebeu as verdadeiras intenções de Silvia. De nada adiantaram seus pedidos: quando Mary voltou à sala, de onde se afastara para falar ao telefone com Stephen, Silvia iniciou a intriga. "Gosta de minhas unhas, Mary?", Nancy replicou que parecia sangue, sangue das vítimas de Silvia, mas nada disso interromperia o que fôra iniciado. "Vermelho sangue de boi, gosta, Mary?". Mary gostou da nova côr das unhas. "Procure Olga no Salão Michel", continuou Silvia, já antegozando o sofrimento de Mary, sem ligar aos gestos de desaprovação de Edith.

Mary foi ao Salão Michel realmente e lá foi atendida por Olga. A manicure foi

SILVIA: — "Pequena ordinaria, suja, sem vergonha" MARY: — "Não me venhas com insultos"

À ESQUERDA — SÍLVIA: — "E' raro uma mulher da minha idade ter seios tão bem formados como os meus". À DIREITA — A filha do casal era o consolo de Mary. — "Mamãe, a senhora sabe que é uma mamãe muito simpática"

À ESQUERDA — PEGGY: — "Ah, Edith, isso vai aparecer em todos êsses horríveis vespertinos". À DIREITA — SÍLVIA: — "Oh, Crystal, eu teria lhe dedicado lugares mais discretos que os apartamentos do edifício Colorado"

falando em Silvia e nas amigas, nas muitas amigas que a sra. Fowler lhe havia recomendado. E acidentalmente falou da pena que a sra. Fowler tinha pela pobre sra. Haines. Mary não teve tempo de interromper a tagarela, que disse em dois tempos tudo que sabia: Stephen Haines era o "coronel" de Cristal Allen, uma vendedora de balcão, linda, ambiciosa e sem escrúpulos. E' claro que Mary nem deixou que Olga lhe terminasse a pintura das unhas. "Está nervosa... a senhora...". "Sra. Haines", respondeu surdamente Mary. Olga tentou desculpar-se. Mary apenas pediu-lhe que parasse a história. "E', seria um pouco humilhante para a senhora", completou a intrigante. Sozinha na sala, onde Olga a deixou, Mary ainda pôde ouví-la instantes depois, no outro compartimento: "Ela me pediu que não contasse nada e eu lhe disse que naturalmente eu seria incapaz...".

Dêsse dia em diante a felicidade e a vida conjugal de Mary e Stephen Haines estava seriamente ameaçada. Os fatos foram se acelerando. Primeiro: numa casa de modas, Mary e Cristal Allen estiveram experimentando roupa, separadas apenas por cortinas. Silvia Fowler, sempre presente, atiçou Mary até conseguir que ela fosse altercar com Cristal, colocando-se assim numa situação inferior à aventureira. Mary já não está tão segura do amor de Stephen por si. Afinal Cristal podia ser alguma coisa mais que uma simples aventura. As amigas, as grandes amigas, Silvia Fowler e Edith Potter, arranjam as coisas de tal modo que o inevitável sobrevem: o divórcio do casal Haines.

Rumo a Reno. E na cidade do divórcio encontram-se velhas amigas. Mary, Silvia e Peggy, todas três na mesma situação. Peggy, moça e fútil, mal aconselhada pela perigosa Silvia, também ia se separar do marido. Motivo: discussão sôbre questões financeiras.

Silvia Fowler fôra abandonada por Howard, mas não sabia ainda quem lhe conquistara o marido. Podia não amar Howard, mas sob um ponto de vista econômico ser a sra. Fowler era uma coisa muito interessante. Elas falam só de ódios e desilusões. Os ódios que dedicam aos homens, seus ex-maridos, e as desilusões, que êles lhes deixaram como lembrança. Só a condessa de Lages, velhota milionária, e Myriam Aarons, uma aventureira, ainda sorriem um pouco para a vida. A condessa, já casada três vêzes e em vésperas de novas núpcias, ainda sorri com uma esperança a lhe morar nalma: o quarto marido, o próximo. E Myriam, como todas as criaturas amargas e sem ilusões, sempre tem um sorriso nos lábios.

A condessa faz a grande descoberta: os jornais anunciam o novo romance entre Howard Fowler, o ex-marido de Silvia, e Myriam Aarons. Silvia não esperava descobrir tão depressa a mulher qque lhe roubara o confôrto de sua vida matrimonial com um homem rico. Nem espera pela segunda palavra da rival: agride-a logo. Não fosse a intervenção das outras, a briga poderia ter consequências sérias, tal a fúria com que elas se unharam, se morderam e se vingaram. Mary recrimina a atitude de Silvia e esta, na excitação, replica, acusando-a de ter esquecido muito rapidamente os inúmeros favores que lhe fizera. Quando Silvia, desgrenhada e furiosa, deixa a sala, ela e Mary já não são mais as mesmas amigas de antes. Três mulheres sós. Conversam. Não há mais animosidade no ar. Mary e Peggy esperam alguma coisa que impeça a verdadeira separação. Peggy não resiste mais às saudades do marido e confessa ter sido uma tola em abandoná-lo, logo agora que ia ter uma criança. Mary faz a ligação para Nova York e obriga Peggy a falar com o marido. As pazes são feitas, como não podia deixar de ser, e Peggy não espera nada para ir logo arrumar as malas. Agora é Mary que espera. E ela esperava um milagre: um telefonema de Stephen. Êle telefona mesmo, mas para anunciar o seu próximo casamento com Cristal Allen. Mary havia de compreender. Êle fazia questão que ela soubesse isso por êle próprio. "Sim, sim, Stephen, foi melhor assim...". A vida parecia ter acabado para Mary, mas ela soube se resignar. A filhinha do casal, a pequena Mary, é que sofria muito nesta peregrinação entre o novo lar do pai e a casa de sua mãe. Não gosta de Cristal e fazia-a sentir isso. Um dia, ela entra inesperadamente no salão de banho. Cristal falava ao telefone de maneira estranha. A pequena, inteligente, percebe que Cristal não gostaria que seu pai soubesse disso. Pouco depois é Silvia que entra, e a grande mexeriqueira, agora grande amiga da sra. Stephen Haines, também percebe qualquer coisa no ar. Ela sente que Stephen Haines é enganado pela sua nova espôsa. A certeza chega com a descoberta na gaveta de Cristal de uma chave de apartamento. Silvia aconselha-a que não frequente hotéis, pois fôra assim que Howard a pegara em flagrante. Mas aquêle dia havia de ser um mau dia para Cristal Allen. Mary ouvia pouco depois de sua própria filhinha detalhes mais do que suficientes para provar a infidelidade de Cristal.

A condessa dava naquele mesmo dia uma grande festa em comemoração a um novo sucesso de seu quarto marido, de quem ela fizera ator de cinema. O dinheiro pode tudo, mas não serve de amuleto contra a infidelidade, é o que deve pensar a desiludida velhota. Mary não tinha querido ir a esta festa no cassino, pois não gostaria de encontrar Cristal e Stephen juntos e felizes. Mas agora, com a certeza das desinteligências entre o casal e, ainda mais, com a certeza de que Cristal era infiel, achou melhor ir.

No "boudoir" do cassino haveria um grande escândalo. Aquelas criaturas lindas e elegantíssimas tinham se preparado para um belo combate. As unhas estavam suficientemente afiadas. Mary e Cristal se encontram. E a grande sensação surge quando uma terceira mulher vem tomar parte, com suas lágrimas e queixas, na luta entre as outras duas. A terceira mulher é a pobre condessa de Lages. Sim, porque o amante de Cristal era nada mais nada menos que o quarto e ingratíssimo espôso da milionária romântica.

E foi assim, com escândalo, que Mary recuperou seu homem: usando as mesmas armas que sempre usam as mulheres.

A VIDA DE ÉMILE ZOLA

(1840 — 1902)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

UMA vez por mês, em 1874, um grupo de quatro escritores — Zola, Flaubert, Turguenev e Daudet — jantavam juntos no Café Riche, em Paris. Êsse encontro mensal, chamado **o jantar dos autores vaiados,** tinha-se transformado numa festa periódica de idéias grandiosas, conversação apimentada e comida ainda mais picante. "Éramos todos comilões", escreveu Zola, "e, quanto a mim, eu tinha boa razões para sê-lo. Tinha de encher um estômago que passara muitos anos vazio".

Sentavam-se à mêsa às sete da noite e deixavam o restaurante à meia-noite. Mas não se recolhiam a casa. Antes precisavam errar pelas ruas até as duas, três, quatro horas da manhã, contando uns aos outros novos enredos de romances, discutindo o próximo livro que lançariam, demolindo o mundo e reconstruindo-o segundo o desejo de seu coração.

Turguenev era o primeiro a separar-se. Depois partia Daudet. E Zola acompanhava "Papa Flaubert" até a casa dêste, na **Rue Murillo.** Aí Flaubert beijava Zola nas duas faces e separavam-se com um último conselho do mestre ao discípulo:

"Antes de nós, meu filho, tudo já foi dito. Resta-nos apenas repetir as mesmas coisas. Mas devemos dizê-las com palavras mais belas..."

Zola viveu não apenas para dizer as mesmas velhas coisas com palavras mais belas, mas para dizer coisas novas com palavras que repercutiriam em todo o mundo.

II

A palavra **Zola** significa **torrão.** Émile foi fiel ao seu nome: êle era filho da Mãe Terra e amou todas as criaturas que dela saíam.

Mais de um sangue lhe corria nas veias — um pouquinho de tudo que era bom. Sua avó era grega, sua mãe era francesa e seu pai italiano.

Francesco Zola era um engenheiro civil que sempre tinha boas idéias mas nunca quem o ajudasse a realizá-las e que conseguiu afinal chegar à fronteira do triunfo quando os magistrados de Aix o incumbiram de construir um canal que trouxesse água da montanha à cidade. Êle, porém, nunca logrou passar **além** da fronteira. Morreu em 1847, antes de começar a trabalhar no canal. Madame Zola ficou com seu filho de sete anos, Émile, e sem nada que a ajudasse a mantê-lo, a não ser um sonho que se desvanecera.

Seguiram-se cinco anos de uma educação irregular, interrompida por muita excursão de estudante gazeteiro às margens do **Torse** e depois disso o incorrigível vadiozinho foi mandado para receber uma verdadeira educação no Colégio de Aix.

Sua estada aí foi uma tortura lenta e prolongada. Êle era retraído, tinha dificuldade em fazer amigos e tinha um ceceio que lhe era bem molesto. Quando os colegas lhe perguntaram o nome, êle gaguejou: **Tsola.** E **Tsola** ficou sendo uma alcunha e um castigo para o pequeno recluso, sensível, canhestro e gago.

Mas não recebeu o castigo sem reagir. Êle era um lutador. Embora "sozinho contra a turba", não deixava golpe sem resposta. Uma manhã, depois de ter sido atacado por toda uma malta de condiscípulos, ficou machucado e a arquejar, fazendo esforços hercúleos para recalcar as lágrimas. Um dos rapazes que acabara de chegar ao pátio foi ter com êle e lhe disse:

— Sinto muito o que aconteceu.

— Oh! não foi nada. Posso cuidar muito bem de mim.

O recém-chegado estendeu-lhe impulsivamente a mão

— Gostaria de ser seu amigo.

— Eu também gostaria de ser seu — disse Zola, apertando a mão que lhe era estendida. — A propósito: como é o seu nome?

— Cézanne, Paul Cézanne.

E assim começou uma camaradagem que iria durar muitos anos. Eram dois rebeldes que não poupavam o mundo.

III

No Colégio de Aix o jovem Zola era um bom escritor (aos 13 anos escrevera um romance e uma peça em três atos) e um mau estudante. E quando deixou Aix para frequentar a **École Normale** em Paris, sua classificação como estudante não melhorou. Faltava às aulas, negava-se a responder às arguições e consagrava todo o seu tempo a "fazer versos e a ler Rabelais, Montaigne, Hugo e Musset". Nos exames finais obteve um zero em "literatura".

A reprovação de Zola foi um grande golpe para sua mãe. Ela esfregara assoalhos e fizera-se lavadeira para custear-lhe os estudos. Queria que êle fosse um engenheiro como o pai. E agora baldavam-se-lhe as esperanças. Émile estava condenado à monótona vida de amanuense ou (que Deus o livrasse de tal!) à vida miserável de escritor. O próprio Émile estava desesperado. "Durante a última semana", escreveu êle a um amigo, "andei dominado por uma grande melancolia... Estou com vinte anos e não tenho nenhuma profissão... O que até agora tenho feito é sonhar e andar sôbre areia movediça. Quem sabe quando serei engolido por ela?".

Felizmente livrou-o de tal um amigo de seu pai, M. Labot, que lhe arranjou um emprêgo nas Docas Napoleão, colocação que mal dava para alimentar seu corpo, mas nada para alimentar sua alma. "Não é brinquedo trabalhar nas Docas. Estou lá há um mês, naquele estábulo infernal. E, palavra de honra, sinto-o em minhas costas, nas pernas, em todos os membros. Minha mesa fede. Estou enojado e vou largar êsse armazem infecto".

Meses depois, de fato o abandonou. Seguiram-se então dois anos de vida miserável. Necessidades, fome, amarguras, trapos, desespêro... e sonhos. Planos para a regeneração do homem, para uma nova Bíblia que aproximaria mais o céu da terra. Se ao menos tivesse fôrças para criar essa Bíblia! Se ao menos pudesse matar aquela fome que lhe roía as entranhas!

Juntou-se com Cézanne, que o seguira a Paris. Alugaram quartos juntos, sonharam juntos e juntos passaram fome. Um novo apóstolo da pena e um novo apóstolo do pincel, numa época em que ninguém queria saber de apóstolos. Zola escrevia versos e Cézanne pintava quadros e nenhum deles encontrava saída para sua mercadoria. E, para dizer a verdade, nenhum deles **merecia** ainda essa saída. O combustível do seu sofrimento ainda não atingira o ponto suficiente para converter-se em chama de inspiração.

"Mas um dia hei de escrever aquela grande obra. Espere e verá!"

E, enquanto isto, mais amarguras, mais desalento, mais necessidades... No inverno de 1861-62 a fome apertou tanto que êle armava arapucas para pegar pardais no telhado da trapeira onde morava e os assava sôbre a chama de uma vela, servindo-se do pau da cortina como espêto. Vêzes houve em que desmaiou de inanição.

E eis que outro amigo de seu pai o salva mais uma vez. O emprêgo que lhe arranjara foi o de empacotador de volumes na Livraria Hachette. Durante vários meses embrulhou livros na seção de expedição e o divertimento que tinha nos momentos de folga era escrever comentários sôbre aquêles livros.

Um dia o patrão apanhou-o nessa "distração fútil". Leu o comentário. "Zola", disse-lhe, "você pode ser um mau expedidor, mas não é tão ruim quando escreve comentários. Vamos experimentá-lo na seção de publicidade".

Esta promoção foi um presente do céu para Zola. Finalmente encontrara uma oportunidade para ganhar seu pão com a pena.

E agora que ela estava afiada, Zola a usava assiduamente tanto de dia como de noite. Quando acabava seu trabalho regular do dia na editora, ia para casa (vivia agora com sua mãe) e após um jantar farto sentava-se à mesa para o trabalho "irregular" da noite. "Minha Musa tem-me saído uma lambisgóia inútil. Doravante serei prosador". Começou a enviar seus contos a diversas publicações, e teve a satisfação de ver alguns deles publicados em jornais provincianos. Reuniu então alguns dêsses contos, **Histórias para Ninon,** e levou-as para Hazel e Lacroix, firma "menos conservadora" que aquela para a qual trabalhava. Era no começo da primavera de 1864. M. Lacroix, sentado à sua mesa de trabalho, levantou os olhos e viu um moço espadaúdo e pouco jeitoso, de cabelo em pé e com um nariz agressivamente arrebitado. "O senhor quer ter a bondade de ler estas histórias? Basta ler uma, peço-lhe, **qualquer** delas. Logo verá que tenho talento".

Achando graça ao tom convicto, conquanto meio tímido, com que falava o mancebo, M. Lacroix prometeu-lhe que leria o manuscrito. Volvidas algumas semanas, que para o impaciente Zola pareceram anos, os editores aceitaram os originais para publicação.

"A batalha", exultou Zola, "foi curta... Agora estou no limiar de certas coisas... Do ponto em que estou, só me resta seguir para a frente. Avante!"

IV

A fama e depois o amor. Zola tinha tomado um apartamento numa das ruas próximas à École de Médecine, na margem esquerda do Sena. Uma noite encontrou-se com Alexandrine Mesley, filha do dono da casa onde êle alugara seus aposentos. — A moça — morena alta e bonita, com olhos "como os de uma criança numa antiga pintura espanhola" — estava chorando e tentou evitá-lo. A pouco e pouco o escritor conseguiu que ela lhe contasse o que lhe acontecera. Alexandrine entregara-se ao namorado, um estudante de medicina vindo do interior. O namorado voltara à sua terra e a abandonara. Zola levou-a para sua casa como concubina, e, passado algum tempo, para seu coração como espôsa.

Foi uma união cheia de ternura de parte a parte. Fisicamente pouco havia de comum entre êles. "Zola era feio como um pesadelo e Alexandrine era formosa como um sonho". Mas se Zola adorava a beleza do corpo de Alexandrine, esta adorava a beleza da alma de Zola.

E, como veremos, também Alexandrine possuía uma bela alma.

Com o lar estabelecido e a reputação crescente, Zola continuou com seu trabalho. Tinha voltado as vistas para o gênero de literatura chamado "realista" — romances do tipo da **Madame Bovary,** de Flaubert, e peças da espécie de **Henriette Maréchal,** de Goncourt, estudos clínicos do amor, olhos que sondavam os arcanos mais secretos da vida. Também êle queria ter um dêsses olhos penetrantes que expõem as doenças da sociedade para que o corpo da mesma fique são. Escreveu vários romances realistas (êle preferia chamá-los **naturalistas**) muito lidos, sendo o seu autor muito atacado. "Para o espírito das pessoas respeitáveis eu estou desmoralizado".

E o público continuava a atacá-lo, a ler seus romances e a encher-lhe o bolso de dinheiro. Nas tertúlias dos intelectuais "pouco respeitáveis" êle se tornara uma espécie de leão, ou antes, algo parecido com um urso, com sua cara hirsuta, sua pança crescida e suas maneiras rudes. Escreveu uma série de artigos de elogio a Cézanne e a outros "desprezados artistas novos" — embora reconhecesse que não sabia distinguir o preto do branco — e desencadeou uma tempestade de controvérsias sôbre suas idéias "loucas". E ia saboreando sua "loucura" e sua popularidade. Pois tudo isso servia para preparar o caminho para o grande projeto que acalentava, a Nova Bíblia que passara anos a planejar, o retrato completo e fiel da humanidade vista através das vidas de gerações sucessivas de uma única família — um libelo candente fadado a servir ao mesmo tempo de evangelho de esperança.

Escrevendo êsse libelo — em dez volumes — Zola tornou-se simultaneamente estudante, crítico e professor de seus semelhantes. Antes de começar cada um dêsses romances, fazia um estudo completo das cenas, dos tipos, das situações, da linguagem, das esperanças, dos temores e das crenças dos átomos da humanidade que iam entrar no arcabouço daquele edifício literário. Lia livros sôbre o assunto, visitava determinados lugares, falava com o povo, observava suas ações, sua entonação de voz, seu calão e tomava notas, volumes e volumes de notas para cada uma de suas histórias. Depois pegava nessa pesada massa de informações, relia-as, selecionava-as, ajustava-as a uma idéia e a um enrêdo, gizava tudo lenta e metodicamente, com imenso trabalho ("acho muito difícil escrever...") e, finalmente, após um esfôrço de vários meses, às vêzes até de anos, surgia uma nova obra de arte.

Lancemos um rápido olhar a uma dessas obras de arte — **L'Assommoir** — uma chama que escapou de uma vasta quantidade de combustível cuidadosamente empilhado. (Zola nos deixou uma relação detalhada da composição dêsse romance). E' o retrato do sofrimento do pobre — "um retrato **amedrontador**", observa Zola em suas notas, "e retrato que leva consigo sua própria moral". A protagonista da história, Gervaise Macquart, é uma mulher do povo — protótipo dos inditosos enteados da Mãe Terra. Embora com pouco mais de vinte anos, ela é mãe de dois filhos — Étienne e Claude — frutos de seus amôres ilícitos com Lantier. Pusera-se ela sob a proteção de Lentier, quando tinha 13 anos, a fim de escapar à crueldade de seus pais. A princípio Lantier mostrou-se bondoso com ela, mas ultimamente dera para tratá-la com pouco caso. Passava as noites fora e pela manhã, ao aparecer, mal se podia manter de pé. **L'Assommoir** é a taberna da vizinhança e Adèle é a outra mulher. Gervaise ainda é bonita, mas tem um defeito físico, manca um pouco, especialmente quando o trabalho excessivo a deixa muito fatigada. E nos últimos dias ela está deveras muito cansada.

Uma manhã, enquanto esfrega a roupa da família numa lavandaria pública, entram ali correndo seus filhos para lhe contar que Lantier a abandonou por causa de Adèle, carregando todos os objetos de uso de Gervaise. Às exclamações das crianças juntam-se os motejos de uma mocetona, Virgínia, irmã de Adèle, que viera à lavandaria

(Continua na pág. 55)

ÉMILE ZOLA

Há dez anos passados os srs. Oswaldo Tavares Ferreira, Orlando Tavares Ferreira e Alfredo Vaz de Carvalho — seguindo uma tradição de família — fundaram a Casa Tavares, com o ramo "roupas para homens" — trajes de passeio, trabalho e esporte. Tinham um objetivo: servir bem à população carioca, a fim de merecer sua preferência. Conceberam então o seu plano, de maneira racional e prática — e começaram a executá-lo.

TRÊS GERAÇÕES APERFEIÇOANDO UM SISTEMA

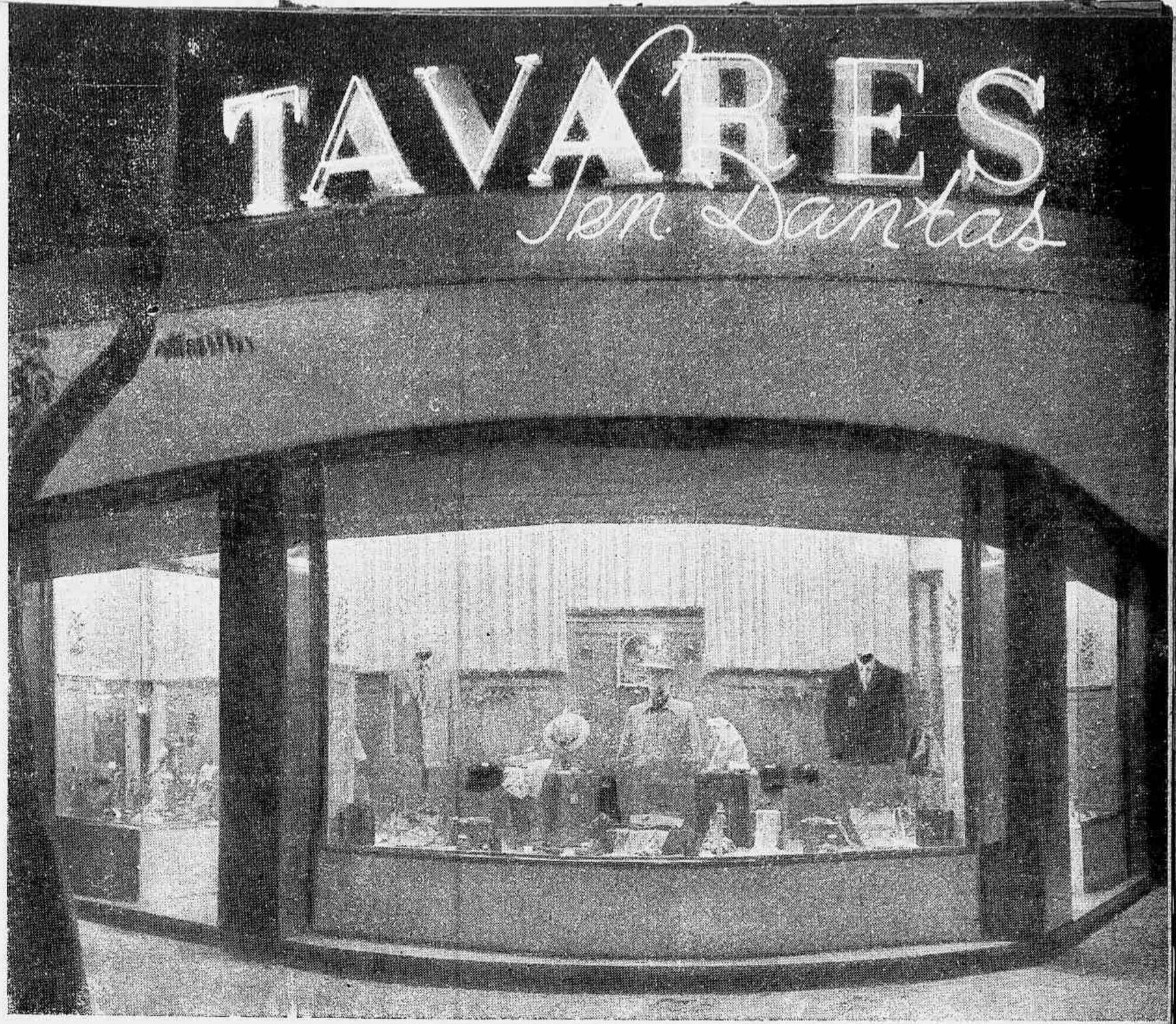
O desenvolvimento da indústria exigia desde logo um processo de trabalho, uma permanente atenção para com o público e um constante aperfeiçoamento. Três gerações vinham se dedicando ao ramo — um mesmo objetivo orientando avós, pais e filhos, para o empreendimento.

E os objetivos foram alcançados. Ao público carioca foi apresentado desde o início, o que há de mais perfeito em matéria de roupas para homens, já prontas para vestir.

Técnicos reconhecidamente competentes foram contratados, criando-se então o corte inimitável da Casa Tavares, um dos segredos de todo o êxito posterior.

A PRIMEIRA FILIAL

Em vista do absoluto sucesso, a Casa Tavares instalou, 5 anos depois, a sua primeira filial, à rua Senador



Vista noturna da bela vitrine da Tavares Sen. Dantas, na rua Senador Dantas, 20

HISTÓRIA DE UM ÊXITO COMERCIAL

Dantas, 20. Trabalhando com artigos especiais, apresentando uma confecção exemplar, a Casa Tavares viu aumentada ainda mais a preferência. Êsse êxito enorme exigia novos empreendimentos e condições adequadas. Tornava-se necessário instalar uma seção industrial autônoma.

INSTALAÇÕES DA RUA FIGUEIRA DE MELO, 442

Essa lacuna foi preenchida. Em breve uma grande oficina estava em pleno funcionamento, instalada à rua Figueira de Melo, 442, onde os tecidos são submetidos a "tests" rigorosos, antes de serem manufaturados. Após êsses "testes", que revelam o índice de qualidade, o material é conduzido para a Lavagem, a fim de se evitar o posterior encolhimento da roupa. Daí passa para a Seção de Secagem, indo em seguida para a Seção de Corte — chave de todo o segrêdo dêste merecido sucesso. Daí, as peças, já cortadas, vão para os chefes das respectivas Seções, nas quais funciona grande número de modernas máquinas. Aliás, todo o processo é mecanizado. Finalmente, as peças, transformadas em trajes elegantes e perfeitos, deixam o estabelecimento diretamente para as lojas.

CONDIÇÕES DE TRABALHO

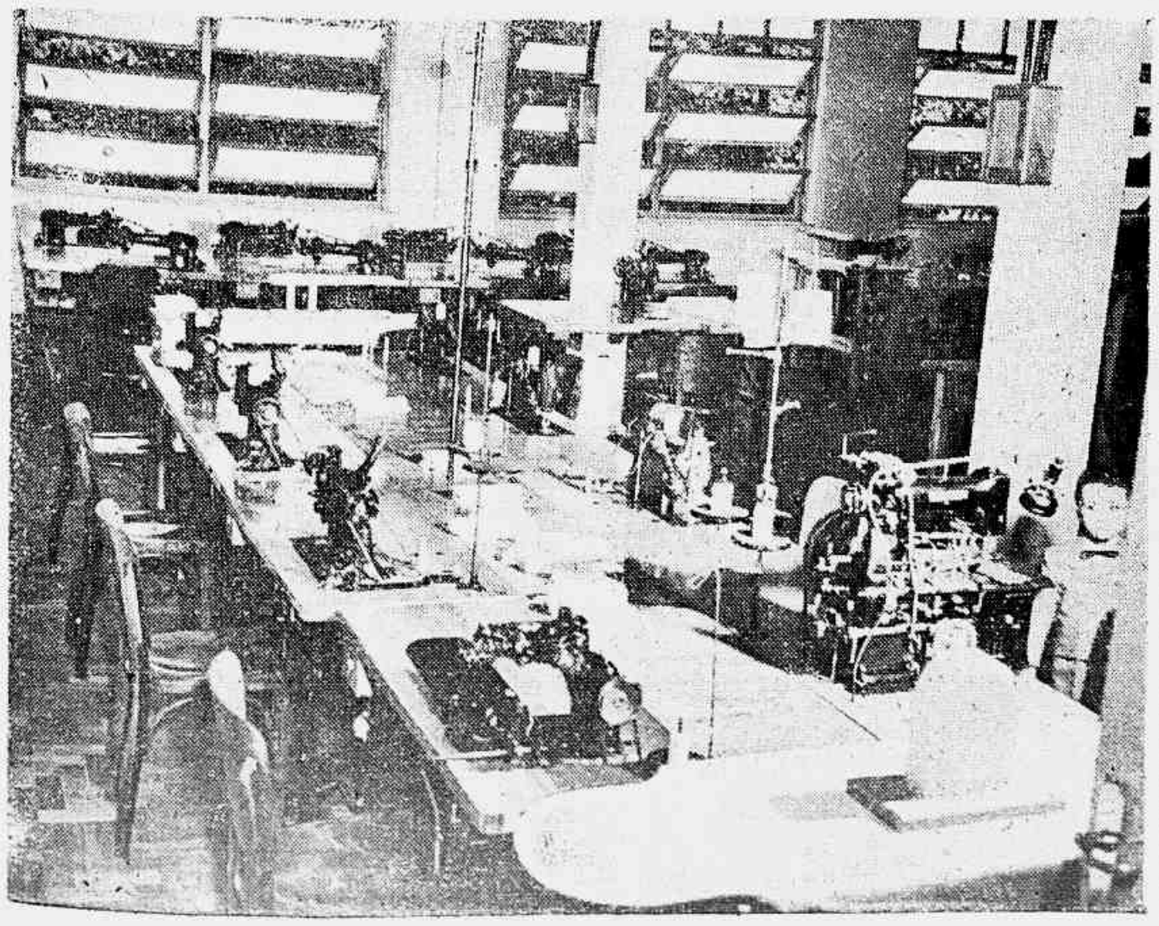
As instalações são as mais modernas e confortáveis, visando proporcionar aos empregados o máximo de confôrto e bem-estar no trabalho. O edifício é amplo e dispõe de arejados salões, claros e confortáveis, todos taqueados a fim de evitar a umidade; vestiário, bebedouro com filtro, refeitório — nada falta para que os empregados se sintam cercados de zêlo e cuidado.

Estimulados pela direção da Casa, os funcionários fundaram o "Casa Tavares Futebol Clube", como motivo de congraçamento de todos os que ali trabalham.

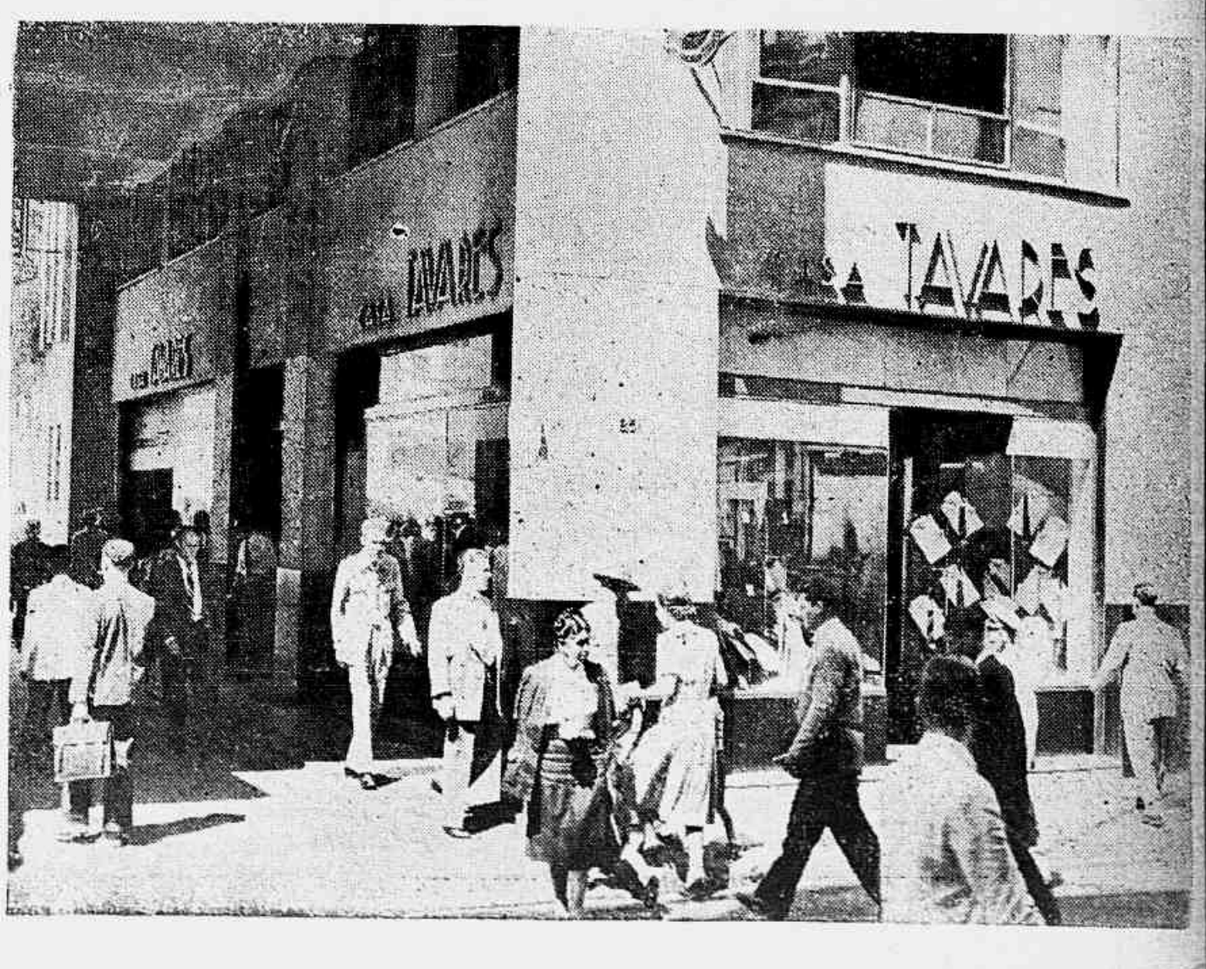
UMA NORMA DE CONDUTA COMERCIAL

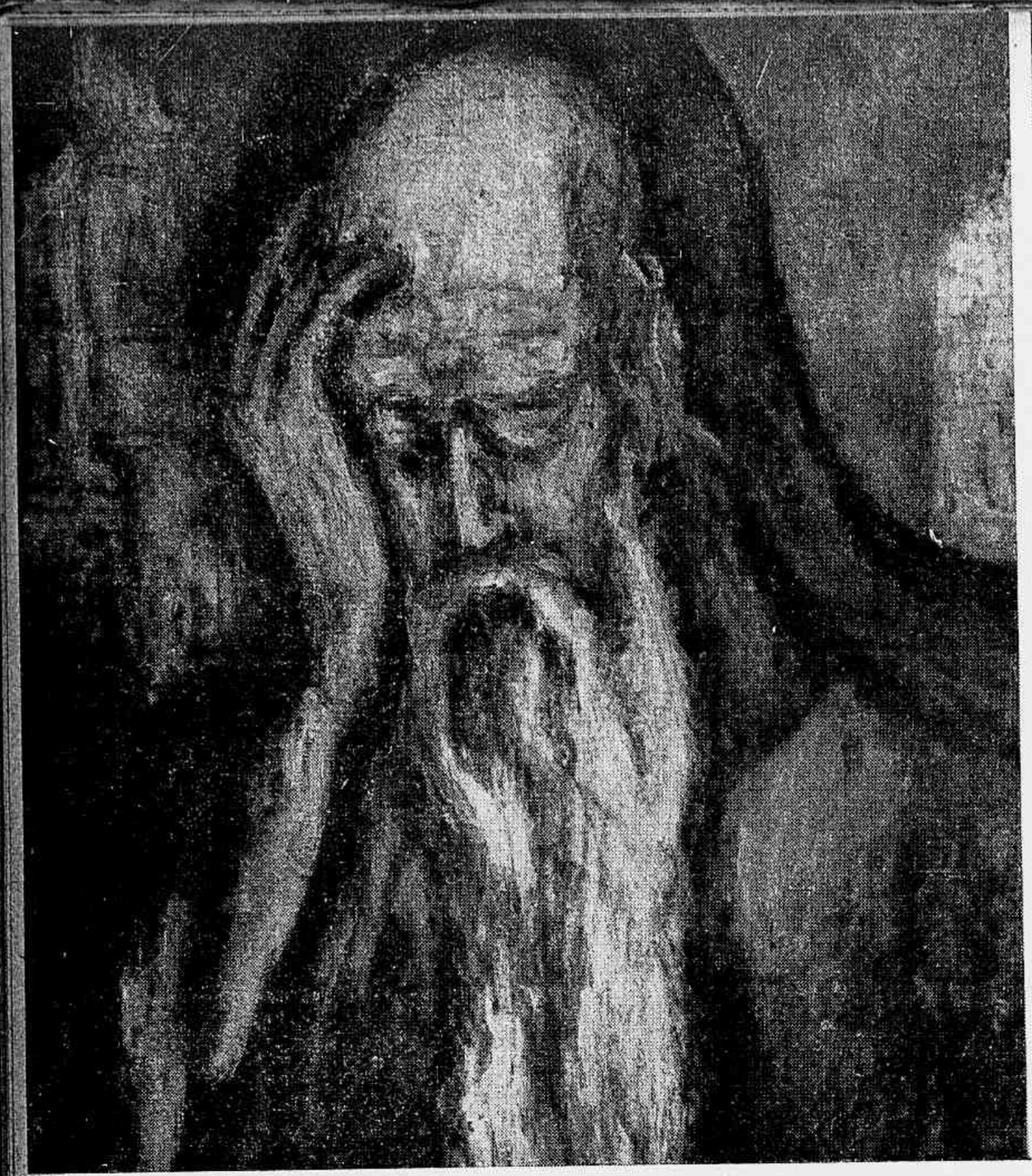
Esta perfeita organização comercial, dirigida por três brasileiros empreendedores, honra a tradição do nosso comércio e mantém a tradição da família: servir bem ao público e desenvolver a indústria nacional.

Parte de uma das oficinas, instalada à rua Figueira de Melo, 442. Há bastante ar, luz e confôrto

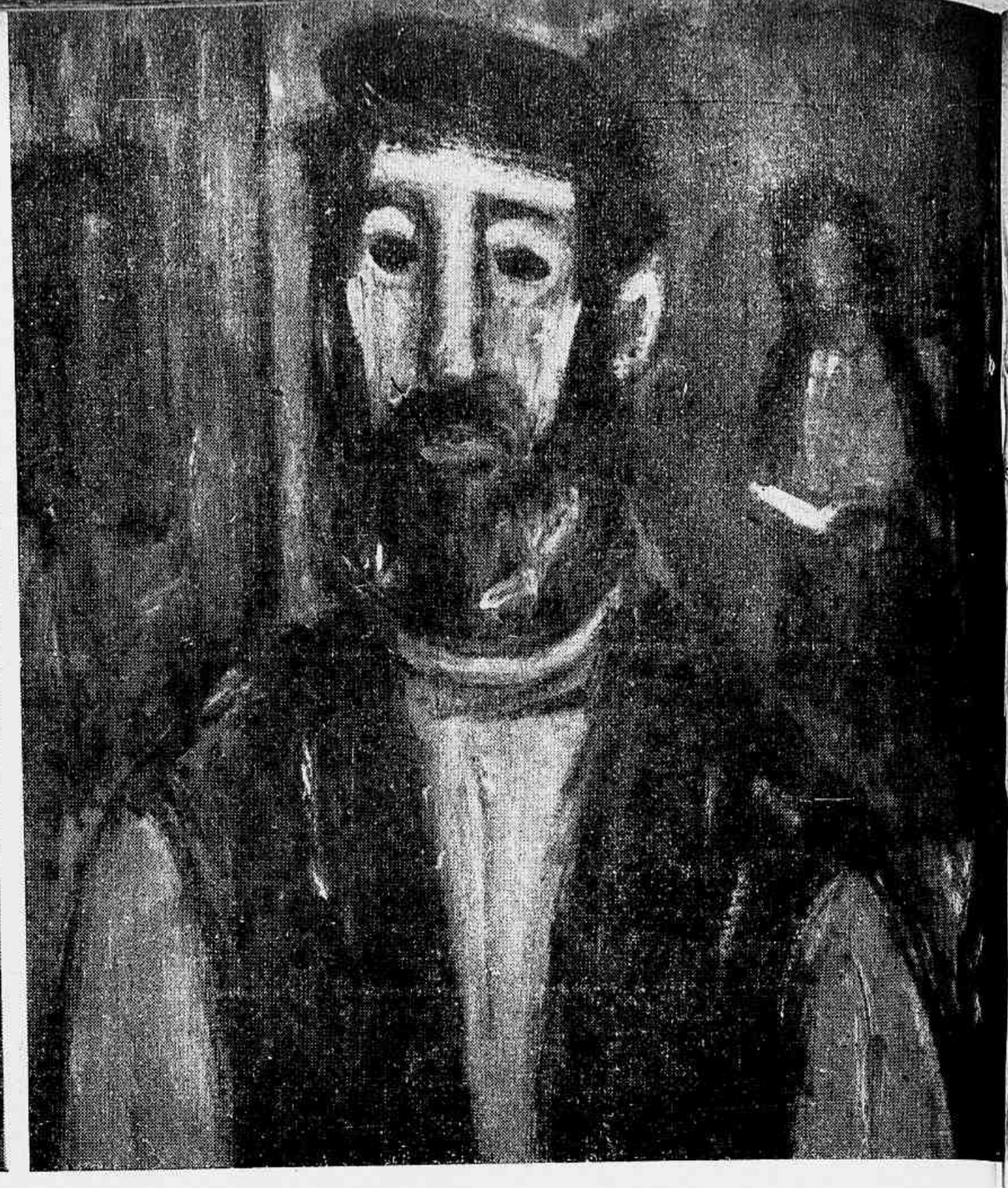


A Casa Matriz — rua São José, 85-B — que há dez anos vem mantendo uma tradição de elegância e bom gôsto





"O PROFETA JEREMIAS"



"DESEMPREGADO"

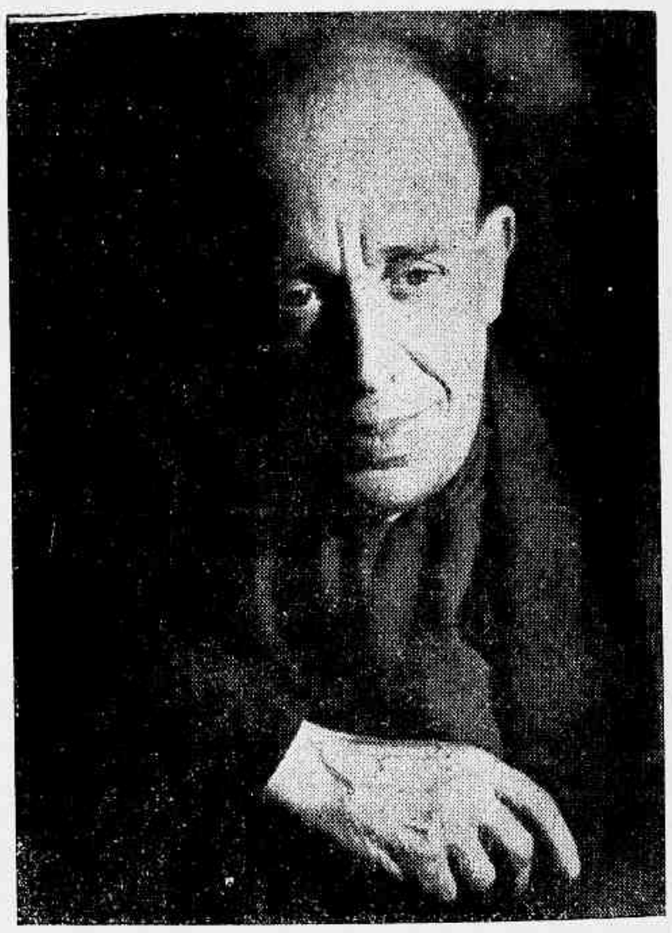
A PINTURA DE J. D. KIRSZENBAUM

Texto de **ANGELUS RAVEL**

EXPÔS, no Rio, o pintor judeu-polonês J. D. Kirszenbaum, com uma esplêndida mostra de trabalhos que marcou um ponto alto no movimento das artes plásticas da semana.

Kirszenbaum nasceu há 48 anos atrás, na cidadezinha de Staszow. Exerceu as mais diversas profissões. Enfim, anos passados, na cidade de Weimar descobriu a sua verdadeira vocação, dedicando-se à pintura, sob os olhos atentos de mestres como Kandinski e Klee. A sua vida tomara, enfim, um rumo certo. E êle se dedicava de corpo e alma à sua arte. Vindo a guerra de 1938, Kirszenbaum viu-se perseguido pelos nazistas em virtude de sua origem judaica, sofrendo torturas num campo de concentração. Conseguiu evadir-se e, hoje, expõe entre nós a sua pintura marcada de sofrimento.

A mostra de J. D. Kirszenbaum nos põe em contato com um artista nato. Os contornos plásticos das suas figuras são concebidos dentro de um plano um tanto simbólico sem deixar de ser realista e, acima de tudo, sincero. Arte forte, expressiva por excelência. O rosto quase parado do "Desempregado", frio, sem vontade, homem-autômato, reflete muito bem a sua condição de deslocado social. E' uma das criações mais vívidas do pintor. Isto para só citarmos uma das suas telas, nêste gênero.

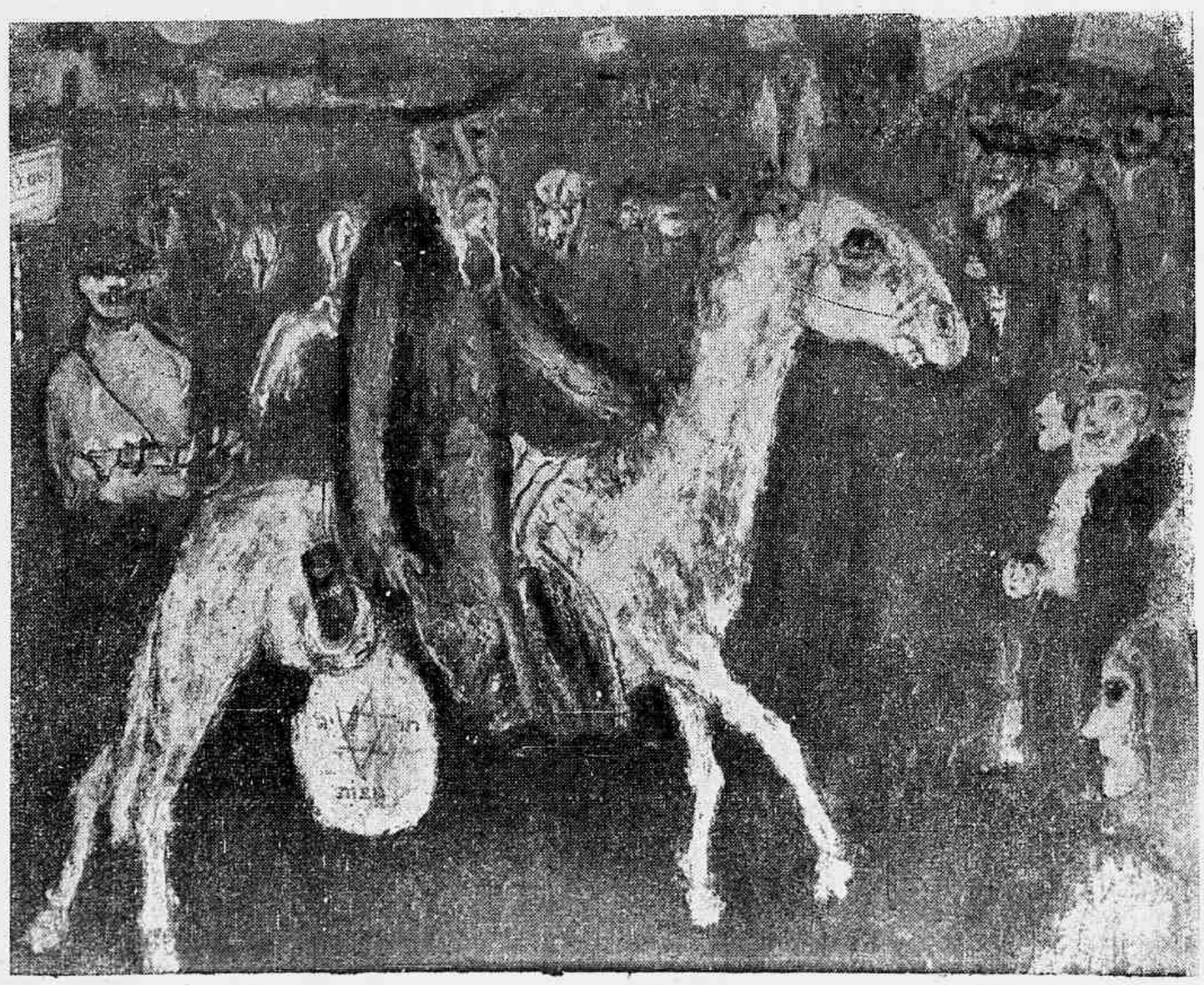


J. D. KIRSZENBAUM

O simples registo que nos cabe não permite comentários mais detalhados. Mas de passagem convidamos o leitor a observar detidamente a expressão estampada no rosto do "Profeta Jeremias" — tôda uma civilização, tôda uma sabedoria, em reflexão, como que desesperado, sem ânimo em meio a um mundo convulsionado e cheio de erros como o nosso, mundo cego e que não parece ter aprendido coisa alguma com a experiência do passar dos séculos.

No quadro da "Vida do Messias", Kirszenbaum atualiza a história bíblica. E os sorrisos de mofa, a curiosidade um tanto zombeteira dos populares, são a mesma incompreensão e a mesma zombaria que acolheram Jesus Cristo em sua peregrinação por sôbre a terra, há vinte séculos...

A arte de Kirszenbaum é, assim, uma análise crua, realista e fria da vida.



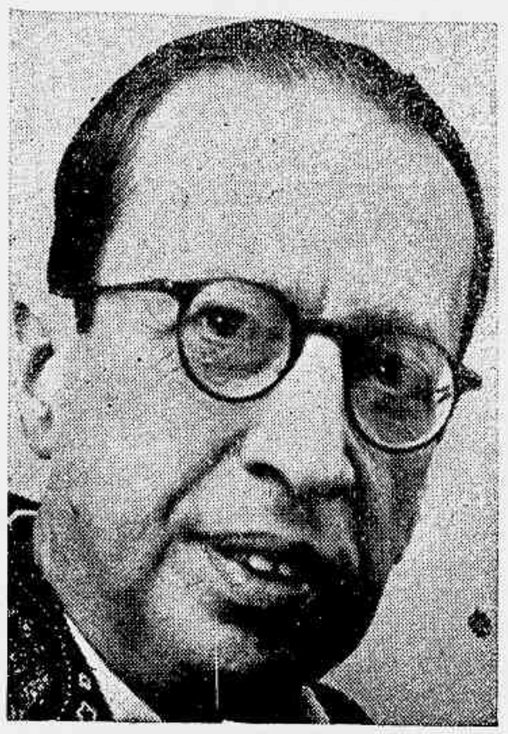
"A VIDA DO MESSIAS"

VIDA LITERÁRIA

HERMAN LIMA

CARTAPÁCIOS E OBRAS PRIMAS

VALDEMAR Cavalcanti, numa de suas notas dominicais de "O Jornal", sempre de tanto interêsse e atualidade, comentava outro dia o fenômeno da evolução de nossas publicações oficais, que de medonhos cartapácios no passado constituem hoje um dos setores mais brilhantes de certos departamentos públicos do País. De fato, o que ocorria antigamente com essas publicações era de tal porte que a sátira de Monteiro Lobato, "O luzeiro agrícola", não andava muito longe da realidade. Como talvez não a lembrem no momento, vale a pena trazer para aqui, de novo, a engraçadíssima "charge": Sizenando Capistrano, afilhado de Pinheiro Machado e ex-poeta, ignorante do que era um pé de café, mas entendidíssimo em pés métricos e em pés quebrados, abocanha um lugar de inspetor agrícola. O ministro, para justificar-lhe o pôsto, incumbe-o de fazer um relatório sôbre qualquer coisa: "Relate, vá relatando. A função capital do nosso Ministério é produzir relatórios". Dessa ordem surge, dois anos depois, o "Relatório sôbre o Papalvum brasiliensis, vulgo Beldroega, e sua aplicação na culinária", obra papafina, em ótimo papel e muitas gravuras elucidativas, entre as quais os retratos do ministro e do diretor da Agricultura, do marechal Hermes e do general Pinheiro. Pronto o calhamaço em cinco mil exemplares, dá-lhe então o ministro o destino do forno de incineração da Casa da Moeda, porque assim se lubrificava a máquina administrativa, dando a cada setor uma chance de cumprir a sua finalidade. Fora da "charge", o que se via, em matéria saída da Imprensa Nacional, até há poucos anos, não era, na verdade, de molde a inspirar outras idéias sôbre o merecido destino de tais obras. De algum tempo para cá, entretanto, surgiu outra éra no particular. E' certo que o D.I.P. gastou ainda toneladas de papel, no seu furor laudatório ao Estado Novo. Mas o aparecimento da Revista do SPHAN e de outras publicações do Ministério da Educação, como as "Antologias" dos nossos poetas, organizadas por Manuel Bandeira, e as Obras Completas de Ruy Barbosa, sempre davam para ir esquecendo a servil moxinifada dos domínios do capitão Arvoredo. A mesma coisa se observava em certos Estados, onde rapazes de brio intelectual erguiam a cabeça por cima da onda de chatice louvaminha, para se consagrarem a um trabalho digno e perdurável, como é o caso, por exemplo, dos "Arquivos" da Prefeitura do Recife, de que Césio Regueira Costa fez uma obra notável, pela apresentação gráfica e pelo alto nível da colaboração. Só os estudos de Mário de Andrade, sôbre "Cícero Dias e as danças do Nordeste", ilustrados pelo pintor pernambucano que ainda há pouco nos visitou com a sua discutida exposição e a série de Ascenço Ferreira, sôbre pastoris, bumba meu boi e maracatus, com desenhos admiráveis de Lula Cardoso Ayres, quando nada mais houvesse nos "Arquivos", bastariam para todos os louvores à obra do ilustre secretário da Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo, que tanto vem fazendo pelo renome da sua terra e da sua repartição. Ainda no centenário de Eça de Queiroz, deu-nos êle uma ótima contribuição, das mais originais, com a realização dum concurso de monografias e de desenhos, de ampla repercussão no País. Na Bahia também, Osvaldo Valente, que é igualmente dos Arquivos da Prefeitura, vem fazendo um trabalho brilhantíssimo, com a reunião de centenas de fotografias dos monumentos artísticos e históricos do Estado, catalogação de documentos patrimoniais do Salvador, estudos e pesquisas de grande alcance cultural, como o do registro de todas as marcas de ourives da cidade, em vias de sair a lume, além da edição duma revista que é também um primor gráfico. E é ainda da Bahia que recebo agora as duas últimas publicações do Museu do Estado: "Tupis e guaranis", de Frederico G. Edelweiss, e "Candomblés da Bahia", de Edison Carneiro. Na mesma coleção foram lançados, há tempos, outros excelentes volumes, como os de Silva Campos, "Procissões tradicionais da Bahia" e "Tempo antigo"; "A pintura na Bahia", de Acácio França, e "Museus para o povo", de José Valadares, o jovem e eficiente diretor do Museu. O autor de "Tupis e guaranis" é um erudito, e os especialistas dirão do valor de seus estudos, que se apresentam com uma bibliografia das mais ricas e extensas e objetivando, inegavelmente, um conhecimento profundo da matéria. Quanto a Edison Carneiro, é já um mestre de nome devidamente reconhecido pela crítica, mercê de seus livros anteriores: "Religiões negras", "Negros bantus", "O quilombo dos palmares" e "Antologia do negro brasileiro". Neste trabalho de agora, em que resume pesquisas de muitos anos, dirige-se a todos os leitores em linguagem acessível, sem complicações técnicas, ao contrário do que fez nos outros livros, dedicados aos entendidos. Livro para o grande público, bem de acôrdo com a finalidade do Museu. O cartapácio dos relatórios de Sizenando Capistrano passou de moda; portanto, o forno crematório da Casa da Moeda há de estar há muito inativo, à míngua de tais iguarias, mormente quando, ainda mais, está saindo justamente da Imprensa Nacional a maravilhosa edição do "Guia de Ouro Preto", de Manuel Bandeira, traduzido para o francês por Michel Simon, com desenhos de Luis Jardim e Santa Rosa. Um padrão de glória, para o cônsul Roberto Assunção, do Serviço de Publicações do Itamarati.



Manuel Bandeira

O LIVRO DO MÊS

José Mauro de Vasconcelos

Para outubro corrente, foi escolhido pelo Livro do mes o romance de José Mauro de Vasconcelos, "Barro Blanco", que tem por cenário as salinas do Rio Grande do Norte. O autor, em quem Luis da Câmara Cascudo vê o Jack London do Brasil, pela sua vida aventurosa, de escritor e ex-marinheiro, ex-operário, ex-modêlo na Escola de Belas Artes, ex-"boxeur" profissional e ex-ator de companhias teatrais ambulantes e garimpeiro, já publicou "Banana brava", romance da vida dos sertões do Brasil Central, muito bem recebido por Antônio Cândido, Sérgio Milliet e Álvaro Lins, esperando-se que seu novo livro o sagre definitivamente como romancista de cenários ásperos e hostis, mas nem por isso menos impregnados de poesia e romantismo que a sua sensibilidade sabe extrair de qualquer paisagem humana, vivida, em corpo e alma, pelo autor.

INTERCAMBIO CULTURAL ANGLO-BRASILEIRO

Acha-se entre nós, tendo fixado residência em S. Paulo, onde já conta com um largo círculo de amizade nos meios intelectuais e sociais, o Dr. J. E. Bloch, especialista em livros inglêses, que vem representar no Brasil um grupo das mais importantes casas editoriais da Inglaterra, como sejam: George Allen & Unwin Ltd, Edward Arnold & Co, Baillère, Tindall & Cox, Chapman & Hall Ltd, J. M. Dent & Sons Ltd, John Lane, The Bodley Head Ldt, Logmans Green & Co. Ltd, Methuen & Co. Ltd, Phaidon Press Ltd, e Phoenix House Ltd, muitas delas bem conhecidas nossas, através de suas belíssimas edições, que agora, certamente, haveremos de ver com frequência maior nas vitrines de nossos livreiros. Conhecendo profundamente os problemas do livro e da cultura e a sua importância no mundo atual, o Dr. Bloch é um entusiasta do intercâmbio cultural feito por meio das realizações da inteligência, razão por que vem se empenhando também, vivamente, em apreender tudo o que diz respeito ao nosso movimento de ciências e de letras. Daí esperarmos que, de sua presença no Brasil, resultem excelentes proveitos, não somente no que se relaciona com o acesso mais fácil e mais em conta do livro inglês, como também do que possa advir em vantagens para o nosso livro, ainda figurando como desconhecido número um, na cultura européia. "Tenho da literatura brasileira uma idéia planetária" — confessava há dias Jean Cassou ao nosso Brito Broca. E ainda há duas semanas a "Revista do Globo" publicava a admirável conferência de Justino Martins, com Somerset Maughan, na qual vemos o grande escritor inglês referir-se a certo livro brasileiro, de que lhe falara Erico Veríssimo, qualquer coisa assim como "Dom Raimundo" e que não era nem mais nem menos do que o nosso "Dom Casmurro". Conhecido de título, apenas, e de título errado. "Welcome", pois, Mr. Bloch!

O AUTOR DA SEMANA

Depois da distribuição de "Três romances", de Rachel de Queiroz e de "Maquiável e a Dama", de Somerset Maughan, que constituiram o maior sucesso de livraria, nos meses de agosto e setembro, o Circulo Literário lançou entre os seus associados, em outubro, "A desintegração da morte", de Origenes Lessa, acompanhado de "Maria Bonita", o melhor romance de Afranio Peixoto, como brinde aos novos assinantes. Origenes Lessa, cujo nome literário se firmara definitivamente com o romance "O feijão e o sonho" e os excelentes livros de contos "Passa três" e "Omelete em Bombaim", além de "O. K. América", uma coletânea de crônicas americanas de aguda observação de profundo sentido social e humano, oferece aos leitores de "Desintegração da morte" uma satira deliciosa, cheia de imprevistos e de malícia, ao espírito belicoso de certos estadistas propensos a utilizarem a energia atômica exclusivamente como arma de destruição. O sábio Klepstein, tendo descoberto a desintegração da morte, impõe, por sua vez, a escravidão da humanidade, numa série de episódios e numa vivíssima narrativa que tem muito da fantasia e do vigor descritivo dum H. G. Wells de "Coisas porvindouras" e da "Máquina de explorar o tempo". A técnica dessa novela, flagrantemente cinematográfica, e portanto de intenso poder absorvente, prende a atenção do leitor da primeira à última página. Do mesmo volume fazem parte dez contos, entre os quaes "Roteiro de Fortaleza", já divulgado na imprensa, é uma página de emoção inesquecivel, pela originalidade do tema e da narrativa.

CEM NÚMEROS

"Letras e artes", nosso único suplemento literário em forma de revista, que Jorge Lacerda dirige com tanto brilho, reunindo em suas páginas colaborações habituais da classe duma Cecilia Meirelles, dum Otto Maria Carpeaux, dum Santa Rosa (que lhe dá excelentes notas de arte e ilustrações sempre admiráveis), publicou seu centésimo número, foi festejado por um almôço de seleta concorrência.

AGRIPINO GRIECO, SEXAGENÁRIO,

Agripino Grieco

A notícia é esta mesma — Agrippino Grieco fez sessenta anos outro dia, muito embora ninguém acredite muito nisso, desde que o sarcasta impenitente de "Carcassas gloriosas" é dêsses para os quais os anos representam nada mais do que uma icócua convenção para uso alheio. De fato, quando rompe os seus longos silêncios de imprensa e volta, pelas colunas do seu rodapé cheio de cintilações e de causticas, é sempre o mesmo espírito de juntas lépidas como as dum ás de olimpíada, a mesma certeira ironia de arguto comentarista. Ainda mais se alguma coisa lhe trás mesmo o correr da idade seria paradoxalmente uma ainda mais acesa agilidade mental, uma vibração ainda mais sutil dos jogos florais dessa arte de exímio "jongleur" da palavra escrita e falada, de par com a certeira visada de conceitos que fariam dele um dos nossos mais graves julgadores da obra literária, caso lhe permitisse outra atitude intelectual êsse eterno avatar de Gavroche que se esconde nas suas roupas, como nas suas letras. Duma prosa a que se mistura um estilo em extremo colorido e musical, o brilho de reparos os mais imprevistos e sugestivos, uma permanente vivacidade de pensamento e a efervescente reverberação duma cultura literária das mais ricas e variadas do nosso tempo, tudo nas suas crônicas e nos seus livros se reveste dum imperecível ar de juventude que não exclue, todavia, a madureza do discernimento, justificativa, por si só, do pôsto de primazia que lhe cabe no nosso panorama literário do momento. Daí o êxito invulgar que vem obtendo a publicação de suas obras completas, iniciada pela Livraria José Olympio Editora e cujo sexto volume, "Gente nova do Brasil", acaba, justamente, de vir a lume. Contendo a parte selecionada de sua produção de 1925 a 1935, relacionada com os nomes de mais recente projeção nas letras brasileiras daquele decênio, se é certo que nesses capitulos, de tão sedutora leitura, se contam algumas exposições panorâmicas sem dúvida sintéticas e apressadas em demasia, acham-se também trabalhos de fôlego e de importância ainda hoje não desmerecida, pela justeza da crítica serena e equilibrada, como aquêles dedicados ao aparecimento dum Jorge Amado, dum José Lins do Rêgo, dum Graciliano Ramos, dum Gilberto Freyre, especialmente o relativo à estréia do último em 1934, com "Casa Grande & Senzala", página essa, de interpretação, por todos os títulos verdadeiramente magistral.

★

C L A

Esta excelente revista cearense já tornou habitual o côro de louvores com que se notícia o aparecimento de cada novo número seu. O quarto, agora chegado, contém, além duma ótima novela curta de Fran Martins, "O roubo", rica e variada colaboração de Antônio Martins Filho, Aluizio Medeiros, Gastão Justa. Antônio Girão Barroso, Otacilio Colares, Eduardo Campos, numerosos poemas e notas muito seguras sôbre livros, revistas e artes plásticas. Um número de classe, como sempre.

O CONCÊRTO

O livro de Abraham Veinus "The concert", publicado recentemente pela Editora Cassell, de Londres, não se destina apenas aos especialistas em música, mas a êsses em particular e ao simples "amateur de musique", em geral. O autor realizou uma obra que marcará época, pela qualidade da crítica e pelo alcance da história da evolução do "concêrto" na música, desde suas origens nos séculos XVI e XVII até o momento atual. Em oito capítulos de leitura atraente, apesar da riqueza e da substancia da matéria apreciada, encontramos tudo o que se relaciona com o gênero, desde os seus pródromos, com as sucessivas etapas do "concêrto grosso", do "solo concêrto", do "concêrto clássico", do "concêrto de Beethoven", do "concêrto romantico" até o dos nossos dias. Bach, Beethoven, Chopin, Grieg, Handel, Mozart, Ravel, Shostakovitch, Sibelius, todos os grandes compositores do passado e do presente, são estudados através das suas obras mais caracteristicas, de respeito à técnica, aos métodos musicais empregados e ao momento em que foram elas realizadas. Esse livro de méritos excepcionais vem tendo na Inglaterra não apenas o favor da crítica especializada, como do público amante da boa música.

UM SÍMBOLO
SIGNIFICATIVO!
WAYS
PAA
A Aza representa os píncaros de perfeição a que a PAA tem levado o Transporte Aéreo para servir a humanidade.
O Globo simboliza o fato de que, hoje em dia, V. S. pode viajar pela PAA para 68 países, nos quatro cantos do mundo.
Juntos, a aza e o globo da PAA formam um simbolo que é reconhecido pelos viajantes em toda parte como o mais alto padrão de assistência ao passageiro e regularidade de vôos... outra razão por que, todos os dias, cada vez mais ouve-se dizer...
Viaje pela PAA
— Melhor maneira não há!
BP-218-10.118
★ PASSAGEIROS
★ CLIPPER CARGO
★ CORRESPONDÊNCIA
PAA
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rêde dos Clippers Voadores

Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feia quem quer. Esse é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cútis.

Depois de aplicar êste creme observe como a sua cútis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas S.A.

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dôr de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, máu hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do máu funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pilulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gazes e descongestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pilulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pilulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo

CLÁUDIO SANTORO — PARA O VIOLINISTA A BATUTA — VÁRIOS PRÊMIOS — AS ATIVIDADES MUSICAIS

De **ROBERTO LYRA FILHO**
(Especial para a "**REVISTA DA SEMANA**")

DO Amazonas a Paris — realmente, grande foi a distância percorrida por Cláudio Santoro, compositor brasileiro, que mereceu da Europa as mais eloquentes manifestações de entusiasmo. Sua carreira, entretanto, ainda que precocemente marcada por manifestação inequívoca do talento que, hoje, todos lhe reconhecem, não é uma pacífica sucessão de triunfos, uma ascensão sem esfôrço em direção à glória. Ela representa, ao contrário, lutas, sacrifício, tenacidade e, sobretudo, honestidade, sinceridade em relação à sua arte. Cláudio Santoro não estacionou no dodecafonismo, primeira etapa de seu desenvolvimento artístico. Volta-nos êle, do velho continente, cheio de idéias novas, que atestam a vitalidade de sua fôrça criadora. Serviram-lhe de estímulo os adjetivos com que vozes autorizadas lhe exaltaram as qualidades: Nadia Boulanger, Marcel Beaufils, Eugène Bigot, entre outros. O acolhimento que teve e as honras especiais com que o distinguiram, excitaram a capacidade de trabalho de Cláudio Santoro, fortaleceram a sua decisão de prosseguir em seus estudos, pesquisando, buscando, para novos projetos artísticos, novas fórmulas expressivas. É, realmente, admirável a seriedade, a consciência artística com que êste jovem compositor, desprezando sucessos fáceis, encara os problemas musicais e procura afeiçoar o seu "métier" seguro à realização de obras que desprezam brilhos improvisados, assim como se distanciam da fria arte de combinar sons com a mesma abstrata falta de vibração com que um matemático combina números. Cláudio Santoro orienta as suas preocupações de compositor, atualmente, no sentido de procurar conferir à sua música um maior poder de comunicação, humanizando-a.

Cláudio Santoro

PARA O VIOLINISTA A BATUTA

Cláudio Santoro desde menino se dedicou à música. Quando o govêrno do Amazonas mandou para o Rio, com uma bolsa de estudos, o jovem violinista Cláudio Santoro, estava enviando ao Rio um "virtuose" de calças curtas. A Orquestra Sinfônica Brasileira teve-o depois, durante muito tempo, entre seus primeiros violinos. Mas, agora, Cláudio dedica-se à regência. Acompanhou, no Conservatório de Paris, o curso de Eugène Bigot, que forneceu certificado atestando-lhe o aproveitamento e elogiando as qualidades excepcionais do discípulo.

"RECORD" DE PRÊMIOS

Cláudio Santoro ainda não tem trinta anos. Entretanto, poucos compositores podem se gabar de uma carreira tão brilhante. Logo após obter a bolsa Guggenheim, Cláudio Santoro recebia o prêmio Lili Boulanger, ambos disputadíssimos e que valem como verdadeiros diplomas, tal o rigor da seleção feita pelas comissões julgadoras que os outorgam.

ATIVIDADES MUSICAIS

Em Paris, Cláudio Santoro foi lançado pela Sociedade Tryptique, num concêrto de grande repercussão, no qual tomaram parte Arnaldo Estrêla e Mariuccia Iacovino. Na assistência estavam Florent Schmidt, Vila Lobos, Barraud, diretor da Radiofusão Francesa, vários jovens compositores, entre os quais Martinet, Nigg, Saguer e outros. Serge Moreux, musicólogo francês, apresentou o compositor brasileiro, fazendo um pequeno resumo biográfico e demorando-se na análise das obras. Mais tarde, Beaufils, crítico musical de grande destaque, dedicou a Cláudio Santoro uma crônica publicada em "Une Semaine dans le Monde". O segundo Quarteto de Cordas, 1947, que fôra interpretado nesse primeiro recital pelo Quarteto Loewenguth, foi incluído, com os mesmos intérpretes, no festival franco-brasileiro organizado pelo Cercle Interallié. A Orquestra Nacional de Paris apresentará, no próximo ano, sob a regência de Desormière, a Terceira Sinfonia de Cláudio Santoro, e o 1º Quarteto será executado pelo Quarteto Pascal num dos quatro concertos promovidos pela Rádio Francesa. Capdeville, diretor da seção de Música de Camera daquela emissora, declarou que a obra de Cláudio Santoro é importante de mais para ser lançada numa simples transmissão radiofônica e, por isso, reservou-lhe lugar no programa de recitais a que aludimos. Claude Paschoud, um dos maiores violinistas suíços, incluiu a 3ª sonata em seu repertório e tocará essa peça, em sua próxima "tournée", em Bruxelas, Londres, Espanha, Itália, Suíça, etc.

Por encomenda do mesmo violinista, Cláudio Santoro está preparando um concêrto para violino e orquestra. Também em elaboração está o fundo musical para "Terre Violente", de Jorge Amado, que estreará, breve, em Paris. Londres ouvirá a Sonatina para piano, que impressionou vivamente M. Clark, presidente da Sociedade Internacional de Música Contemporânea. Dezarzens, regente suíço, executará Música 1946, para orquestra de cordas, em Lausanne, Genebra, etc.

Vendo as platéias mais cultas reconhecerem o mérito do nosso jovem compositor e ouvindo, dos mais autorizados críticos e intérpretes, a palavra de consagração, juntamos a essas homenagens uma saudação de boas vindas a Cláudio Santoro, recém-chegado ao Rio. E aguardamos, ansiosamente, um concêrto que nos apresente suas obras mais recentes, assim como as que tem em preparo, como o "ballet" "A fábrica", com cenários de Scliar, o concêrto para piano e orquestra e o 3º Quarteto.

O Creme Rugol aplicado à noite, clareia a pele, deixando-a limpa, fresca e transparente. Usado como creme embelezador, suaviza a cútis e lhe dá um encanto irresistível. É excelente, também, como base para a maquilagem. Rugol é muito indicado para os casos de pele imperfeita, porque elimina cravos, rugas, espinhas e manchas. Comece a usar hoje o Creme Rugol, que dá à cútis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...

Quase tôdas as imperfeições da cútis nascem nas camadas sub-cutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele

Aplique Rugol tôdas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos

CREME **RUGOL**

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217

PELAS estradas do CEU

Há pessoas que já nascem com a "pinta" de uma determinação profissional. E' o caso dêsse aplaudido piloto norte-americano, Paul Mantz, de Hollywood, que já se tornou famoso nas aventuras aéreas de seu país.

Instituiu-se nos Estados Unidos um prêmio bastante vultoso para recordistas de vôo através do território nacional, denominado "Prêmio Bendix". Recentemente vários aviadores se inscreveram para as provas e largaram em suas possantes máquinas de Long Beach, Califórnia, aos pontos pré-determinados no torneio dos ares. Dentre êles havia uma mulher. Dos homens foram êstes os colocados: Paul Mantz, Linton B. Carney e T. E. Lunken.

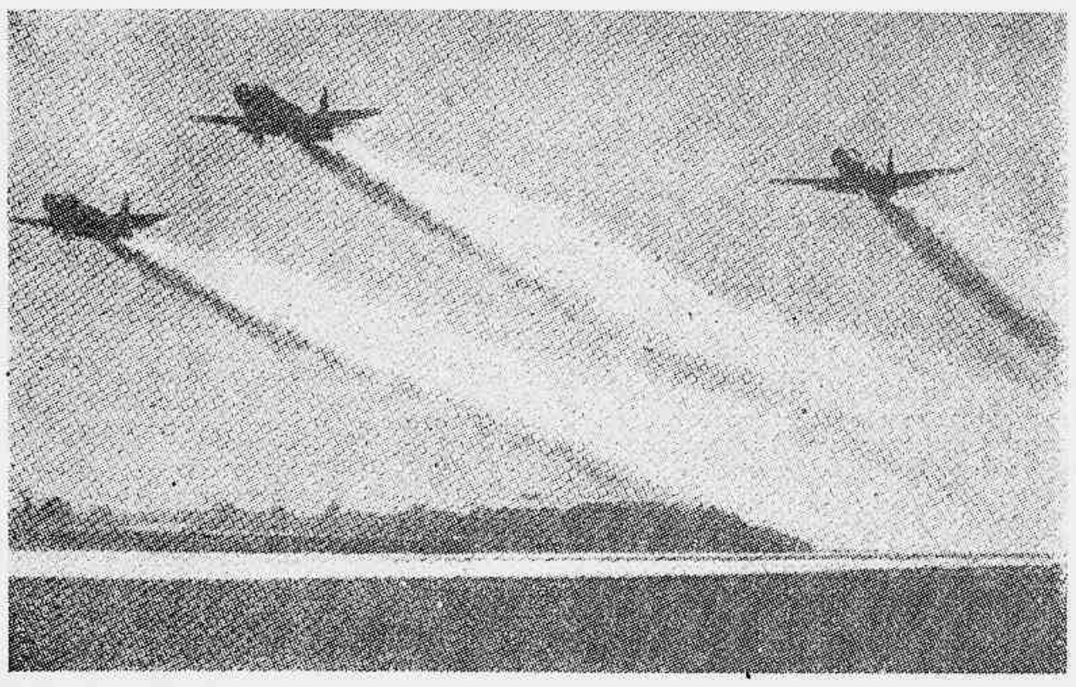
Todos ansiavam por vencer o troféu constante do "Prêmio Bendix". Dos três o único que já havia ganho essa prova, por duas vêzes já, era Mantz. Mas os outros não se impressionaram com o êxito do rival, bem como não ligaram muito à mulher...

A prova clássica consta de um cruzeiro de 2.080 milhas através do país. Mantz preparou e introduziu algumas modificações técnicas em seu "Mustang P-51", meteu-se em seus "slacks" cinza, sua blusa esporte, colocou uma bonita gravata à Hollywood e se preparou para a sensacional revoada.

Precisamente às 12,30 horas da tarde, êle alçou vôo atingindo a altura de 25 mil pés, passando logo depois a 30 mil. Tudo muito sereno e em ordem para seu vôo. Nada sucedeu de extraordinário. Uma coisa, porém, o desgostou. Êle, nessa terceira e vitoriosa jornada, não bateria o seu próprio "record" anteriormente registrado. A velocidade atingida nesta terceira vez fôra a de cêrca de 448 milhas por hora, e o tempo total, de 4 horas, 33 minutos, 48 segundos e sete décimos. Sua velocidade no último torneio para disputar o mesmo prêmio foi de quase 460 milhas e meia. O resultado da corrida nêste ponto não deu muita alegria ao aviador, não podendo êle queixar-se de não haver voado no mesmo aparêlho do ano anterior, como se vai ver. Seu prêmio em dinheiro foi de dez mil dólares.

Agora, o que sucedeu com o segundo competidor, Linton B. Carney, que pilotou um dos três "Mustangs P-51", oferecidos aos aviadores pelo opulento industrial de petróleo do Texas, Mr. Glen McCarthy.

Carney pilotou justamente o avião com que Mantz vencera a prova do ano passado e que agora não cumprira a anterior "performance". O mais que conseguiu fazer foi atingir uma velocidade horária de 446 milhas e 112 metros, tendo coberto o tempo em 4 horas, 34 minutos e 8 segundos. Para o seu segundo lugar, foi-lhe entregue a importância de 5.500 dólares. Em terceiro lugar colocou-se a mulher. Sim, uma corajosa senhora de saias: Jacqueline Cochrane, ou melhor, Mrs. Floyd B. Odlum, a segunda mulher que já concorrera ao "Prêmio Bendix". A sra. Cochrane, que pilotou um "Mustang P-51" reformado, alcançou a média de 45 milhas e 947 metros por hora, tendo coberto o tempo em 4 horas, 35 minutos, 7 segundos e 3 décimos. Além de receber como prêmio dêsse terceiro pôsto a importância de três



Três dos competidores ao largarem vôo simultâneamente da Califórnia

mil dólares, ainda lhe foi outorgado um prêmio adicional de mais mil dólares em virtude de ter sido a primeira mulher a vencer com tanto brilhantismo.

Dos três homens, o que ficou em pior colocação foi T. E. Lunken, que chegou em quarto lugar, com a velocidade horária de 441 milhas e 594 metros, tendo coberto o tempo total em 4 horas, 37 minutos, 46 segundos e 3 décimos. Seu aparêlho era também do tipo dos outros companheiros. Nada lhe coube.

Mas houve quem chegasse em piores situações, como sucedeu com J. F. Stallings, um piloto de linha comercial que estava no momento de férias. Pilotou Stallings um daqueles famosos "Mosquitos" da Real Fôrça Aérea Britânica, não conseguindo mais de 441 milhas e 120 metros por hora, ficando, pois, em quinto lugar.

Os aviões a jato da Marinha Norte-Americana, "North American Fury", de combate, também estiveram presentes à festa, mas sem competir. Francis E. Brown alcançou a velocidade de 489 milhas e 526 metros por hora, sendo sabido que o vôo mais vagaroso dêsses aviões até hoje, é de 470 milhas e 479 metros.

O comandante E. P. Aurand, "leader" de vôos da Marinha, declarou que havia voado a 39 mil pés, mas que, diante de fortes ventos contrários, desceu a 32 mil. Prestando outras informações êsse comandante declarou que, ao levantar vôo estava com 1.045 galões de combustível; mas, ao aterrar, só lhe restavam 30...

Entretanto, não pense que essa festa aviatória consistiu exclusivamente de máquinas possantes a jato e pilotados por oficiais da Marinha ou campeões masculinos ou femininos. Não. À mesma puderam concorrer ainda aviãozinhos feitos na terra, aparelhos de turismo como êsses tão nossos conhecidos "paulistinhas", e outros do mesmo calibre. Para êsses aeroplanos houve prêmios instituídos pela Goodyear, que os distinguiu nos vôs durante tôda a manhã e tôda a tarde.

E êsse "meeting" marcou grande sucesso entre a multidão de espectadores que afluiu ao campo de provas. Interessante é que tais aparelhos minúsculos dipõem apenas de uma fôrça que regula uns 85 H.P., sendo maior parte desenhados e construídos pelos seus próprios pilotos. Calcula-se que, em média, a Goodyear dispende com êsses prêmios uns 5 mil dólares, como estímulo e em honra ao mérito.

Diante de tão ligeiros aviões, os circunstantes sentem, muitas vêzes o coração opresso pelas bravatas que êles fazem nessa corrida esportiva e muito instrutiva.

Para finalizar o empolgante espetáculo, aviões da Marinha e de outros corpos militares fizeram combates simulados e acrobacias aéreas de grande efeito despertando exclamações do povo.

"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.

★

Pedidos pelo Reembolso Postal para
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 -- TIJUCA -- RIO DE JANEIRO
PREÇO: Cr$ 20,00

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

ESTOCOLMO, 12/9/1948 — Fomos assistir às corridas em Ulriksdal, nome complicadíssimo, que deve ser a dor de cabeça dos linotipistas e revisores de jornal: Kapploptingssallscap. Mesmo assim, havia muita gente no hipódromo e por um instante suspeitamos que todo aquêle pessoal ia ali para fazer pique-nique, uma vez que as corridas preocupavam ao mínimo aos espectadores espalhados pela relva macia, a conversar e saborear as merendas. O prado é simples e a pista tem a forma original de uma bengala. As corridas, a trote, despertavam algumas apostas. Contudo, estas são sempre baixas, pois o grande prêmio monta apenas a dez mil cruzeiros. Haviam três jóqueis inglêses que monopolizavam as preferências do público. No entanto, a falta de entusiasmo era tal que a gente só sabia que terminara uma corrida quando anunciavam o número dos cavalos vencedores...

A nota curiosa consiste em que a geral está localizada do outro lado da pista, de modo que os frequentadores cruzam-na antes, depois e durante as corridas, numa confusão divertida.

★

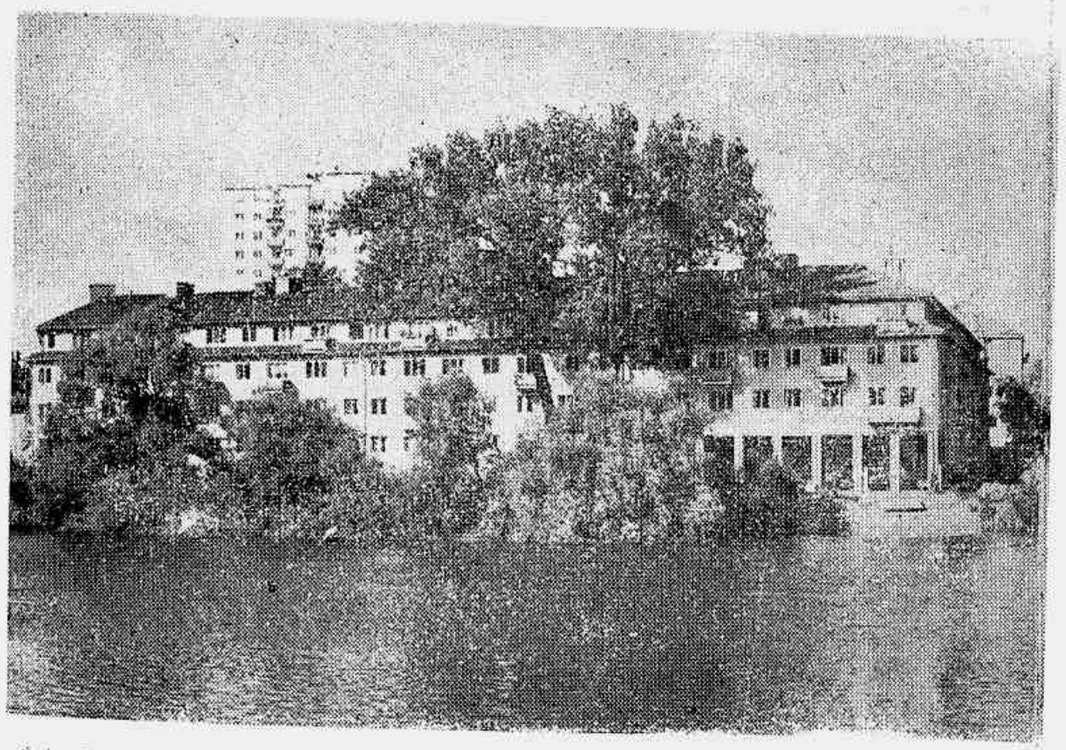
As casas comerciais, em Estocolmo, cerram as suas portas às dezessete horas. Entretanto, muitas casas de frutas, doces, ferragens, etc., depois de encerrado o expediente diário, colocam à porta diversas caixas com as variadas mercadorias, das quais, automaticamente, colocando-se uma moeda pela abertura, adquirem-se os artigos escolhidos. Essas operações são efetuadas até o dia seguinte, quando é reaberto o estabelecimento.

Em palestra com um comerciante soubemos que, muitas vêzes, o negócio efetuado durante o tempo em que a casa permanece fechada supera em lucros ao do dia! Êsse engenhosíssimo mecanismo é fabricado no próprio país e é, geralmente, propriedade do comerciante que o usa. Já nos Estados Unidos essas máquinas pertencem a emprêsas outras que exploram os lucros juntamente com os donos dos estabelecimentos comerciais.

A preocupação do bom gôsto está presente em toda parte aonde vamos e nos detemos em observações minuciosas. Os interiores das casas de comércio, por exemplo, são decorados com extremo senso artístico, tudo denunciando um propósito quase exagerado de estética nas mínimas coisas.

★

Nos restaurantes suecos reunimos todas as nossas reservas de nervos para suportar a espera. As "garçonettes" não têm a mínima pressa movimentando-se, com seus



Êste belo edifício de apartamentos residenciais na ilhota de Reimersholme, em Estocolmo, é uma ótima sugestão no sentido de quebrar a dureza funcional dos coletivos residenciais do Brasil

corpos bem desenvolvidos, com gestos vagarosos como nos filmes em câmara lenta. A "garçonette" demora e o freguês não reclama nem um pouco! Isto observamos de lance. E a explicação do fenômeno surgiu num instante: uma das mais importantes fontes de riquezas da Suécia está nas suas florestas imensas. Um plantador de árvores não pode ter pressa alguma, pois êle não ignora que dez anos na vida de uma árvore não é lá grande coisa... Daí a sua extrema tolerância para a morosidade dos serviços de restaurante.

Em compensação, no que concerne à mecânica e à engenharia os suecos são muito avançados, hábeis e competentes.

★

Existe em regiões da Suécia uma doença de consequências bastante sérias que se chama mal da Lapônia. Origina-se, se não nos enganamos, das noites extremamente longas e dos dias infinitamente curtos daqui. As pessoas nervosas não suportam tal "modus vivendi" e tornam-se taciturnas, tímidas e introvertidas. Essa enfermidade, de cura difícil, é um estado de timidez aguda, tornando o indivíduo medroso e sem coragem de pronunciar palavra.

Aliás, essa mesma doença se encontra no norte da Noruega. Em conversa com um conhecido, aqui, relatou-nos êle que durante a guerra os nazistas tinham verdadeiro pavor da região norte da Noruega, onde o mal da Lapônia é frequente.

Ouvindo tais relatos, compreendemos quão benéfico é o nosso ardente sol do Brasil...

★

Hoje à tarde fomos a Drottningholm visitar o palácio de verão do rei. Está situado num imenso parque, à beira de um lago, com jardins com plantações bonitas. Caminhamos a pé pelas vastas alamedas entre os bosques verdejantes e visitamos o pagode e as casas chinesas mandadas construir para os tecelões em sêda que um rei mandou vir da China, em épocas remotas. Após, tomamos chá na residência do camareiro-mor da Côrte, num ambiente silencioso e distinto.

Logo mais o auto deslizava pela parte antiga da cidade, onde estão localizadas as casas dos nobres e o palácio de inverno do rei, outro imponente edifício.

NOVIDADE

AGIR apresenta o mais moderno e mais completo método para o estudo da língua inglêsa sob a orientação magistral do célebre filólogo Carlo Rossi, S. J. University of San Francisco, California

O INGLÊS DOS ESTADOS UNIDOS

Obra que serve especialmente para aprender o inglês SEM PROFESSOR, mas adapta-se também para aulas e cursos rápidos e completos. O vocabulário de 80 páginas do apêndice dispensa um dicionário. Otimamente encadernado e impresso em papel especial.

Preço: Cr$ 60,00

LIVRARIA AGIR EDITORA

Caixa Postal, 3291 — RIO DE JANEIRO

Queiram enviar-me pelo REEMBOLSO POSTAL ..... exemplares da obra

O INGLÊS DOS ESTADOS UNIDOS

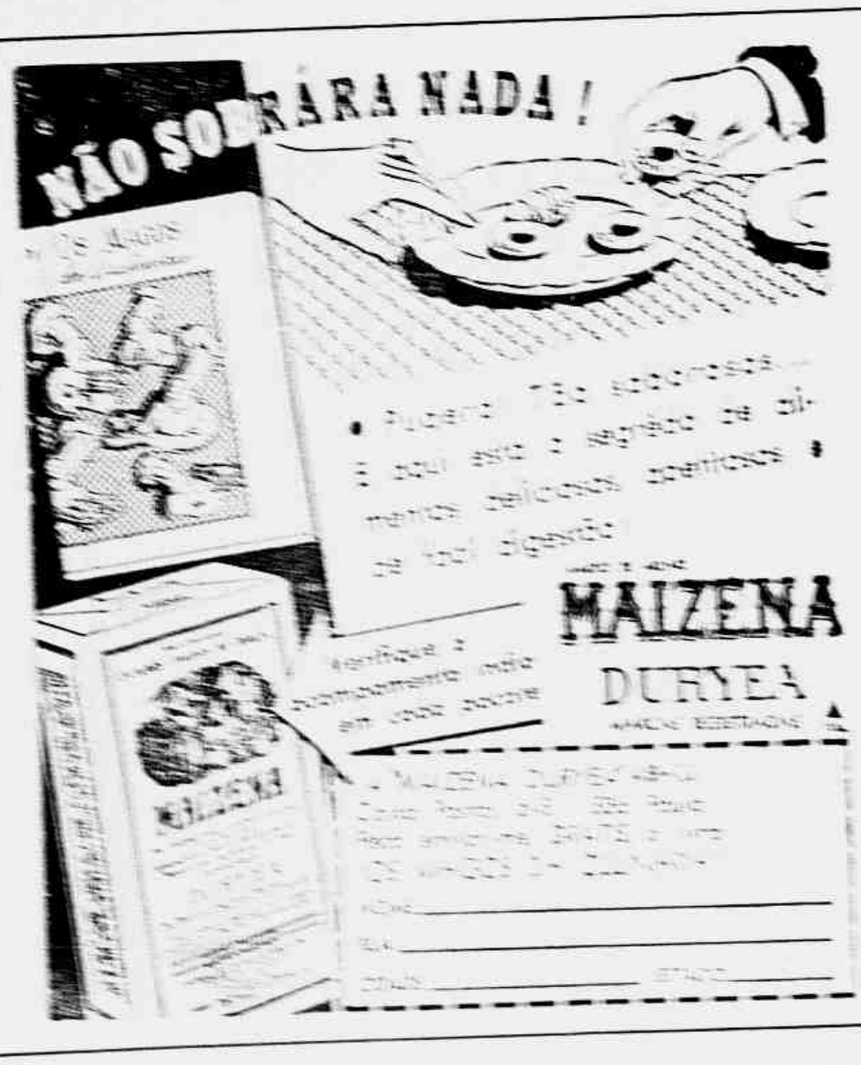
Nome: .....

Rua: .....

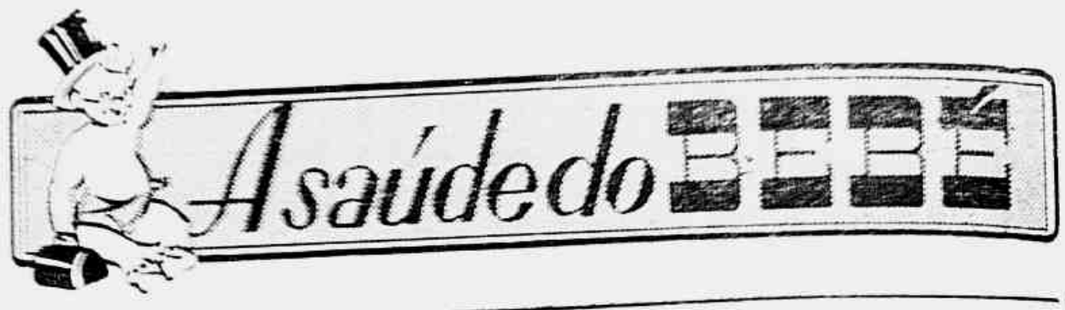
Cidade: ..... **Est.:** .....

(Pedimos a fineza de preencher com clareza e letra bem legível).

CAFIASPIRINA
ALIVIA E REANIMA



DR. SPINOSA ROTHIER



CRIAÇÃO DO MENINO DE PEITO

A VIDA DE ÉMILE ZOLA

(Continuação da pág. 46)

para gozar a derrota da desprezada. Conquanto franzina, comparada com a mulher que a atormenta, Gervaise salta sôbre ela aos pontapés, morde-a e golpeia-a até que Virginie pede misericórdia.

"Mas nunca esquecerei isto!", murmura Virginie, numa ameaça, ao deixar sorrateiramente a lavandaria.

Durante algum tempo Gervaise mantém a si e aos filhos com o que ganha como lavadeira. Entre seus conhecidos há um funileiro chamado Coupeau, jovem que conhece sua vida infeliz com Lantier. Coupeau pede-lhe que se torne sua amante, porém ela repele repetidas vêzes a investida. Finalmente propõe-lhe casamento e ela aceita.

Espalhafato e denúncias por parte da família de Coupeau não impedem que os dois passem por um interlúdio de relativa felicidade. Coupeau é um hábil funileiro, Gervaise uma excelente lavadeira, e juntos conseguem proporcionar um lar decente aos dois filhos e a um terceiro, Nana, que nascera quatro anos depois de seu casamento.

Pouco depois do nascimento de Nana, Gervaise volta ao trabalho na lavandaria. Seu único sonho é possuir algum dia uma lavandaria própria. As coisas afinal não são tão más, especialmente se uma pessoa trabalha de fato, é honesta e faz seus cálculos...

Mas um dia seus planos receberam um golpe súbito. Seu marido caiu de um telhado que estava reparando. Ela não quis que o levassem para o hospital e fez questão de cuidar dele em casa. A convalescença foi longa e cara, e dela Coupeau saiu outro homem. A queda afetara-lhe não somente o corpo, mas também a alma. Acabaram-se as ambições, os planos, as esperanças. Dominava-o apenas uma paixão: — **L'Assommoir** — a taberna...

O destino estava brincando com os Coupeau como o gato brinca com o rato antes de destruí-lo. Um curto período de felicidade, um mergulho no desespêro, e depois outra falsa promessa de felicidade... Um homem que amava secretamente a Gervaise, o ferreiro de cabelos dourados e de coração também dourado, de nome Goujet, induziu-a a aceitar dele quinhentos francos de empréstimo. Era o suficiente para ela abrir a sua lavandaria— realização do seu sonho.

Mas o destino continuava à espreita da inditosa. Virginie, a irmã de Adèle, era agora vizinha dos Coupeau. Jamais esquecera a sova que recebera de Gervaise. Sob a capa de amizade, informou Gervaise de que Lantier voltara ao **Quartier**. "Êle largou Adèle e ainda gosta de ti".

Gervaise ficou horrorizada. Mas durante algum tempo seu ex-amante não fez nenhum esfôrço para encontrar-se com ela. Em vez disso, procurou tornar-se amigo de Coupeau. Os dois tornaram-se companheiros inseparáveis na tasca; e finalmente Lantier ofereceu-se para pensionista dos Coupeau.

E agora, sob a influência dos dois homens degradados, começou a lenta degradação de Gervaise. Obrigada a sustentar os dois, além dos filhos, lutou algum tempo com aquela carga excessiva, mas depois sucumbiu. Discutia com o marido, desinteressava-se do seu negócio, procurava o esquecimento nos braços de Lantier. E veio o golpe final: perdeu Lantier e sua lavandaria. Virginie herdou-os a ambos.

Agora, junto com o marido, ela é envolvida pelo turbilhão de **L'Assommoir**. De degradação em degradação, Coupeau acaba engolfado na voragem do delirium-tremens. Nana, moça feita, abandona a casa e se prostitui. Também Gervaise tenta seguir-lhe o exemplo, mas ninguém mais a quer. Fome, álcool, desespêro... A beira do abismo. O ferreiro Goujet faz uma última tentativa para salvá-la, mas já é tarde. **L'Assommoir** — a taberna universal que embriaga o pobre com a taça amarga da tristeza — cobrara o seu imposto.

V

Os romances de Zola sôbre os pobres — mais uma pilhéria do destino — tinham-no feito muito rico. E muito gordo. E muito mal humorado. Por mais que se faça, a vida está sempre a agarrar-nos pelo gasnete. Quando se é pobre, morre-se de fome; quando se é rico, morre-se de ceva. Zola, neurótico desde a infância, acreditava sofrer todas as moléstias imagináveis — resultado, segundo êle, da primitiva penúria e do ulterior excesso. E tinha a saúde de um animal. O que realmente o incomodava não era a falta de fôrças, mas a falta de filhos. Sem filhos, êle se sentia como que incompleto, apenas meio-homem. Por que lhe dera o destino uma espôsa incapaz de preencher as funções da maternidade? Em sua casa vivia outra mulher, Jeanne Rozerot, sua criada de servir. Alta, saudável, de olhos cinzentos, bonitona, fresca, que mãe ideal para seus filhos!

E por que não? Não havia dúvida que ela mal tinha vinte anos e êle já contava cinquenta, estava encanecido e gordo como um capado. Mas, com um regime adequado, podia rejuvenescer 20 anos e perder 20 quilos. Quanto aos seus cabelos grisalhos, serviriam até para lhe dar um ar de maior dignidade aos olhos de Jeanne.

Uma série de restrições drásticas em sua alimentação durante meses — nada de gorduras, massas e bebidas às refeições — deram ao velho professor uma aparência de Fausto remoçado. Montou um apartamento para Jeanne Rozerot e com imensa alegria sua tornou-se pai de duas crianças.

Mas para sua mulher Alexandrine é que já não havia alegria. Ela reclamava, esbravejava, ameaçava deixá-lo, mas acabou por submeter-se ao seu papel de primeira na casa e segunda no coração de Zola. Fez mais do que isso. Há um lema francês que diz: **noblesse oblige** (a nobreza traz obrigações). No caso de Alexandrine aconteceu o contrário: as obrigações trouxeram nobreza. Com uma generosidade filha de sua mágoa, pôs-se em comunicação com a mãe dos filhos de seu marido, fez com que Zola os legitimasse e tomou um interêsse pessoal no bem-estar deles enquanto viveu.

Para demonstrar sua gratidão a Alexandrine, Zola dedicou-lhe seu novo livro, **Le Docteur Pascal**. "À minha cara espôsa, dedico êste livro, que é o resumo e a conclusão de toda a minha obra". Num dos exemplares da edição, contudo, êle pôs uma dedicatória diferente: "Para minha querida Jeanne, que me ofereceu o banquete régio de sua mocidade e que me brindou com a minha Denise e o meu Jacques, os queridos filhos para quem escrevi êste livro, para que saibam... quanto adoro sua Mãe".

Até o fim de seus dias, Émile Zola conservou suas duas relações — sua afeição à "minha cara espôsa" e sua adoração por "minha querida Jeanne".

VI

Concluído o seu romance em dez tomos, sua "luta épica pela verdade", só lhe restava descansar sôbre os lauréis conquistados. Entretanto, foi nessa ocasião que começou sua verdadeira luta.

Essa luta teve como móvel o julgamento do capitão Alfred Dreyfus.

Ao instaurar-se o processo, Zola quase não se interessou por êle. "Mais um judeu acusado de atividades impatrióticas". Zola nunca se importara muito com judeus e, quando jovem, até não gostava deles. Mas, enquanto se desenrolava o processo, começou a perceber qualquer coisa estranha nele. Com a sua prática de observador adquirida no preparo de suas novelas, suspeitou nas acusações contra Dreyfus uma trama para enredar um homem inocente. Pôs-se a estudar o caso. Sua suspeita tornou-se certeza. Uma terrível injustiça estava sendo cometida na sua pátria. Como patriota, era seu dever sagrado reparar tal injustiça. Não era Dreyfus mas a França que estava sendo julgada diante do mundo.

Dreyfus definhava na prisão da ilha do Diabo. "Sou inocente!", gritava sem cessar, crente, em seu desespêro, de que ninguém o ouvia, a não ser as ondas e o vento.

Zola, porém, ouvira e obrigou o mundo todo a ouví-lo também. Escreveu e publicou um panfleto, **J'Accuse** (Acuso), no qual analisou cuidadosamente todo o caso. Nesse panfleto não se limitou a demonstrar a inocência de Dreyfus, mas apontou ainda com seu dedo acusador os homens e as instituições culpadas. "Somente hoje êste caso começa, porque somente hoje foram tomadas as posições; de um lado, os culpados, que não querem que se projete luz sôbre o caso; do outro, os amantes da justiça, dispostos a dar a vida por ela... A minha paixão é só uma, é pela luz... Meu ardente protesto é apenas o grito de minha alma... Que os culpados ousem arrastar-me à barra do tribunal! Um tal ato servirá apenas para precipitar a explosão da verdade e da justiça!".

Houve realmente uma explosão, mas não de verdade e de justiça, porém de ódio e de violência contra Zola. "Abaixo Zola! Abaixo o traidor! O vendido aos judeus!". Sua casa foi atacada. Pedras espatifaram os vidros das janelas e caíram no interior da habitação. Seus livros foram banidos. Êle foi queimado em efígie e atirado no Sena. Um jornal parisiense, **Libre Parole**, clamava pelo assassínio de Zola e o saque de sua casa".

Finalmente o tumulto atingiu o auge. Zola foi prêso por difamação. O julgamento foi uma farsa. Toda vez que o advogado de Zola pedia a uma testemunha qualquer informação que pudesse lançar luz sôbre os fatos, o juiz intervinha: "Impugno a pergunta". No fim do julgamento, Zola perorou eloquentemente, pedindo justiça não para si mas para Dreyfus"... Êle está inocente, juro-o pela minha vida, pela minha honra. Nesta hora solene, perante êste tribunal que representa a justiça humana, diante de toda a França, perante o mundo inteiro, juro que Dreyfus está inocente. Pelos meus quarenta anos de trabalho, pela autoridade que acaso meus esforços me tenham concedido, juro que Dreyfus está inocente. E por tudo o que ganhei, pela reputação que conquistei para mim, pela minha obra que contribuiu para divulgar as letras francesas, juro que Dreyfus está inocente. Que tudo isso se esboroe, que toda a minha obra pereça, se Dreyfus não for inocente. Êle é inocente!...".

E quanto ao seu próprio destino: "Estou calmo... Posso ser condenado aqui. Mas vencerei. Um dia a França há de agradecer-me tê-la ajudado a salvar a sua honra...".

O júri julgou-o culpado do crime de difamação (contra os homens que haviam acusado e encarcerado Dreyfus). Foi condenado a pagar uma multa de 30.000 francos. Sua luta em prol da justiça custara-lhe seu trabalho, sua saúde, sua reputação.

Ei-lo de novo, como há quarenta anos atrás, desprezado, pobre, solitário.

(Do livro "Vidas de grandes romancistas")

A DOENÇA DO ANDRE'

(Continuação da pág. 56)

nos sêres cujo pensamento é ainda vago. De repente, avistou o leito com a mãe lá dentro; e a sua carinha feliz, enrugou-se, decomposta, enquanto gritos furiosos lhe saíam da garganta e se debatia como se o martirizassem.

O pai, admirado, murmurou: "Esta criança tem qualquer coisa", e com um movimento natural levantou-lhe a camisa.

E soltou um ah! de espanto. As barrigas das pernas, as coxas, os rins, todo o trazeiro do pequeno estavam manchados de nódoas azuis, grandes como moedas de vintém.

Noveau gritou: "Mathilde, olha, é horrível". A mãe correu aflita. O centro de cada um das manchas parecia atravessado por uma linha roxa onde o sangue tinha vindo morrer. Era certamente alguma doença terrível e esquisita, o princípio de alguma espécie de lepra, de uma dessas afecções estranhas que tornam a pele ora pustulosa como as costas dos sapos, ora escamosa como a dos crocodilos.

Os pais olhavam-se como doidos. E o notário gritou: "E' preciso ir chamar o médico".

Mas Mathilde, mais pálida do que uma morta, contemplava o filho, manchado como um leopardo. E, de repente, soltando um grito, um grito violento, como se tivesse visto alguém que a horrorizasse, exclamou: "Oh! o miserável?..." M. Moreau, surpreendido, perguntou: "Hein? De quem falas tu? Qual miserável?"

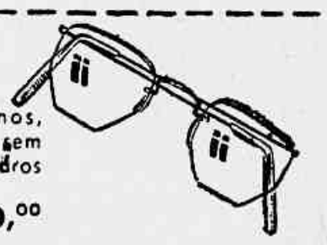
Ela ficou corada até os cabelos e balbuciou: "Nada... é... sabes... adivinho... e... não é preciso chamar o médico... E' com certeza essa miserável ama que belisca o pequeno para o fazer calar quando chora.

O notário, exasperado, foi procurar a ama e esteve quase a bater-lhe. Ela negou com descaramento, mas foi expulsa. E o seu procedimento, assinalado à municipalidade, impediu-a de encontrar outros lugares.

Nº 500

Anel de ouro 18 Kt. com pedra topazio ou ametista

Preço: Cr$ 150,00



Nº 501

Oculos modernos, sem aros, lentes sem grau, ou com vidros verdes

Preço: Cr$ 110,00

Nº 502

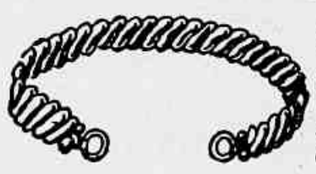
Sensacional: Cordões de ouro 18 qt. com medalha de santos, em ouro, a escolher.

Preço Cr$ 120,00

Anel "Aristocrat", de ouro 18 qt., com rubi.

Preço .... Cr$ 240,00

Nº 503

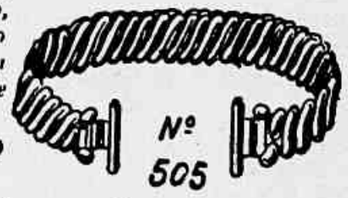


Pulseira elástica, folheada a ouro, com fundo de aço inoxidável, para substituir o cordonet nos relógios de senhoras.

Preço Cr$ 115,00

Nº 504

Pulseira elástica, folheada a ouro, com fundo de aço inoxidável, para relógios de homens Preço. Cr$ 120,00



Nº 505

Nº 506

— Anel "Gentleman" com ouro 18 quilates, pedra rubi.

Cr$ 350,00

Nº 507

— "Color-it", óculos modernos. Lentes de matéria plástica. Bordado de metal dourado.

Cr$ 115,00

AJAX

Aceito representantes em todo o Brasil

CAIXA POSTAL N.º 2821

End. Teleg. "ROSBLITER" — RIO

RUA BUENOS AIRES N.º 90, SALA 402

Peçam catálogos

CONSULTÓRIO DE PSICANÁLISE

(Continuação da pág. 42)

encontro no automobilismo um forte motivo de entusiasmo e alegria. Assim, nada mais natural de que eu desejasse aprender a conduzir automóveis. Meu marido relutou, vendo em pequena deficiência de minha visão um risco permanente. Insisti e, afinal, depois de algumas contrariedades, entrei no curso de uma auto-escola, localizada na rua Vitória, e iniciei a aprendizagem. Todas as manhãs percorria os bairros afastados e, em pouco tempo, meus sensíveis progressos autorizavam-me a afrontar a severidade dos examinadores do Serviço de Trânsito. Tinha, aliás, um excelente professor, paciente, extremamente imbuído de suas responsabilidades, estritamente técnico e preocupado com o seu ofício. Era um preto. E aproximei-me dele com certa contrariedade, decorrente dêsse desgraçado preconceito que, infelizmente, ainda nos domina, extremando, pela coloração do pigmento, sêres humanos. Em breve, porém, a repulsa dos primeiros dias passou. Acostumei-me ao convívio daquele homem. A princípio satisfez-me a sua capacidade profissional; depois fui notando, na correção de suas atitudes, no apuro da vestimenta e, sobretudo, na suavidade de maneiras e na cortesia respeitosa, que ali se encontrava um negro diferenciado. Afeito ao convívio de pessoas de alta condição social, cultivava, com requinte, o bom tom, mas era simples e espontâneo, guardando perante os clientes, sem manifesto rebaixamento, uma atitude discretamente humilde. Passei a admirá-lo pelo contraste entre a sua condição e as suas maneiras. Ali estava um negro finamente educado, um negro de alta linhagem, um "gentleman", em suma. Prosseguimos nos exercícios e eu já estava senhora de todos os segredos do volante, mas a aprendizagem continuava. Quando toda a matéria se esgotou, passamos a palestrar. A princípio êle me transmitia as impressões que lhe deixaram suas antigas discípulas, minhas amigas. E com que graça respeitosa relatava os incidentes ocorridos, a calma e sangue frio de Dulce, o nervosismo incrível de Liliana, a timidez e incapacidade de Edy, que não conseguira terminar o curso. Depois, nossa intimidade mais se dilatou e eu quis saber, talvez com certa quebra de linha, alguma coisa de sua vida, que êle me relatou, com simplicidade: — Alistara-se, quase criança, na Fôrça Policial; sofrera, rudemente, as restrições da disciplina, as brutalidades dos sargentos, as insuficiências do rancho. Passara, depois, para a Guarda Civil, onde a simpatia de um chefe o ajudara a subir e a estudar. Aperfeiçoou-se como motorista, ganhou divisas, ficou a serviço de um dos maiorais. Depois, conseguida a baixa, instalara-se no ofício de mestre de auto-escola. Não se casara, pois desde a infância encontrara-se na contingência de tratar de sua velha mãe enfêrma e de irmãos menores. E ali estava, aos 35 anos, cheio de esperanças no futuro. Êsse interêsse manifestado por mim sempre me pareceu passageiro e displicente, constituindo, quando muito, um processo para alimentar a conversação, nas longas horas de aprendizado. Mas, certa noite, num momento de intimidade com meu marido, veio-me, inexplicavelmente, à lembrança a imagem de meu professor de automobilismo. De repente, na semi-escuridade do quarto, senti que êle me cingia e apertava. Seus braços, grossos e musculosos, comprimiam-me e seus lábios retintos colavam-se aos meus. Quis reagir contra aquela idéia absurda; invoquei, do fundo de meu sêr, as fôrças de uma repulsa imensa, que imaginava residir lá dentro. Mas as fôrças interiores não responderam ao meu apêlo e, em vez da abominação, o que me agitou foi um prazer satânico, inaudito, que sacudia todas as minhas fibras e que me conduzia ao mais esplêndido dos êxtases... Meu marido surpreendeu-se um pouco, pois já se desacostumara de expansões tão fortes... Esperei que o remorso, o companheiro inseparável dos instantes de saciedade, castigasse, exemplarmente, aquela doida fantasia. Mas o remorso também não compareceu e adormeci sossegada. No dia seguinte, às 8 horas, devia continuar as lições. Acordei muito cedo e, meditando nos espantosos acontecimentos da véspera, deliberei faltar. As horas foram passando e, à medida que se escoavam, uma ansiedade funda, uma impaciência, um desejo incontido, derrotaram-me novamente. Compareci, à hora aprazada, porque a presença daquele homem fascinava-me, envolvia-me, tinha uma atração incomparável. Tomando o volante, intenso nervosismo apossou-se de mim e passei a errar todas as manobras, claudicando em tudo, derrubando balizas e não conseguindo, sequer, encostar o carro ao meio-fio. Percebendo o meu estado emocional, mas sem suspeitar de sua proveniência, aconselhou-me a encerrar a lição, deixando-a para momento mais oportuno. E, com uma pontinha de ironia, sublinhou que naturalmente eu devia ter me divertido muito à noite, estando indisposta. Senti um frêmito no coração. Aquêle homem estava a imaginar as delícias de uma noitada alegre, de que eu tivesse participado, talvez a invejar os homens que me sustiveram nos braços, em contradanças, animadas por libações de "whisky"; e todo um mundo ilusório e inacessível lhe perpassaria na imaginação, quando nada disso, na realidade, ocorrera e, de positivo, só existia o impulso louco que para êle me arrastava, desesperadamente... Como o senti humilde e como desejava exaltá-lo, conduzi-lo a meu nível, engrandecê-lo, dançar com êle num salão faustoso, embriagar-me em sua companhia e depois rolarmos juntos num mesmo leito de amor. Quase capitulei, quase me entreguei, quase me perdi para sempre. Turvou-se-me a vista, o coração passou a bater descompassado, uma palidez envolveu-me, suores frios percorreram meu corpo. Senti que a mola da vontade se ia quebrando e se, nesse dia, não me entreguei àquele homem, foi porque, no derradeiro momento, a inibição instintiva ou adquirida, que impede à mulher as primeiras iniciativas em matéria de amor, constituiu a última barreira de resistência, que me redimiu... Êle julgou-me profundamente enfêrma e, tomando o volante do carro, trouxe-me rapidamente para casa. Quando me vi livre e só, senti um alívio profundo. Fui diretamente para o leito, repousar dessa emoção tremenda. Mas agora, volvidos dois dias, nova ansiedade se apossa de mim, dilacerando-me a alma; tenho ímpetos de correr, voar para êle, retirá-lo da tristeza de sua condição subalterna, proclamando, publicamente, que aquêle homem é digno de mim, de minha dedicação, de meu amor. Revolta-me essa barreira intransponível que nos separa e sinto uma piedade imensa do infeliz que nem sequer suspeita de que um mundo de carinhos e ternuras anda ao alcance de um simples gesto seu, de um pequenino aceno de seus braços vigorosos... Não sei que mais fazer para dominar-me e tenho a convicção de que, se novamente defrontar êsse homem, os meus escrúpulos, as inibições de meu pudor, as delicadezas de minha condição de mulher, as considerações da conveniência capitularão ruidosamente, consumando-se o meu grande desejo e a minha desgraça. Eis por que, professor Sheldon, exoro, do fundo de minhalma, o remédio para essa loucura inaudita. Estou certa de que não sobreviverei à vergonha da capitulação, mas estou certíssima de que já não tenho fôrças para evitá-la... Ajude-me, salve-me..."

★

Terminada a leitura da carta, os moços quedaram-se estarrecidos... A que profundas e singulares aberrações não nos conduz a natureza humana... A brincadeira transformava-se numa experiência trágica, em que a vida, com as suas fraquezas, perversões e desvios, espelhava-se em toda uma nudez desconcertante.

Comovidos e pensativos, os estudantes responderam à singular mulher que o seu caso, diante da gravidade e perigo iminente, não comportava experiências psicanalíticas. Reclamava remédio pronto e severo, uma viagem imediata, que correspondesse a uma fuga ao abismo ameaçador. Só pela evasão ao ambiente poderia ela pôr-se a salvo da desgraça, e o tempo, o eterno cicatrizador de todas as feridas, encarregar-se-ia do restante... E ficaram ardendo de impaciência e curiosidade, pelo desfêcho da história...

★

Passaram-se muitos dias. A dama não voltara ao assunto. E os jovens psicanalistas iniciaram uma ansiosa procura, para localizar a personagem misteriosa, menos por essa curiosidade vulgar e bisbilhoteira do que pelo vivo desejo de lhe levar o reclamado auxílio. Mas a tarefa não se apresentava fácil. Verificaram, de pronto, que ela se ocultara sob um pseudônimo e que o endereço que lhes fornecera para resposta era o da portaria de um prédio de apartamentos, onde não lhes puderam dar qualquer informação. Decidiram escrever nova carta, em nome do dr. Sheldon, pedindo notícias e depois foram espreitar, na portaria do prédio, a dama desconhecida. Mas nada conseguiram de positivo. Desanimados de seguir a trilha fugidia, ocorreu-lhes localizar o professor de automobilismo. Foi fácil, à vista das indicações que o davam como proprietário de uma auto-escola, na rua Vitória. Para lá se dirigiram, a pretêxto de contratar um curso de aprendizagem, e defrontaram, pessoalmente, o gentilhomem da dama tresloucada. Esta, com efeito, não exagerara nos encômios à elegância do preto. Vestia-se com apurado gôsto e todo êle irradiava a sedução que se desprende das pessoas distintas. Os estudantes chegaram a pressentir, fugidia mas perturbadora, a emanação de um perfume, que se desprendia de suas vestes... E com que fidalguia conversava sôbre os negócios! A noite vinha descendo e o preto começou a manifestar sinais evidentes de preocupação; consultou o relógio que pendia do pulso. De repente, tilintou o telefone, o preto atendeu-o e, emocionado numa palestra rápida mas decisiva, marcava um encontro para daí a 20 minutos. Os estudantes entenderam, pelas palavras ouvidas, o ajuste entabolado, decidindo, a qualquer custo, desvendar o mistério. Saíram todos, combinando, ainda, na rua, as condições da pretensa aprendizagem. Despediram-se cordialmente e o professor de automobilismo, tomando um carro marron, que estacionava à porta, deteve-se alguns momentos, antes de partir. Sem perda de tempo, os rapazes apanharam um taxi que passava, ordenando que seguisse o carro marron... E marchando cautelosamente naquela pista, seguiram pela avenida Ipiranga, transpuseram a rua Augusta, alcançando a avenida Nove de Julho, onde, transposto o túnel, em breve chegavam ao Jardim América. No meio de uma rua sinuosa, o carro marron parou, de súbito. Os rapazes, despedindo o taxi, esgueiraram-se nas sombras em que a densa folhagem da rua envolvia o local. Com um toque rápido de buzina, o carro marron quebrou o silêncio da noite que descia. Então, da curva da rua surgiu, desfilando pela calçada, a silhueta esguia de uma mulher elegante... Caminhava desconfiada e cautelosa. E foi se aproximando, sorrateiramente... parou por instantes, como se examinasse, com certo receio, a rua silenciosa... e, tranquilizada pela solidão, embarcou, de um salto, no carro marron... De novo o silêncio se quebrara, com o ruído de um motor em movimento... E o carro marron desaparecia, rapidamente, na curva da rua deserta...

A DOENÇA DO ANDRÉ

(Continuação da pág. 19)

A criança debateu-se, berrando a ponto de despedaçar os ouvidos. Então o capitão, exasperado, beliscou mais forte, por tôda a parte, com furor. Apanhava vivamente um refegozinho de carne e torcia-a, apertando-o violentamente, depois deixava-o para agarrar outro, depois outro mais longe, depois um outro ainda. A criança soltava gritos de frango que degolam ou de cão que flagelam. A mãe lacrimosa, beijava-o, acariciava-o, experimentava acalmá-lo, abafar-lhe os gritos com os beijos. Mas André ficava rôxo, como se fôsse ter convulsões e agitava as mãos e os pèzinhos de uma maneira assustadora e enervante.

O capitão disse com voz suave: "Esperimenta pô-lo de novo no bêrço; talvez acalme lá". E Mathilde foi para o outro quarto com o filho nos braços.

Assim que saiu da cama da mãe, gritou menos forte; e logo que entrou no seu, calou-se com grandes soluços, de quando em quando. O resto da noite foi tranquila, e o capitão foi feliz.

Na noite seguinte, ainda voltou. Como falasse um pouco alto, André acordou de novo e pôs-se a gemer. A mãe foi buscá-lo muito depressa; mas o capitão beliscou tão bem, tão fortemente e durante tanto tempo que o miúdo sufocou, os olhos revirados, a espuma nos lábios.

Puseram-no, de novo no berço. Acalmou-se logo.

No fim de quatro dias já não chorava para ir para a cama da mãe.

O notário regressou no sábado à noite. Retomou o seu lugar no lar e no quarto conjugal.

Deitou-se cedo, por estar cansado da viagem; depois, assim que retomou os seus hábitos e cumpriu escrupulosamente os seus deveres de homem honesto e metódico, admirou-se: "Olha, mas André não chora, esta noite. Vai buscá-lo um bocadinho, Mathilde, dar-me-á prazer senti-lo entre nós".

A mulher levantou-se logo e foi buscar a criança; mas assim que se viu na cama, onde uns dias antes, gostava tanto de adormecer, o miúdo aterrorizado, torceu-se e gritou tão furiosamente que foi preciso pô-lo outra vez no berço.

Noveau não vinha a si do espanto: "Que coisa esquisita esta? Que terá êle esta noite? Será sono?

A mulher respondeu: "Foi sempre assim durante a tua ausência. Não pude ir buscá-lo uma única vez".

De manhã, a criança acordada, pôs-se a brincar e a rir, agitando as mãozinhas. O notário enternecido acorreu, beijou o rebento, e levantou-o depois nos braços, para o levar para o leito conjugal. André ria com aquêle riso esboçado dos pequeni-

(Continua na página 58)

O DRAGO

Por Hogart Nº5

O DRAGO

Por Horgart — Nº 6

TEM MEDO? DE QUE?

DAQUELA CASA!

MEDO DE DEL OMBU? A CASA DE MEU PAI... E' IMPOSSIVEL, CONTUDO... TALVEZ HAJA ALGUMA COISA, HA MUITO VENHO SENTINDO ISSO!

DIANTE DA GRANDE MANSÃO...

BEM, CHEGAMOS!

FORAM GENTIS EM ACOMPANHAR-ME.

OUVE ESTA MUSICA? DOM RODRIGO ESTA' DANDO UM BAILE A' FANTASIA.

A CASA ESTA' CHEIA. NÃO POSSO ENTRAR COM O IDOLO! SERIA PERIGOSO, QUE FAZER? SI TIVESSE A CERTEZA... TEREI QUE CONFIAR EM DRAGO!

BEM... NÃO HA OUTRO REMEDIO.

DRAGO, VOU LHE PEDIR UM FAVOR. QUER GUARDAR ESTA ESTATUETA? NÃO ME PERGUNTE POR QUE!

MAS... SIM ESTA' BEM DARBY, GUARDA-LA-EI!

MAS COMO O ENCONTRAREI, QUANDO PRECISAR DELA?

ESTAREI SEMPRE PERTO...

ADEUS, ATE' A PROXIMA VEZ.

ADEUS, DARBY!

TALVEZ SE ENCONTREM MAIS CEDO DO QUE PENSAM

ENQUANTO ISSO, NO INTERIOR DE DEL OMBÚ...

O MENSAGEIRO JA' DEVIA TER CHEGADO, RODRIGO!

E' SIM, DEVE TER ACONTECIDO, ALGO!

SI O IDOLO CAIR EM MÃOS ESTRANHAS NOSSOS PLANOS ESTARÃO SERIAMENTE AMEAÇADOS!

12-9-45

TAPETES ● NACIONAIS, ● FRANCESES, ● INGLESES, ● AMERICANOS, ● PORTUGUESES, ● INDIANOS, ● PERSAS ● (LEGITIMOS), ETC.

Estampados

Nada como as côres — quando bem escolhidas por um bom decorador — para alegrar qualquer ambiente.

Mostramos aqui (e é pena que a reprodução gráfica não dê senão uma ligeira idéia dos desenhos apresentados) uma linda coleção de estampados inglêses — **linhos, cretones, sanderlin** — todos resistentes ao sol e à chuva e se prestam para cortinas, estofos e todos os fins decorativos

Orçamentos e sugestões GRATIS

DECORAÇÕES MODERNAS
MOBILIÁRIOS DE ARTE

Tapetes e passadeiras

ASA MARCA — UNES REGISTRADA

65, RUA DA CARIOCA, 67 - RIO

TAPETES ● NACIONAIS, ● FRANCESES, ● INGLESES, ● AMERICANOS, ● PORTUGUESES, ● INDIANOS, ● PERSAS ● (LEGITIMOS), ETC.

CURIOSIDADES Continental

O AMAZONAS *percorre 5.800 quilômetros de sua nascente à foz, sendo o terceiro rio em extensão de todo o mundo e o que carrega em si o maior volume de águas. No Brasil são fumados diàriamente 350 quilômetros de cigarros Continental. Para cobrir a extensão percorrida pelo Amazonas bastaria ligar os cigarros Continental fumados em 16 dias apenas em todo o Brasil.*

A ENORME preferência que se nota em todo o Brasil pelos cigarros Continental é o mais eloquente atestado de sua superior qualidade. Prefira também CONTINENTAL.

LISO E COM PONTEIRA

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE O MELHOR EM SUA **CLASSE**

COMPANHIA DE CIGARROS *Souza Cruz*